



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO

LEANDRA PATRÍCIA SANTANA DE MOURA

**GÊNERO, RELIGIÃO E TRADUÇÃO: TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
SOBRE A PERSPECTIVA FEMINISTA EM TEXTOS BÍBLICOS**

BRASÍLIA, DF

2022

LEANDRA PATRÍCIA SANTANA DE MOURA

**GÊNERO, RELIGIÃO E TRADUÇÃO: TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
SOBRE A PERSPECTIVA FEMINISTA EM TEXTOS BÍBLICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras - Tradução Inglês da
Universidade de Brasília como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Letras -Tradução
Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Ramos de
Oliveira Harden

**BRASÍLIA - DF
2022**

LEANDRA PATRÍCIA SANTANA DE MOURA

**GÊNERO, RELIGIÃO E TRADUÇÃO: TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
SOBRE A PERSPECTIVA FEMINISTA EM TEXTOS BÍBLICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras - Tradução Inglês da
Universidade de Brasília como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradução
Inglês

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Ramos de
Oliveira Harden

Brasília, 06 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Universidade de Brasília
Orientadora

Profa. Dra. Norma Diana Hamilton
Universidade de Brasília
Examinadora

Ma. Carolina Dias Pinheiro
Universidade de Brasília
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, eles são a minha inspiração de vida, eles que me deram forças para chegar até aqui e sempre se mostraram muito orgulhosos de mim.

Ao meu pai Adelci, eu serei eternamente grata por minha criação, por todo investimento, pelo amor e por todos os momentos especiais vividos. A minha mãe Josane, eu agradeço por sempre acreditar nos meus sonhos e a me ajudar a realizá-los, a senhora sempre esteve presente. Eu amo vocês incondicionalmente, é tudo por vocês.

Aos meus irmãos, Pedro e Adelci, agradeço por todo suporte que me foi dado durante a graduação. Pedro, agradeço por investir em mim desde o começo e por pagar o meu curso de inglês e ao meu irmão Adelci, agradeço por todas as caronas que me foram dadas após as aulas que terminavam tarde.

À minha sobrinha Eloá, um dos maiores presentes que eu recebi, você é a luz da nossa família e eu te amo sem medidas.

Agradeço aos meus colegas de curso Júlia, Fernando, Pedro, Aline, Renata e Maria, os meus parceiros durante todos os semestres, eu levarei vocês para toda a minha vida.

Agradeço a todos os professores da Universidade de Brasília, que desde 2017 contribuiriam para os meus estudos e aprendizagem. Agradecimento especial a minha orientadora Alessandra Harden. Desde a primeira aula de jurídicos eu sou apaixonada pela profissional maravilhosa que a senhora é. Agradeço por todo esforço e por todos os comentários de sugestão, por acreditar em mim e me ajudar a me sentir capaz de realizar esse trabalho e por aceitar me orientar.

Ao meu grande amor, Pedro Leal, que há 5 anos tem sido o melhor presente que a vida poderia me dar, é a minha alegria diária, agradeço por todos os momentos incríveis que tenho ao seu lado e por ter me dado tanto suporte quando entrei para a UnB, durante a graduação e por toda assistência que me foi dada para poder realizar esse trabalho, sem você não teria graça. Eu te amo muito.

Without translation, we would be living in a provinces bordering on silence.

Citação feita por George Steiner, autor do livro
After Babel: Aspects of Language and Translation

RESUMO

Uma das grandes preocupações das mulheres reformadoras do século dezanove era a questão da natureza sexista inserida no texto bíblico e em como seria possível reescrever esses textos por meio da tradução. Segundo Castro e Ergun (2017), essa reescrita do texto através da tradução só seria possível através de uma política feminista, que entendesse que a tradução não é um ato neutro ou de pouca mediação. Desse modo, é iminentemente questionado se a prática da tradução dos textos bíblicos garante a produção de um texto que se aproxime cada vez mais de uma representação adequada da tradução, e que insira o contexto interlinguístico sem que o papel da mulher na sociedade seja menosprezado? A ideia do presente trabalho foi desenvolvida com a intenção de se apoiar no movimento feminista por meio da tradução de dois artigos científicos acerca da tradução feminista da Bíblia, sendo eles: “*Les Belles Infidèles/Fidelity or Feminism? The Meanings of Feminist Biblical Translation*”, 1990, de Elizabeth A. Castelli, e “*Feminist Choices of Early Women Bible Translators*”, 2016, de Elizabeth Ann Remington Willett, como uma forma de possibilitar a publicação desses artigos em revista de língua portuguesa. As traduções dos artigos tiveram como embasamento a teoria funcionalista, de Cristiane Nord (2016), que define que o foco da tradução não é mais a equivalência, mas sim o apanhado do contexto sociocultural da mensagem do texto. Como metodologia, foi utilizada a tradução comentada por notas de tradução pela tradutora. Também foram abordadas o uso da linguagem inclusiva, a linguística de Corpus e terminologia. Esse trabalho também resultou na compilação de um glossário, que apresenta termos sobre a tradução bíblica de cunho feminista. O presente trabalho proporciona uma análise crítica sobre a presença da tradutora como agente político no ato tradutório.

Palavras-chave: Estudos da tradução; tradução de artigo científico; tradução comentada; tradução feminista; textos bíblicos.

ABSTRACT

One of the major concerns from women reformers of the nineteenth century were sexist nature issues inserted in the biblical text and how it would be possible to rewrite these texts through translation. According to Castro and Ergun (2017), this text rewriting through translation would only be possible by a feminist politic, which could understand that translation is not a neutral act, with little mediation. Thereby, it is imminently questioned whether the practice of translating biblical texts guarantees the production of a text that increasingly approaches an adequate representation of translation, that inserts interlinguistic context without neglecting the women's role in society? The idea of this work was developed aiming to support the feminist movement through translation of two scientific articles about feminist translation of the Bible, namely: "*Les Belles Infidèles/Fidelity or Feminism? The Meanings of Feminist Biblical Translation*", 1990, of Elizabeth the Castelli, and "*Feminist Choices of Early Women Bible Translators*", 2016, of Elizabeth Ann Remington Willett, as one way to make possible to publish these articles in a Portuguese language journal. The article's translations were based on the functionalist theory, by Cristiane Nord (2016), which defines that the translation focus is no longer equivalence, but rather the sociocultural context apprehension in the text message. As a methodology, was used the commented translation, in which translation notes are inserted by the translator. As well, the approach of inclusive language, Corpus linguistics and terminology use. This paper also resulted in a glossary compilation, which presents terms on the biblical translation of feminist nature. This work provides a critical analysis on the translator behavior as political agent in the translation act.

Keywords: Translation studies; scientific article translation; translation Commentary; feminist translation; biblical texts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 Imagem retirada do site online <i>Feminist Studies in Religion</i> , de 2015..... | 22 |
| Figura 2 Imagem retirada do site online, de Gruyter, da capa da Revista <i>Open Theology</i> de 2016..... | 23 |
| Figura 3: Imagem da capa do livro de Elizabeth Cady Stanton de 1993..... | 33 |
| Figura 4: Imagem da página inicial do app para celular <i>BÍBLIA JFA Offline</i> | 34 |
| Figura 5: Mapa do processo de tradução..... | 39 |
| Figura 6: Captura de tela do Software <i>AntConc</i> | 42 |
| Figura 7: Captura de tela do software <i>WORDFAST</i> , ambiente para tradução..... | 44 |
| Figura 8: Página inicial do <i>AntConc</i> | 46 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: Ocorrências da frequência pronominal nos textos para pesquisa, com autoras feministas..... | 43 |
|---|----|

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1: Quadro com dados de textos bíblicos..... | 35 |
| Quadro 2: Fatores extratextuais e intratextuais..... | 40 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 13 |
| 2. CARATERÍSTICAS DO ARTIGO CIENTÍFICO..... | 17 |
| 2.1 Apresentando os textos e as autoras..... | 19 |
| 3. GÊNERO, RELIGIÃO E TRADUÇÃO..... | 24 |
| 3.1 Estudos Feministas da tradução e feminismo..... | 24 |
| 3.2 Um pouco da história da tradução Bíblica..... | 29 |
| 3.3 Discurso androcêntrico e Bíblia..... | 31 |
| 4. METODOLOGIA E DISCURSSÃO DA TRADUÇÃO..... | 3 |
| 4.1 Tradução Comentada | 37 |
| 4.2 Tradução Funcionalista | 39 |
| 4.3 Linguística de Corpus e Terminologia | 41 |
| 4.4 Cat Tool | 44 |
| 4.5 Glossário | 45 |
| 4.6 Relatório e Estratégias de Tradução | 46 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 55 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 57 |
| APÊNDICE 1 | 61 |
| APÊNDICE 2 | 67 |
| APÊNDICE 3 | 74 |
| REFERÊNCIAS DAS NOTAS | 82 |
| APÊNDICE 4 | 83 |
| APÊNDICE 5 | 89 |
| APÊNDICE 6 | 101 |

| | |
|-------------------------|------------|
| APÊNDICE 7 | 105 |
| APÊNDICE 8 | 111 |

1. INTRODUÇÃO

Para os cristãos, a Bíblia protestante é importante porque nela contém a voz de Deus, o que a torna um guia de orientação doutrinária, por meio das revelações de Cristo e das leis divinas. Dessa maneira, o cristianismo utilizou a tradução como ferramenta para propagar a mensagem dos escritos sagrados da Bíblia - considerada um dos maiores *best-sellers*¹ do mundo - para a sociedade. De acordo com Deslisle (1995), é inegável a importância que a tradução da Bíblia empregou na história da língua, literatura e crenças do mundo Ocidental. Como resultado das muitas traduções e interpretações, diversos seguidores da Bíblia protestante começaram a empregar um discurso teológico que contribuiu para corroborar com o androcentrismo² como instrumento para pregar a doutrinação da submissão da mulher perante a dominação masculina, justificando suas ações na religião. Assim como é exemplificado por Deslisle, que descreve essa influência da Bíblia na sociedade:

[...] Traduzida para mais de 2000 línguas - parcial ou integralmente -, a Bíblia é o livro de maior circulação em todo o mundo. E as várias traduções bíblicas foram decisivas para atualizar o seu sentido e sua interpretação em momentos críticos da história ocidental. A intensa atividade dos tradutores contribuiu de forma significativa para a emergência e a legitimação dos novos vernáculos - o surgimento das línguas nacionais na Europa, durante a Renascença, e de muitas línguas coloniais nos séculos XIX e XX. (DESLISLE, 1995, p. 177)

Diante disso, embasada no feminismo, que é um movimento que luta contra a exploração sexista e a opressão, paralelamente aos estudos de gênero, a tradução feminista surge como forma de apresentar retraduições e dar créditos às mulheres autoras e tradutoras, que perceberam que muitas histórias são escritas e descritas por homens e no masculino, e muitas vezes excluem o papel das mulheres na sociedade (HOOKS, 2018, p.14). Dessa forma, a tradução feminista ocorre como uma reivindicação necessária para análise do contexto sociocultural ao traduzir, o que não era feito em algumas traduções, como afirma Dépêche (2000):

Partindo-se do princípio que a construção de qualquer sistema de signos representa um ato político e que as línguas naturais se produzem em uma sociedade

¹ A Bíblia cristã foi considerada o maior “Best-selling book” no ano de 2021 pelo Guinness World Records. Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction#:~:text=The%20best%2Dselling%20book%20of%20all%20time%20is%20the%20Christian%20Bible>. Acesso em: 21 abr. 2022.

² “O Androcentrismo é um termo ligado à noção de patriarcado, que considera o homem como o fundamento do todo. Considerando as experiências humanas como masculinas, sem reconhecer a experiência feminina”. Disponível em: <https://unilogos.org/revista/wp-content/uploads/2020/04/ANDROCENRISMO-A-CONSTRU%3%87%3%83O-DA-DOMINA%3%87%3%83O-CULTURAL-MASCULINA.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2022.

hierarquizada a partir do masculino, a tradução torna-se o palco de debates feministas que se inserem no quadro crítico à hegemonia patriarcal excludente do pensamento ocidental. Portanto, os problemas encontrados na tradução revelam-se muito menos de origem linguística — como se pensou até uns trinta anos atrás — e muito mais de natureza cultural. (DÉPÊCHE, 2000, p. 159)

Dessa maneira, os Estudos Feministas da Tradução têm se consolidado como campo de pesquisa e requerem que o resgate histórico de traduções de textos bíblicos que culturalmente invisibilizaram a mulher devam ser pesquisados e estudados para que haja uma análise crítica que possa ressignificar a visão patriarcal e discriminatória que inferioriza as mulheres. Assim como é destacado por Santos e Musskopf (2018, p. 335): “Nesse sentido, identificar raízes patriarcais na interpretação bíblica é um dos passos importantes no processo de despatriarcalização das tradições interpretativas”.

A tradução como uma prática que direciona a interpretação do significado de um texto em determinada língua, criando um texto que pretende ou que acredita ser equivalente em outra língua teve e tem um papel fundamental na construção de histórias e culturas, (DESLISLE, 1995). De maneira que a função da tradução de uma mensagem para uma sociedade muitas vezes pode influenciar a manipulação de reprodução de termos misóginos que desvalorizam a mulher, assim como afirma Dépêche (2000) citando Brisset (1985, p. 197):

A tradução pressupõe estratégias tanto de (re)leitura, quanto de (re)escrita, uma (re)avaliação dos produtos de partida e chegada, bem como das táticas empregadas para essa passagem estreita. Ora, qualquer estratégia se inscreve em uma rede de poder, pois “[...] o texto é a encarnação de uma luta política conduzida [...] e interpretada, dentro de um quadro ideológico”, portanto, nenhum texto é puro ou inocente e a tradução, na sua qualidade de re-produtora, agrava e desdobra a violência das manipulações, “[...] modificando e deslocando o quadro ideológico do texto e os movimentos políticos subjacentes. (DÉPÊCHE, 2000, p. 158)

Devido à imensa influência que a tradução exerce na sociedade, se faz necessário debater e refletir em como textos traduzidos contribuíram para a desvalorização das mulheres. Desse modo, o debate feminino busca entender como algumas traduções de natureza cultural se tornaram tão machistas. É necessário considerar que tradutores são indivíduos com posições políticas, interessados e comprometidos com seus interesses pessoais. Trazendo uma visão da/o tradutora/or como agente que tem participação nos resultados dos textos que traduzem. Por isso, Baker (2018) defende que o processo tradutório, deve considerar o avanço das lutas feministas contra a reprodução de textos machistas na tradução.

Logo, como estudante de letras tradução inglês, que durante os primeiros anos de graduação se identificava como cristã evangélica, de denominação batista protestante e

praticante, foi desafiador entender que tudo aquilo que me foi ensinado eram conceitos bíblicos, muitas vezes com interpretações problemáticas e culturais os quais eu não acreditava e que não faziam mais sentido para mim. Como corolário desse processo de desconstrução, a eleição de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da República em 2018 – político da extrema-direita e que foi eleito com um discurso extremamente machista e com um apoio determinante de pastores evangélicos – foi crucial para me afastar do cristianismo e da instituição igreja.

Vale ressaltar que, ainda durante o início da graduação esta estudante realizou cursos e *workshops* sobre tradução, um deles cooperando para realizar a tradução de uma Bíblia de acesso livre (Bíblia NVA, 2020), pela associação Wycliffe. Entretanto, após muitos estudos sobre a Bíblia, foi entendido que alguns textos bíblicos ali traduzidos não me representavam como uma mulher feminista que luta pelos direitos das mulheres.

Por fim, essa combinação entre igreja e política, exemplificada pelo apoio de líderes evangélicos aos discursos preconceituosos realizados por Jair Bolsonaro, usando textos bíblicos manipulados e tirados de contexto para mobilizar seus apoiadores e para alienar a população foram cruciais para determinar a minha convicção contra a união da política com a igreja.

Portanto, após estudos realizados durante a graduação sobre a tradução feminista e os questionamentos em relação ao feminismo e ao cristianismo, surgiu o presente trabalho. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é apresentar uma proposta de tradução da língua inglesa para a língua portuguesa brasileira de dois artigos científicos acerca da tradução feminista da Bíblia, sendo eles: “*Les Belles Infidèles/Fidelity or Feminism? The Meanings of Feminist Biblical Translation*”, 1990, de Elizabeth A Castelli, o qual o texto embasou a maior parte do trabalho e “*Feminist Choices of Early Women Bible Translators*”, 2016, de Elizabeth Ann Remington Willett.

Sendo assim, os objetivos deste trabalho incluem:

- i. Traduzir e transformar esses artigos em textos que possam ser publicados em revistas brasileira;
- ii. Evidenciar o assunto de traduções bíblicas feministas;
- iii. Fazer uma crítica ao discurso androcêntrico e elaborar um apanhado histórico de teóricos de gênero e tradutoras feministas;
- iv. Corroborar com o movimento de desconstrução do discurso machista pregado em instituições cristãs, realizando uma análise crítica sobre a tradição cristã e a interpretação patriarcal da Bíblia;

- v. Dar visibilidade ao jornal de estudos feministas da religião o qual um dos artigos traduzidos foi publicado, o *Journal of Feminist Studies in Religion*, e a *Open Theology*, que é uma revista acadêmica internacional que aborda temas da religião em aspectos histórico, teológico, sociológico e psicológico.

O processo de tradução dos artigos aqui apresentados teve como base a teoria funcionalista de Cristiane Nord (2016). Deste modo, foram preservados a mensagem do texto, havendo apenas a mudança dos textos originais para a formatação da ABNT³, usado academicamente, padronizando-os ao que é utilizado no Brasil. Durante a tradução realizada nesse trabalho, foi utilizada a linguagem inclusiva⁴, ou não sexista, com o objetivo de não invisibilizar nenhum grupo, apesar de que os texto fontes já apresentam essa inclusão no inglês.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos, um glossário, e a apresentação das traduções. O primeiro capítulo consiste em uma apresentação geral dos artigos e das autoras, e uma análise do artigo como gênero textual. O segundo capítulo aborda a fundamentação teórica do trabalho, retratando a importância da tradução desses artigos em prol dos Estudos da Tradução e quais são as questões que trazem problemas à prática da tradução feminista. O terceiro capítulo expõe a metodologia utilizada na tradução com a introdução do conceito de Linguística de Corpus e como o Corpus foi utilizado para apoiar a tradução e a terminologia, seguindo da apresentação da CAT Tool utilizada.

Após, foi desenvolvida uma discussão acerca do processo tradutório, com alguns exemplos das escolhas e dúvidas durante o trabalho de tradução e da preparação do texto de partida e texto de chegada. Ademais, foi elaborado um glossário para dar suporte ao processo tradutório e as considerações finais. Por fim, são apresentadas as traduções dos artigos em texto corrido e em tabela. Nos anexos contidos ao final do trabalho estão apenas algumas páginas, ou excertos dos textos originais e das traduções, por questões de direitos autorais.

³ ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, é uma organização responsável pelas normas técnicas do Brasil, promovendo o desenvolvimento tecnológico do país. **ABNT**. Quem somos. Disponível em: <https://www.abnt.org.br/institucional/sobre>. Acesso em: 18 fev. 2022.

⁴ A linguagem inclusiva é responsável por comunicar sem excluir ou invisibilizar nenhum grupo social, sem alterar as regras da língua falada e escrita. FOLTER, Regiane. Linguagem inclusiva e linguagem neutra: entenda a diferença! **Politize**. 09 março. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/>. Acesso em: 18 fev. 2022;

2. CARACTERÍSTICAS DO ARTIGO CIENTÍFICO

Os artigos científicos são uma publicação acadêmica de autoria declarada que apresenta sistematicamente os resultados de uma pesquisa, expondo os conceitos, ideias, métodos, técnicas e processos das diversas áreas do conhecimento, contribuindo assim para a disseminação do conhecimento científico. Desse modo, nesse capítulo serão apresentadas as visões gerais das características específicas dos artigos científicos em inglês e em português, e em como esses textos foram preparados para receber a tradução. Assim como, uma descrição sobre os aspectos teóricos e informativos contidos nos artigos que aqui foram traduzidos e sobre suas autoras.

Os artigos científicos em inglês servem para que os cientistas comuniquem suas ideias e descobertas para a comunidade científica, normalmente esses artigos são publicados em periódicos ou em conferências específicas do seu campo de estudo. Cada artigo contém uma área específica de estudo e uma determinada estrutura a se seguir, com estilos de linguagens específicos. (SCHUSTER, LEVKOWITZ e OLIVEIRA, 2014, pg. 20-21)

A estrutura clássica dos artigos científicos em inglês, de acordo com Schuster, Levkowitz e Oliveira (2014), contém:

- a) Informações Gerais:
 - Título, autor e afiliação
 - Resumo
 - Introdução
- b) Informações Específicas:
 - Métodos e materiais
 - Resultados e Discussões
- c) Informações Gerais:
 - Conclusões
 - Referências

E o formato específico da estrutura e escrita do artigo científico em inglês incluem esses componentes citados abaixo no livro *Writing Scientific Papers In English Succesfully*, (SCHUSTER, LEVKOWITZ e OLIVEIRA, 2014, p. 22),:

1. Título: Uma breve declaração da proposta do artigo, com ênfase em destacar o conteúdo apresentado.

2. O nome do autor, com a afiliação e as informações de contato.
3. Resumo: uma breve síntese, explicando o conteúdo do artigo.
4. Introdução: uma breve descrição do problema e do levantamento crítico que será apresentado no corpo artigo.
5. Métodos e Materiais: nessa parte o autor deve fornecer os detalhes sobre a formatação, preparação, infraestrutura e experimentos utilizados para chegar no resultado da pesquisa.
6. Resultados e Discussões: apresentação dos dados, interpretações e discussão dos resultados.
7. Conclusões: descrição do que se pode concluir com os achados dessa pesquisa.
8. Referências: fontes de pesquisa utilizada para realizar o relatório do trabalho.

Embora não tenha sido citado pelos autores, durante o desenvolvimento do trabalho foi realizado um tópico sobre fundamentação teórica, muito importante para o progresso do artigo, como forma metodológica.

Já os artigos científicos em língua portuguesa, são definidos como pequenos estudos de cunho científico que apresentam resultados ou pesquisas em trabalhos que são publicados em revistas ou periódicos. Os artigos científicos podem ser documentais, bibliográficos ou de campo, e necessitam de publicação para que a metodologia, o processamento e os resultados obtidos na pesquisa sejam conhecidos.

De acordo com Marconi e Lakatos, no livro “Fundamentos de Metodologia Científica” (2003), o corpo do artigo é dividido em Introdução, Material e Método, Resultados, Discussão e Conclusões. Porém, essas divisões usualmente seguem uma ordem lógica, sem muitas subdivisões. Dessa maneira, a estrutura do artigo em português se aproxima bastante do artigo em inglês, mudando somente a questão de não haver necessidade de referências.

A estrutura do artigo científico apresentada por Marconi e Lakatos (2003, p. 259), contém as seguintes partes:

- Preliminares:
 - Cabeçalho: título e (subtítulo do trabalho)
 - Autor(es)
 - Credenciais do(s) autor(es)
 - Local de atividades
- Sinopse
- Corpo do artigo

- Introdução: apresentando assunto, objetivo, metodologia, limitações e proposições
- Texto: com exposição, explicação e demonstração do material; assim como a avaliação dos resultados e comparação com outras obras ou pesquisas anteriores
- Comentários e Conclusões: deduções lógicas, baseadas e fundamentas no texto, de forma resumida
- Parte Referencial
 - Bibliografia
 - Apêndices ou anexos

Os dois artigos que foram traduzidos para esse trabalho não seguem fielmente a estrutura padrão do artigo em inglês: o artigo *Les Belle Infidèles/Fidelity or Feminism? The meanings of Feminist Biblical Translation*, não apresenta um resumo no início, nem as metodologias ou materiais utilizados, mas é dividido em tópicos. Já o artigo *Feminist Choices of Early Women Bible Translators*, não apresenta um tópico específico de conclusão, mas é dividido em tópicos nomeados.

Como forma de deixar a tradução preparada para publicação em revista ou periódico brasileiro, foi realizada a formatação do texto baseado nas diretrizes, formatação e padrões estilísticos do periódico eletrônico “Belas Infieis”, do programa de pós-graduação em Estudos da tradução da Universidade de Brasília. Algumas das principais condições para submissão nesse periódico são: Seguir o padrão estilístico da American Psychological Association (APA) e apresentar notas de fim, por meio de referências.

2.1 Apresentando os textos e as autoras

Os textos traduzidos foram dois artigos que abordam os significados da tradução bíblica feminista, especialmente no Novo Testamento da Bíblia. A autora do primeiro artigo é a professora Elizabeth A. Castelli, e *Les Belle Infidèles/Fidelity or Feminism? The meanings of Feminist Biblical Translation (Special Section on Feminist Translation of The New Testament)* é o nome do artigo. O artigo faz parte do *Journal of Feminist Studies in Religion*, Volume 6. Número 2 (Outono, 1990), páginas 25-39.

O artigo aborda alguns problemas teóricos e filosóficos incorporados nas práticas tradutórias e quais são os passos iniciais em um projeto de tradução feminista. O texto é dividido em introdução e mais seis tópicos, abaixo divididos:

1. Sobre a tradição bíblica, a filosofia da linguagem e o método feminista da tradução.
2. Aborda como o processo de tradução é realizado.
3. Surge uma indagação sobre o porquê de o texto original ser considerado masculino, e o porquê de sua derivação ser considerada feminina.
4. Apresenta finalmente o conceito de fidelidade embasado na noção de *les belles infidèles*, que faz parte do título do artigo.
5. Discute os efeitos da linguagem no leitor.
6. Conclusão, abordando a cooperação do tradutor com a autora.

O segundo artigo discutido é o *Feminist Choices of Early Women Bible Translators*, de Elizabeth Ann Remington Willet, e faz parte da revista *Open Theology*, Volume 2. Primeira edição. (Janeiro, 2016), páginas 400-404. O artigo aborda as traduções realizadas por duas das primeiras tradutoras da Bíblia, a Júlia E. Smith e a Helen Barret Montgomery, e apresenta as diferenças nos propósitos das traduções das duas. O artigo é dividido em um resumo sobre o que seria a obra; a segunda parte trata sobre a contextualização da tradução de Júlia E. Smith; a terceira parte apresenta o contexto de tradução de Helen Barret Montgomery; a quarta parte apresenta texto bíblicos selecionados, que foram traduzidos por ambas as tradutoras e uma comparação com a edição revisada; e por último contém as referências bibliográficas.

Ambos os textos são exemplos do gênero textual “artigo científico”, e de acordo com Nassi-Calò (2016), os artigos científicos em língua inglesa, por ser um idioma compreendido pela maioria dos pesquisadores é o mais comum da ciência mundial. De tal modo, os artigos aqui traduzidos foram escritos em língua inglesa.

Para seguir os padrões que caracterizam o gênero textual, ambos os textos apresentam título, autor, afiliação, introdução (não contém resumo antes da introdução, no primeiro artigo), e através dos tópicos apresentam a discussão do tema sobre os significados das traduções feministas, juntamente com a conclusão (no segundo artigo, a conclusão não é explícita). O primeiro artigo que foi traduzido nesse trabalho contém catorze páginas de 25 a 39 e trinta e duas laudas, o texto apresenta cerca de quarenta e cinco notas de comentário da escritora. O artigo foi publicado pela editora FSR, Inc.

O segundo artigo traduzido nesse trabalho contém cinco páginas de 400 a 404 e doze laudas, o texto apresenta dezesseis comentários da escritora, e foi publicado pela DE GRUYTER OPEN.

A autora do primeiro artigo é Elizabeth Castelli, autora e professora de religião na Barnard College, uma faculdade particular de artes, historicamente voltada somente para mulheres, em Nova York.

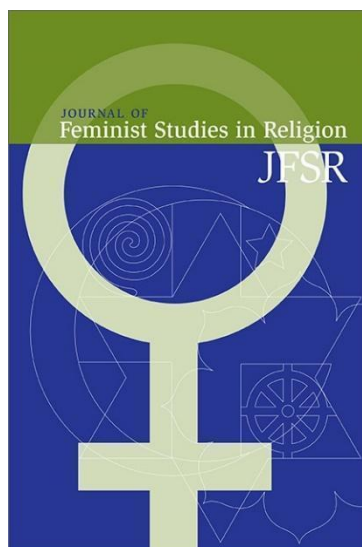
Castelli, é especializada em estudos bíblicos, cristianismo, estudos feministas em religião, teoria e método no estudo da religião, com foco particular nos efeitos posteriores de textos bíblicos e cristãos primitivos, incluindo a citação da Bíblia e textos cristãos antigos. Em seu livro *Women, Gender, Religion: Troubling Categories and Transforming Knowledge* (2001), Castelli exemplifica a sua visão da “Mulher”:

Para apresentar de forma esquemática: as “Mulheres” são historicamente, discursivamente constituídas, e sempre relativas a outras categorias que se modificam; as “mulheres” são uma coletividade volátil em que as pessoas do sexo feminino podem ser posicionadas de maneiras muito diferentes... A história do feminismo também é uma luta contra identificações excessivamente zelosas; e o feminismo deve negociar as areias movediças das “Mulheres” que não lhe permitirão se estabelecer nem em identidades e nem em contra identidades, mas que o condenam a uma incessante luta por um breve ponto de apoio... Pode alguém habitar totalmente um gênero sem um grau de horror? (CASTELLI, 2001, p.1)⁵ (Tradução nossa)

Castelli também produz fontes teóricas para vários debates em expressões culturais e políticas, ela foi autora do artigo aqui traduzido proveniente da revista *Journal of Feminist Studies in Religion*, a mais antiga revista acadêmica feminista interdisciplinar e inter-religiosa em estudos religiosos. A revista é um canal para a publicação de estudos feministas em religião e um fórum para discussão e diálogo entre mulheres e homens de diferentes perspectivas feministas. Seus editores estão comprometidos com o pensamento e a análise rigorosa a serviço da transformação dos estudos religiosos como disciplina e da transformação feminista das instituições religiosas e culturais.

⁵ “To put it schematically: "women" is historically, discursively constructed, and always relative to other categories which themselves change; "women" is a volatile collectivity in which female persons can be very differently positioned The history of feminism has also been a struggle against over-zealous identifications; and feminism must negotiate the quicksands of "women" which will not allow it to settle on either identities or counter-identities, but which condemn it to an incessant striving for a brief foothold Can anyone fully inhabit a gender without a degree of horror?” (CASTELLI,2001, p.5) (Tradução nossa)

Figura 1: Imagem retirada do site online *Feminist Studies in Religion*, de 2015

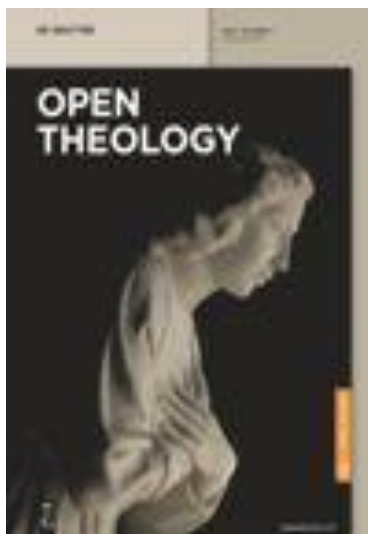


Fonte: Elaboração da autora

A figura 1, representa a foto da capa da revista, a qual o artigo foi retirado. Esse volume é do ano de 1990 e todas as autoras dos seis artigos das seções especiais são mulheres. O artigo principal da Revista fala sobre a perspectiva feminina e o artigo usado para o presente trabalho faz parte da seção especial da Revista e é o primeiro artigo dessa seção, com o tema principal de *Feminist Translation of the New Testament*.

O segundo texto, no entanto, faz parte da revista *Open Theology*, uma revista de conteúdo acadêmico internacional de livre acesso que compila artigos em inglês sobre alguns aspectos da religião, como: histórico, teológico, sociológico e psicológico. O objetivo principal da revista é promover o diálogo internacional da revista e o campo da Teologia dos Estudos da Religião. O artigo aqui traduzido faz parte de um tópico com a temática de tradução da Bíblia na revista e foi escrito por Elizabeth Ann Remington Willet, em maio de 2016.

Figura 2: Imagem retirada do site online, de Gruyter, da capa da Revista Open Theology de 2016



Fonte: Elaboração da Autora

A figura 2, representa a capa da revista a qual o artigo foi publicado, o artigo está seccionado no tópico sobre tradução bíblica. Willet, a autora do artigo é uma consultora sênior de tradução, especializada em tradução da Bíblia em Hebraico, com foco em abordagens feministas na Bíblia e a tradução da Bíblia por mulheres.

Os estudos sobre gênero, religião e tradução feminista são de extrema importância para os Estudos da Tradução, visto que por meio da tradução as mais diversas culturas ao redor do mundo são alcançadas. Em concordância com o que já foi abordado, reitero que o objetivo deste trabalho é dar visibilidade aos artigos da revista que trabalham com a perspectiva feminista, podendo trazer luz a uma nova interpretação dos textos bíblicos da bíblia protestante, traduzidos erroneamente ou que são interpretados de forma equivocada. Os artigos não contêm tradução oficial para a língua portuguesa, por isso, este trabalho pode servir como material para pesquisa acadêmica, e poderá ser publicado em revistas brasileiras.

3. GÊNERO, RELIGIÃO E TRADUÇÃO

Neste capítulo de fundamentação teórica, foram explorados como a tradução feminista exerce historicamente um importante papel para a evolução da prática tradutória de textos que documentadamente menosprezam as mulheres. Foram apresentados os temas do contexto histórico dos Estudos Feministas da Tradução, e um apanhado geral sobre a influência do feminismo para a tradução, expondo a/o tradutora/or como agente político desde a escolha do texto, até o processo de tradução. Em seguida, também foram apontados a história da tradução bíblica e em como o discurso androcêntrico é sustentado por alguns textos bíblicos.

Desse modo, ao abordar as relações entre Bíblia, feminismo, gênero, tradução e cultura, é possível explicar, justificar, validar e basear as decisões da/o tradutora/or durante o ato do processo tradutório.

3.1 Estudos Feministas da Tradução e feminismo

A tradução exerce um ato de transformação, tanto do contexto a qual o texto está inserido, assim como as questões de identidade propostas pelo texto a ser traduzido, podendo praticar uma reflexão sobre as questões de modificação que devem ou não ser aceitas e validadas (COSTA E AMORIM, 2019, p.1231). Desse modo, as abordagens feministas da tradução têm como propósito inicial a resistência⁶, de maneira a desafiar o predomínio de qualquer forma de dominação. Sendo assim, a tradução feminista é uma práxis de construção de sentido político, e tende a contestar as relações de hegemonia nos aspectos da tradução. Os estudos feministas da tradução buscam identificar preponderações que causam discriminação de gênero na tradução, como uma maneira de reivindicar a igualdade de gênero. Essa intervenção discursiva busca contribuir para uma justiça social por meio da tradução.

Os Estudos da Tradução, com enfoque em estudos de gênero, buscam compreender as diferenças culturais mantidas, aumentadas e/ou diminuídas no ato tradutório, Luise von Flotow percebe em seu texto qual a necessidade de se atentar a esses detalhes culturais:

[...] toda tradução se depara com negociações da diferença cultural. E como o feminismo significa algo diferente em cada cultura, a questão é intensificada em textos onde o gênero está em primeiro plano. No despertar das conferências internacionais de mulheres, onde mulheres de todas as partes do mundo lutam para chegar a um consenso sobre questões que se tornam sensíveis precisamente por causa de diferenças culturais, étnicas e religiosas, fica claro que a tradução é um fator

⁶ “Ato ou efeito de resistir. Força que se opõe a outra, que não cede a outra. Força que defende um organismo do desgaste de doença, cansaço, fome, etc. Aquilo que se opõe ao deslocamento de um corpo que se move.” Resistência. **Dicionário Informal**. 01 dez, 2008. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/resist%C3%Aancia/>. Acesso em: 22 fev. 2022.

importante tanto para facilitar quanto para dificultar a compreensão. O estudo das traduções pode ajudar a desvendar as diferenças culturais entre as mulheres, localizando-as abaixo das superfícies dos textos, analisando e compreendendo os contextos políticos e sociais que produzem tais diferenças. (FLOTOW, 1997, p. 92)⁷

De acordo com Simon (1996), os Estudos da Tradução tiveram os desenvolvimentos mais importantes após a década de 1980, juntamente com a “virada cultural”, a qual os teóricos da tradução deixaram de questionar sobre o que seria uma tradução correta, para questionarem sobre a abordagem descritiva e em como a tradução era recebida pelo mundo. Desse modo, os Estudos da Tradução e o feminismo se juntaram como campo de investigação sobre os pontos centrais de questionamento do feminismo, dentre eles estão:

Desconfiança sobre as hierarquias tradicionais e dos papéis de gênero, uma profunda suspeita das regras que definem a fidelidade e o questionamento de padrões universais de significado e valor. Tanto o feminismo, quanto a tradução estão preocupados com o modo como a “secundariedade” vem a ser definida e canonizada; ambos são ferramentas para uma compreensão crítica da diferença representada na linguagem. As questões mais convincentes para ambos os campos permanecem em: como as diferenças sociais, sexuais e históricas são expressas na linguagem e como essas diferenças podem ser transferidas entre as línguas? Quais tipos de fidelidades são esperados de mulheres e tradutoras – em relação aos termos mais poderosos de suas respectivas hierarquias? (SIMON, 1996, p. 8)⁸ (tradução nossa)

A primeira escola que se interessou pelos Estudos da Tradução feminista foi a escola canadense de tradução feminista, no final da década de 1970 e surgiu como um importante debate sobre a relação entre tradução e gênero. Os Estudos Feministas buscavam apresentar outras formas de tradução, considerando as práticas que historicamente inferiorizavam as mulheres e os tradutores, que eram considerados figuras abaixo dos autores e dos homens (SIMON, 1996, p.1).

Diante disso, os Estudos Feministas da Tradução, juntamente com as tradutoras canadenses, buscavam identificar e criticar traduções que inseriram as mulheres e as tradutoras

⁷ “All translation is faced with negotiating cultural difference. And since feminism means something different in every culture, the issue is heightened in texts where gender is foregrounded. In the wake of international women's conferences where women from every part of the world struggle to reach consensus on issues rendered sensitive precisely because of cultural, ethnic and religious differences, it is clear that translation is an important factor both in facilitating and in hindering understanding. The study of translations can help untangle cultural differences between women, locating them below the surfaces of texts, analyzing and understanding the political and social contexts that produce such differences.” (Flotow, 1997, p.92) (Tradução nossa).

⁸ “The distrust of traditional hierarchies and gendered roles, deep suspicion of rules defining fidelity, and the questioning of universal standards of meaning and value. Both feminism and translation are concerned by the way “secundariness” comes to be defined and canonized; both are tools for a critical understanding of difference as it is represented in language. The most compelling questions for both fields remain: how are social, sexual and historical differences expressed in language and how can these differences be transferred across languages? What kinds of fidelities are expected of women and translators—in relation to the more powerful terms of their respective hierarchies?” (SIMON, 1996, p. 8) (Tradução nossa)

em um lugar de submissão e inferioridade. Algumas das estratégias usadas pela escola, como forma de evidenciar a mulher na tradução se baseavam em ler, reescrever e escrever os textos no feminino, essa era uma maneira de manter uma mesma história fora daqueles valores masculinos. Essas estratégias também incluíam construir contextos que evidenciavam a sexualidade e o erotismo feminino para desenvolver esse vocabulário carente. Elas também usavam estratégias como o *supplement*⁹, *prefacing*, *footnoting*¹⁰ e *hijacking*¹¹, que eram uma forma das tradutoras fazerem intervenções políticas nos textos traduzidos com a intenção de “corrigir” os problemas misóginos e “feminizar” a linguagem, Flotow (1991, p. 19).

A escola canadense exerceu um papel fundamental para os avanços dos Estudos da Tradução, gerando grandes reflexões acerca da valorização da mulher na tradução. De tal maneira que a tradução feminista considerava identificar o contexto sociocultural e os aspectos linguísticos que o texto estava inserido e as tradutoras se posicionavam como agentes ativos durante o processo tradutório, requestando a tradução de significados e não somente de palavras. (CASTRO, 2016). Essa era uma maneira de desvincular a necessidade da/o tradutora/or ser totalmente fiel ao texto. De acordo com Flotow (1997), as tradutoras feministas exploravam os significados dos textos bíblicos, afim de expressar um texto desprovido de reproduções machistas, assim como é exemplificado:

As revisões feministas da Bíblia não procuravam mudar o conteúdo do texto, mas estavam preocupadas com a linguagem que esse conteúdo é expresso. No entanto, ao revisar a linguagem essas versões mudam consideravelmente o tom e o significado das histórias. As áreas mais problemáticas e as soluções propostas são discutidas nas introduções de ambas as obras, dando uma boa ideia da abordagem dos tradutores à linguagem convencional patriarcal da Bíblia.¹²(FLOTOW, 1997, p.53)

A prática feminista da tradução tem como objetivo criar pontes entre as mulheres ao redor do mundo, por meio do resgate de textos de mulheres que historicamente foram esquecidos. Buscando dar uma maior visibilidade ao trabalho de tradutoras, foram utilizados alguns textos como fonte de estudo para este trabalho: a primeira delas foi Sherry Simon, uma

⁹ “estratégia de ‘sobre-tradução’, compensa as diferenças entre línguas e constitui uma ação voluntária por parte da tradutora feminista” (DÉPÊCHE, 2000, p, 175).

¹⁰ “constitui uma exploração periférica, a dos prefácios, posfácios e notas de pé de página”. (DÉPÊCHE, 2000, p, 175).

¹¹ “(sequestro aéreo) reencontra a ‘infidelidade criativa’ (DÉPÊCHE, 2000, p, 177).

¹² “Feminist revisions of the Bible do not seek to change the content of the text; they are concerned with the language in which this content is expressed. Yet by revising the language, these versions change the tone and meaning of the stories considerably. The more problematic areas and proposed solutions are discussed in the introductions to both works, giving a good idea of the translators' approach to the Bible's conventionally patriarchal language.” (FLOTOW, 1997, p. 53)

tradutora canadense, conhecida por seu trabalho sobre tradução e gênero, o livro usado para pesquisa foi o *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission* (1996); a segunda tradutora para pesquisa, foi Luise von Flotow, uma professora, tradutora e intérprete com foco em gênero na tradução, o livro usado foi *o Translation and Gender: Translating in the "era of Feminism"* (1997); a terceira e a quarta foram Emek Ergun, uma professora de assuntos da mulher e estudos de gênero e Olga Castro, professora de Estudos da Tradução, ambas são autoras do livro *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* (2017).

Para entender um pouco mais sobre a importância do feminismo para os Estudos da Tradução, é relevante explicar o que foi esse movimento. Segundo Bell Hooks (2018) o feminismo é um movimento para acabar com a exploração sexista,¹³ e a opressão. Ou seja, o feminismo é uma série de movimentos sociopolíticos que lutam pela igualdade de direito, política, econômica, social e pessoal da mulher na sociedade, assim como luta contra a violência de gênero.

Para lutar contra a exploração sexista, é preciso políticas voltadas para o público feminino e conscientização. Apesar de já estar repetitivo, é sempre bom lembrar que a mulher precisa ter direito a educação, a igualdade salarial, a proteção contra a violência doméstica, a prevenção, a utilização de métodos contraceptivos e ao aborto. Todos os tópicos supracitados são lutas que o feminismo procura vencer, mas segundo (HOOKS, 2018, p. 21):

As políticas feministas estão perdendo o momentum porque o movimento feminista perdeu suas definições claras. Temos essas definições. Vamos recuperá-las. Vamos compartilhá-las. Vamos recomeçar. Vamos fazer camisetas e adesivos para o carro e cartões-postais e música hip-hop, comerciais de TV e rádio, anúncios em todos os lugares e outdoors e todas as formas de material impresso que fale para o mundo sobre feminismo. Podemos compartilhar a simples, porém poderosa, mensagem de que o feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista. Vamos começar por aí. Que o movimento comece novamente. (HOOKS, 2018, p. 21)

A conscientização de que o feminismo é um movimento que luta pelo direito de todas as mulheres é extremamente importante para que mais mulheres entendam e lutem contra o sistema de dominação. Só assim será possível se livrar da vitimização, da exploração e da opressão. Os grupos feministas precisam se juntar para criar intervenções transformadoras,

¹³ Sexismo, é um ato de discriminação ou objetificação sexual baseadas no gênero. Disponível em: hypes.com.br/2021/09/o-que-e-sexismo-e-porque-ele-e-uma-ameaca-a-equidade-de-genero/. Acesso em: 22 fev. 2022.

sendo necessário tratar primeiro o sexismo dentro de si para assim assumir uma verdadeira bandeira de políticas feministas. (HOOKS, 2018, p. 23)

Desse modo, pode-se entender a tradução como um ato que não é neutro, mas sim importante para a produção de identidades, conhecimentos e encontros interculturais. Esse é um debate crescente e está reconfigurando a tradução feminista como uma força substancial em forma de ativismo (CASTRO & ERGUN, 2017). Ou seja, os Estudos Feministas da Tradução são uma ação de política de gênero, de justiça e de igualdade, assim como é exemplificado por Castro e Ergun, (2017):

Enfatiza o papel crítico da tradução na trans/formação dos movimentos feministas, local e transnacional, diacrônica e sincronicamente. Então, nossa definição de feminismos não é apenas no plural, mas também interseccional e interconector – ele destaca simultaneamente a natureza interligada dos sistemas de opressão locais e globais, bem como a interdependência transfronteiriça de discursos e movimentos de resistência contra a opressão.”¹⁴ (CASTRO E ERGUN. 2017, p.2-3). (Tradução nossa).

Ainda sobre a perspectiva tradutória e de gênero, é necessário levar em consideração o trabalho realizado por Blume (2010), que apresentou em quatro blocos os aspectos dos Estudos da Tradução. O primeiro bloco busca resgatar o trabalho de tradutoras do passado, assim como resgatar o que eles significavam; o segundo trata sobre quais são os aspectos e estratégias que tradutoras feministas contemporâneas têm adotado; o terceiro faz uma análise crítica a traduções de textos de mulheres, especialmente de feministas; e o quarto aborda críticas sobre as questões de política de tradução, que envolvem textos de autoria feminina. (BLUME, 2010).

Alguns nomes brasileiros que trabalham com a tradução Bíblica, baseadas na teologia feminista e que contribuem para as reflexões sobre a interpretação dos textos sagrados são: Ivone Genebra, Nancy Cardoso Pereira, Ana Luisa Alves Cordeiro, Ivoni Richter Reimer, Maricia Blasi, Mercedes Lopes, Claudete Beise Ulrich, Odja Barros, Romi Márcia Bencke. (TOSTES, 2017)

¹⁴ “It emphasises the critical role of translation in the trans/formation of feminist movements, locally and transnationally, diachronically and synchronically. Then, our definition of feminisms is not only in the plural, but also intersectoral and interconnectionist—it highlights simultaneously the interlocking nature of local and global systems of oppression” (CASTRO E ERGUN. 2017, p.2-3). Tradução nossa.

3.2 Um pouco da história da tradução Bíblica

Para entendermos um pouco do contexto histórico a qual a Bíblia protestante foi traduzida, precisamos entender o que precisamente é essa Bíblia. Sendo assim, a Bíblia é um livro sagrado, mais conhecida como “a palavra de Deus”, isso significa que a Bíblia seria ou é a mensagem que Deus deixou ou revelou para que os seus seguidores e fiéis seguissem e pudessem se guiar. Assim como é descrito na parte b do livro da bíblia protestante em 1 Tessalonicenses 2:13: “Outra razão ainda temos nós para incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, sendo de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, *em verdade é, palavra de Deus*, a qual, com efeito, eficazmente em vós, os que credes.”

A arte e a prática de traduzir a Bíblia em línguas diferentes da que foi originalmente escrita, é um ofício destinado a teólogos e/ou religiosos. Poucas vezes alguns missionários traduziram a Bíblia para outras línguas como para as línguas minoritárias¹⁵, devido a isso Sherry Simon (1996), exemplificou em seu livro os perigos das interpretações bíblicas como ato mecânico: “Em contraste com a maioria das outras áreas de transmissão cultural, onde a tradução é muitas vezes tratada como um ato mecânico, os estudos bíblicos sempre reconheceram que a tradução traz consigo os perigos e as promessas da interpretação” (SIMON, 1996, p.5)¹⁶ (Tradução nossa).

Os textos bíblicos são conhecidos por suas várias traduções, e cada religião usa uma tradução diferente. No entanto, para fazer um panorama sobre a história da tradução da Bíblia até chegarmos na versão que foi analisada nesse trabalho, teremos como embasamento as publicações no site da Sociedade Bíblica do Brasil.

Segundo a Sociedade Bíblica do Brasil, o texto da Bíblia evangélica é dividido em 66 livros sagrados compilados em um único livro físico. Foi escrita por cerca de 40 autores que escreviam o que Deus colocava na mente (mais conhecido como uma inspiração divina) deles, e tomaram um período de quase 1600 anos para escrevê-la, finalizando cerca de 98 anos depois da morte de Cristo.

¹⁵ O termo “língua minoritária” goza de uma definição natural, mas problemática. No sentido mais direto, uma língua minoritária é simplesmente aquela falada por menos de 50% da população em uma determinada região, estado ou país. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199772810/obo-9780199772810-0176.xml>. Acesso em: 18 fev. 2022.

¹⁶ “In contrast to most other areas of cultural transmission, where translation is so often treated as a mechanical act, biblical scholarship has always recognized that translation carries with it both the dangers and the promises of interpretation”. (SIMON. 1996, p.5) (Tradução nossa).

A Bíblia evangélica é dividida em 2 grandes blocos, o Antigo e Novo Testamento. O Antigo seria as escrituras hebraicas, utilizada pelos judeus e o Novo seriam as Escrituras Gregas. Os textos que foram traduzidos neste trabalho têm foco no Novo Testamento.

A tradução mais antiga e mais utilizada da Bíblia é a Septuaginta – versão muito utilizada pelos judeus, e escrita em grego. Todavia, para os cristãos, a Bíblia foi traduzida para o latim, e essa tradução é conhecida como Vulgata, que teve como autor o São Jerônimo, e essa versão acabou se tornando o padrão da Bíblia para o Cristianismo ocidental. Já a primeira tradução da Bíblia para o inglês foi feita por John Wycliffe, no entanto, ele foi perseguido, morto e condenado postumamente, pois os líderes da igreja se opuseram a tradução da Bíblia em inglês.

Outro famoso tradutor da Bíblia foi o Martinho Lutero, que após a reforma protestante¹⁷ de 1517, publicou uma tradução da Bíblia com o objetivo de propor uma versão que todos pudessem ler e vivenciar a experiência religiosa. Lutero precedeu o uso do modelo da equivalência dinâmica¹⁸ do especialista em tradução bíblica, Eugene Nida para realizar essa tradução da Bíblia para o alemão. (NUNES, 2016)

Logo após, temos a tradução Reina-Valera, conhecida como Almeida, a qual é muito apreciada pelos evangélicos e, por último, a última versão mais conhecida é a King James Version, denominada como a “Tradução do Rei James¹⁹”, que foi uma edição que o Rei James pediu das traduções de Wycliffe e William Tyndale. (Sociedade Bíblica do Brasil)

Como exemplificado anteriormente, hoje em dia existem várias versões da Bíblia. Em português, a versão mais utilizada é a João Ferreira de Almeida, que é disponibilizada no mercado em três versões oficiais diferentes. Mas atualmente existem mais de 20 modelos de traduções bíblicas que são utilizadas pelos cristãos, o que gera o questionamento: em meio a tantas versões, qual a metodologia utilizada para a revisão e correção de problemas de tradução? E essa metodologia é correta?

Desde o século XIX, a produção de traduções bíblicas em línguas modernas teve um grande aumento:

O século XIX assistiu a um aumento impressionante do número de idiomas para os quais a Bíblia foi traduzida. Durante o primeiro terço do século, foram publicadas

¹⁷ A reforma protestante foi o movimento reformista do cristianismo do século XVI. Martinho Lutero, um monge católico insatisfeito com algumas das práticas e questões teológicas defendidas pela Igreja Católica, divulgou noventa e cinco teses como forma de protesto. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/reforma-protestante.htm#:~:text=as%2095%20teses>. Acesso em: 29 abr 2022.

¹⁸ Segundo Eugene Nida, a equivalência dinâmica pretende produzir no leitor, a mesma reação produzida pelo texto original com a tradução. (RIECHE, 2004. P. 3).

¹⁹ King James, foi um rei na Escócia em 1488, (nascido em 17 de março de 1473 e morreu em 1513. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/James-IV-king-of-Scotland>. Acesso em: 28 fev. 2022.

traduções para mais de 86 novas línguas, 66 das quais não-europeias: 43 asiáticas, 10 americanas, 7 africanas e 6 da Oceania. Durante o século XIX, um total de quinhentas línguas e dialetos receberam as Escrituras pela primeira vez, chegando ao total de 571 idiomas no fim do século. (DESLISE; WOODSWORTH, 1995, p.187)

O primeiro passo a ser tomado por uma tradutora com desejo de traduzir a Bíblia, seria conhecer de forma avançada o idioma de partida e o idioma de destino, pois “não basta saber usar um dicionário, saber manipular o programa *Bible Works* ou coisa semelhante. é preciso ter o *sensus linguae* de ambos os idiomas.” (KONINGS SJ, 2001, p. 219). Ainda segundo Konings SJ (2001), outras questões que podem fazer com que as traduções bíblicas sejam prejudicadas é o fato de não haver nenhum manuscrito da Bíblia fonte para contribuir com as pesquisas, assim como as questões sócio-histórico-culturais, que exige que a/o tradutora/or tenha bastante conhecimento histórico do tempo que se refere o escrito bíblico para poder, por exemplo, identificar e traduzir de forma coerente os nomes bíblicos. Outro fator importante é saber a relação dos significados das palavras, sendo a semântica, assim como a essência linguística, Konings SJ (2001).

Eugene Nida, já trabalhava com essa tese e análise científica, para ele o tradutor bíblico deveria sobressair a comunicação por meio de recursos linguísticos e de teorias, de modo que a atual cultura se reproduzisse na leitura da tradução:

Nida se apoiou em um _extenso trabalho de campo que mostrava que a mensagem religiosa frequentemente deixava de ser comunicada por causa de diferentes contextos culturais e visões do mundo. Ele compreendeu, enfim, que o significado não pode ser separado da experiência pessoal e da estrutura conceitual da pessoa recebendo a mensagem. Concluiu que as ideias "devem ser modificadas" para se encaixar no mapa conceitual da experiência do contexto diferente.” (GENTZLER, 2009, p. 80, apud NIDA, 1960, p. 87).

3.3 Discurso androcêntrico e Bíblia

Ainda discutindo sobre a tradução bíblica e os equívocos que podem ocorrer devido a uma má tradução, é importante falar sobre alguns assuntos que podem ser desenvolvidos a partir de uma tradução equivocada. O primeiro assunto tratado no texto principal que aqui foi traduzido é o androcentrismo, e esse é um termo que se refere a predisposição da sociedade em se alinhar em torno de algumas necessidades, prioridades e/ou valores do homem, rejeitando assim, a mulher. Esse assunto está diretamente ligado ao conceito de patriarcado, a diferença é que o androcentrismo refere-se as experiências dos seres humanos sendo sempre masculinas, como experiências universais, e despreza a sabedoria e experiência feminina (SANTANA, 2019). Já o patriarcado é um sistema social fundamentado em uma cultura, estruturas e relações

que tendem a favorecer os homens, especialmente o homem branco, heterossexual e cisgênero (BANDEIRA, 2006, p. 4).

A conceituação de androcentrismo foi criada pelo sociólogo americano Lester F. Ward²⁰ em 1903, que afirmou que o androcentrismo seria a visão de mundo que valoriza apenas o ponto de visão masculina. Entretanto, ainda assim não é a mesma coisa que misoginia²¹, que seria a aversão a tudo o que é ligado ao feminino. Uma das principais características do androcentrismo é a marcação padrão do homem como gênero neutro, na maioria das vezes neutralizando a fala para o masculino usando o pronome “ele”.

De acordo com Bailey, LaFrance e Dovidio, na obra “Is the Man the Measure of All Things? A Social Cognitive Account of Androcentrism” (2008), são apresentados e avaliados três caminhos possíveis para o androcentrismo (a): os homens serem mais frequentemente instanciados do que as mulheres, (b): a masculinidade ser mais “ideal” do que a feminilidade e/ou, (c): a masculinidade ser mais comum do que a feminilidade.

As pessoas tendem a se referir mais aos homens ao se tratar de exemplos de humanidade, assim como se referem ao homem como pessoa, com rótulos genéricos, já para a mulher, é apenas mulher. O androcentrismo implícito destaca que para a sociedade o homem é humano e a mulher é apenas um gênero. (EJELOV; LUKE, 2020)

Se observado toda a história da mulher no cristianismo, a Bíblia já foi e continua sendo muito usada para a dominação masculina, mascarada de um discurso teológico patriarcal. A palavra considerada provinda de Deus, muitas vezes é utilizada como instrumento para a submissão feminina. Portanto, a interpretação bíblica feminista surge como meio de combate aos dogmas patriarcais, androcêntricos, e como uma ferramenta para ajudar no empoderamento e libertação desses dogmas pelas mulheres.

Segundo Rosemary Radford Reuther (1985), a interpretação bíblica feminista é necessária para resolver alguns problemas que as mulheres sofrem. A autora argumenta que as vozes da mulher moderna e da mulher bíblica não foram ouvidas, e essa falta de vozes feministas na interpretação bíblica podem causar resultados negativos. Ela exemplifica que, visto que somente as experiências masculinas são ouvidas, elas automaticamente se tornam

²⁰ Lester Frank Ward, nasceu em 1841 e é um sociólogo americano, que estabeleceu a sociologia como uma disciplina acadêmica. The editors of Encyclopaedia Britannica. Lester Frank Ward. **Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Lester-Frank-Ward>. Acesso em: 28 fev. 2022.

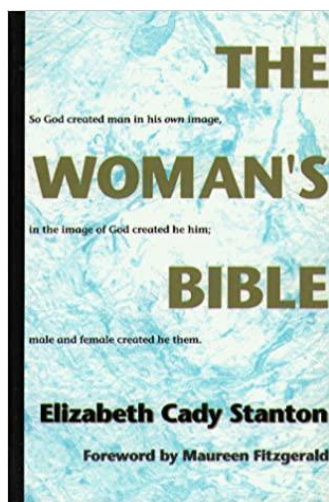
²¹ “Misoginia é um sentimento de aversão patológica pelo feminino, uma prática comportamental machista que visam o estabelecimento das desigualdades de gênero e a crença da superioridade da figura masculina pregada pelo machismo”. Disponível em: <https://www.politize.com.br/misoginia/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

uma norma para toda a humanidade, assim como com o tempo as experiências femininas podem ser esquecidas completamente. Conseqüentemente, a falta de presença das mulheres em interpretações bíblicas tem potencial de tornar o assunto feminino um tabu, dificultando o poder de questionamento na esfera religiosa. Outro exemplo é que esse processo acaba criando na mulher o sentimento de incapacidade, visto que suas experiências são banalizadas, Reuther (1985).

Algumas intérpretes da Bíblia, como Cristina Conti (CONTI, 1998, p. 03) e Letty Russell (RUSSELL, 1985, p. 11-18) explicam que a Bíblia é testemunho de revelação, mas não é a revelação, assim como a palavra de Deus não é equivalente aos textos bíblicos. Deste modo, podemos entender que a Bíblia e a Palavra de Deus não são exatas.

O primeiro passo para o processo de uma interpretação não patriarcal foi realizado por Elizabeth Cady Stanton, que em 1985 publicou *The Women's Bible*. Esse foi um projeto de interpretação bíblica, que desejava fazer a revisão dos conteúdos bíblicos com cunho sexistas e fazia uma dura crítica ao uso das escrituras contra as mulheres. *The Women's Bible* marcou a história com a sua interpretação, apesar de ter sofrido muitos ataques e críticas (DEIFELT, 1992, p.13). Essa revisão da Bíblia foi realizada por um grupo de aproximadamente 30 mulheres.

Figura 3: Imagem da capa do livro de Elizabeth Cady Stanton de 1993



Fonte: Elaboração da autora

No Novo Testamento, o foco dos textos traduzidos com narrativas patriarcais, têm como contexto histórico o Império Romano.²² Dessa forma, Elisabeth Schussler Fiorenza (1992), em seu livro “As origens cristãs a partir da mulher”, faz uma crítica e propõe uma reconstrução das origens cristãs, assim como a predominância patriarcal e desmistificação dos textos neotestamentários²³.

A versão da Bíblia por João Ferreira de Almeida foi feita através das línguas vulgares que ele conhecia (acreditam ser espanhol, francês e italiano), desse modo a tradução não foi realizada a partir dos textos-fonte considerados como originais. (NUNES, 2016, p. 61) Portanto, por não haver textos fontes considerados originais é improvável afirmar com certeza se essa tradução é totalmente acurada. Assim sendo, após a leitura da BÍBLIA JFA Offline, baixado em um aparelho de celular, como é demonstrado pela figura 4, foi elabora um quadro de análise.

Figura 4: Imagem da página inicial do app para celular BÍBLIA JFA Offline



Fonte: Elaboração da autora

²² A família na Roma Antiga era *patriarcal*, ou seja, toda a autoridade era delegada ao homem, ao pai. A família romana era uma junção de tudo aquilo que estava sob o poder do pater famílias. O patriarca era o primeiro do lar, sendo assim, ele desempenhava todas as funções religiosas, econômicas e morais que fossem necessárias, os bens materiais pertenciam somente a ele. A representação familiar romana era simbolizada pelo pai e todo poder atribuído a ele terminava somente com a sua morte. Sendo o homem o senhor do lar, a mulher romana não tinha o papel de senhora do lar, pois ela era considerada parte integrante do homem. A mulher casada seguia todas as regras de boa conduta e tinha certa liberdade para conviver socialmente. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/casamento-formacao-familiar-na-roma-antiga.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

²³ Tudo que se refere ao período que relata a história da vida, ministério, morte, e da ressurreição de Jesus. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/neotestament%C3%A1rio/#:~:text=31%2D10%2D2016-1.,grego%20%C3%A9%20a%20linguagem%20neotestament%C3%A1ria>. Acesso em: 28 fev. 2022.

A seguir está o Quadro 1, com a relação de textos bíblicos que muitas vezes são interpretados e usados de forma tendenciosa pelos cristãos para defender a estrutura patriarcal, androcêntrica, machista e sexista. Como fonte de leitura foi usada a Bíblia João Ferreira de Almeida Online, mais conhecida como BÍBLIA JFA Offline por cristão evangélicos, para seleccionar alguns exemplos desses trechos bíblicos. A pesquisa aqui realizada, não foi uma pesquisa formal, foi um levantamento pessoal e informal de cunho explicativo.

Quadro 1: Quadro com dados de textos Bíblicos

| Nº: | BÍBLIA JFA Offline |
|-----|--|
| 1 | <i>1 Coríntios 11: 3.</i> Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo. |
| 2 | <i>1 Coríntios 11: 7.</i> O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. <i>8.</i> Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. <i>9.</i> Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. |
| 3 | <i>1 Coríntios 14: 34.</i> As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. <i>35.</i> E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja. |
| 4 | <i>Efésios 5: 22.</i> Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; <i>23.</i> Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. <i>24.</i> De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. |
| 5 | <i>Efésios 5: 33.</i> Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido. |
| 6 | <i>Colossenses 3: 18.</i> Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor. |
| 7 | <i>1 Timóteo 2: 9.</i> Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, |
| 8 | <i>1 Timóteo 2: 11.</i> A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. <i>12.</i> Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. <i>13.</i> Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. |
| 9 | <i>1 Timóteo 2: 14.</i> E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. <i>15.</i> Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecerem com sobriedade na fé, no amor e na santificação. |
| 10 | <i>Tito 2: 3.</i> As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem. |
| 11 | <i>Tito 2: 5.</i> A serem moderadas, puras, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada. |
| 12 | <i>1 Pedro 3: 1.</i> SEMELHANTEMENTE, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra. |
| 13 | <i>1 Pedro 3: 7.</i> Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações. |

| | |
|----|--|
| 14 | <i>Apocalipse 14: 4.</i> Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. |
|----|--|

Fonte: Elaboração da autora

Com base nos dados da tabela supracitada é possível entender que alguns trechos bíblicos contêm informações que podem ser parciais, podendo provocar no leitor uma interpretação equivocada. Desse modo, compreende-se que a palavra de Deus é carregada de uma linguagem androcêntrica, e a tradução feminista tem como foco e objetivo traduzir a Bíblia de uma maneira que se aproxima cada vez mais de uma verdade da tradução, com a produção de um texto não sexista.

Segundo a tradição bíblica, as várias línguas humanas são providas da ira de Deus contra a arrogância humana, deste modo ocorre a necessidade de tradução para atender a todos que praticam a fé. No entanto, desde os primórdios, a tradução bíblica é caracterizada pelo fato de ser um ato milagroso, como o recebimento da palavra de Deus através de intervenção divina, e devido a isso, não se pode saber de forma determinante a origem do contexto de alguns textos bíblicos.

A tradução feminista luta pela utilização de termos que favoreçam a inclusão e a linguagem neutra, de maneira que ao invés de usarem termos de equivalência androcêntrica, sem deixar de considerar a essência do texto, sejam usados termos neutros.

De acordo com Simon (1996), a tradução é um ato que se refere ao processo de transferência interlinguística, de maneira que a tradução não apenas retrata a realidade, mas contribui para a construção dela, através da criação de teorias e reflexões sobre o ato tradutório. Desse modo, os Estudos Feministas da Tradução, contribui para criar pontes entre as mulheres do mundo, auxiliando no resgatar de tradução de textos de mulheres que historicamente foram esquecidas, e fortalecendo o debate sobre feminismo e tradução (COSTA e AMORIM, 2019, p. 1244).

4. METODOLOGIA E DISCUSSÃO DA TRADUÇÃO

Para a tradução dos artigos *Les Belles Infidèles/Fidelity or Feminism* e *Feminist Choices of Early Women Bible Translators* foi realizada primeiro uma preparação de ambos os textos para tradução, pois os textos estavam em uma formatação que não era compatível com a ABNT, para a apresentação nesse trabalho. Mas a tradução oficial está em formato APA, para seguir os padrões do periódico brasileiro, aqui foi usado como referência a revista “Belas Infieis” da Universidade de Brasília.

Em seguida, o material foi enviado para a *Cat Tool* escolhida para realização do trabalho, o *WordFast*. Antes de iniciar a tradução, foi realizada uma análise de corpus para extração de terminologia, assim como a criação de um glossário particular para pesquisa, que foi usado como ferramenta de auxílio para tradução.

Como metodologia também foram utilizadas a tradução comentada e a teoria funcionalista, abaixo apresentadas.

4.1 Tradução Comentada

Segundo Torres (2015), a essência da tradução comentada esteve juntamente com a tradução de textos sagrados, que geralmente continha paratextos explicativos. Dessa forma, A tradução comentada é gênero acadêmico literário e um modelo de pesquisa introspectiva, utilizada pelo tradutor para escrever comentários a respeito do processo de tradução, e serve para dar visibilidade ao tradutor/a. (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p. 333)

Em sua obra, Zavaglia, Renard e Janczur (2015) retratam os tipos de notas que podem haver em uma tradução comentada, dentre eles estão as notas históricas, as explicativas e as notas de tradução, com a intenção de se tornar um instrumento esclarecer para o leitor. Tornando o ato de traduzir e comentar, como um espaço o qual o tradutor reproduz o texto em uma outra cultura, criando um novo sistema literário e cultural para esse novo contexto linguístico. (Torres, 2017)

A tradução comentada auxilia a interpretação do texto original e a sua compreensão fundamenta-se em como o autor definiu o objetivo da nota. As análises das notas de tradução comentadas são definidas a partir do conteúdo do texto e do que o/a tradutor/a acha essencial para a compreensão do texto, desse modo a tradução comentada pode ter algumas características, dentre elas estão:

- O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário;

- O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário;
- O caráter discursivo-crítico: o objetivo é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor;
- O caráter descritivo: reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológicos-políticos das decisões de tradução;
- O caráter histórico-crítico: teoriza a prática de tradução, alimentando a história e a crítica da tradução (TORRES, 2017, p. 18)

Como consequência, o/a tradutor/a pode se inserir no texto como agente não neutro (como acima supracitado), para que as escolhas e decisões tradutórias sejam levadas em consideração, tornando a tradução como um componente importante para transmissão cultural e de conhecimento. De maneira que a tradução comentada se torna:

[...] primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto o leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos – incluindo os temporais, relativos ao seu próprio prazo de conclusão de trabalho [...]. (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p. 349)

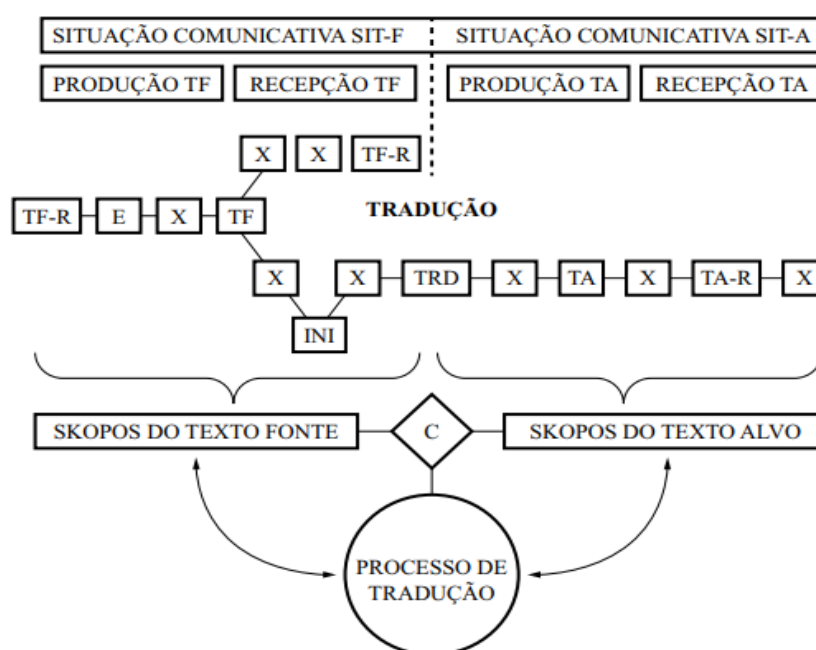
Para o/a tradutor/a não é possível analisar e comentar tudo em um texto, uma vez que o comentário explica e teoriza o processo de tradução. Sendo assim, é necessário fazer escolhas objetivas sobre a função do comentário sobre o texto, pois “O meu comentário explica e teoriza sobre parte do processo de tradução, sobre os modelos de traduções existentes e sobre algumas das minhas escolhas de tradução justificadas” (TORRES, 2015, p. 19)

Assim como foi descrito por Zivaglia, Renard e Janczur (2015), a tradução dos artigos do presente trabalho foram apresentadas em colunas, lado a lado, na direita o inglês e na esquerda o português. As notas de comentário foram seccionadas abaixo do texto, contendo algumas explicações e apresentando alguns fatos de forma a ajudar na interpretação do leitor. Os comentários de tradução realizados, foram bem específicos para não realizar comentários sobre todo o texto, o tornando maçante. Mas no primeiro artigo foram realizados cerca de 29 comentários e no segundo artigo pouco menos de dez comentários, seguindo o padrão realizado pelas escritoras dos textos que também realizaram algumas notas de tradução nos textos originais. Ainda reforço que o ato da escrita desse projeto de curso, é um exercício de tradução comentada.

4.2 Tradução Funcionalista

Segundo Nord (2016) o tradutor necessita compreender de forma aprofundada o material e conteúdo daquilo que será traduzido, desta maneira a/o tradutora/or não traduz apenas códigos de uma língua para outra. Nord, apresenta então um modelo de análise funcionalista para tradução, buscando assim que a tradução comunique o contexto do texto fonte para o leitor. A seguir, é ilustrado o mapa do processo de tradução, exemplificado por Nord:

Figura 5: Mapa do processo de tradução



Fonte: Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática
(NORD, 2016)

A teoria funcionalista de Nord não busca a equivalência entre os textos, mas sim a transferência de significados de uma língua para outra. Em seu texto Nord também apresenta a teoria de *skopos* de Vermeer, que diz que cada tradução é determinada de acordo com a função a qual o texto alvo busca exercer (Nord, 2016, p. 54), e algumas determinações que a tradução deve preencher são os fatores receptor, tempo, e lugar de recepção embasadas no texto fonte. Consequentemente a tradução só ocorre porque a/o tradutora/or entende o propósito do texto

fonte, mantendo as funções comunicativas que ele busca exercer. Sobre a tradução, Nord exemplifica que:

A tradução é a produção de um texto alvo funcional, mantendo-se uma relação com um determinado texto fonte que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto alvo (skopos). A tradução permite que um ato comunicativo aconteça, o que de outra forma não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais. (NORD, 2016, p. 61)

Para analisar o texto de forma funcionalista, Nord (2016) surge com duas etapas de análise, a primeira com fatores intratextuais e a segunda com fatores extratextuais. Logo, por meio destes fatores a/o tradutora/or em seu processo tradutório consegue identificar os elementos e as características relevantes para tradução, assim como adapta-los, de acordo com a função do texto alvo (NORD, 2016, p. 70).

Segundo as exemplificações de Nord, abaixo segue uma tabela com os fatores extratextuais e intratextuais do texto fonte e do texto alvo.

Quadro 2: Fatores extratextuais e intratextuais

| | FATORES EXTRATEXTUAIS | | |
|----------------------------|--|--|--|
| | Texto Fonte 1 | Texto Fonte 2 | Texto Alvo |
| Emissor | Elizabeth A. Castelli | Elizabeth Ann Remington Willet | Leandra Moura |
| Intenção do Emissor | Apresentar os problemas filosóficos e teóricos na prática da tradução | Apresentar as traduções da Bíblia de duas tradutoras | Possibilitar o acesso aos falantes da língua portuguesa às obras dos textos fonte, a fim de dar visibilidade ao tema da tradução feminista |
| Receptor | Estudantes de tradução feminista/religião/tradutores/pesquisadores | Pesquisadores/pastores /estudantes acadêmicos | Estudantes de tradução feminista/religião/tradutores/pesquisadores |
| Meio | Revista de Estudos Feministas em Religião | Revista de Teologia | Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília |
| Lugar | Luisiana, Estados Unidos | Dallas, Estados Unidos | Brasília, Brasil. |
| Tempo | 1990 | 2016 | 2022 |
| Motivo | Apresentar como algumas traduções podem afetar a mulher e quais são os passos iniciais para uma tradução religiosa | Apresentar as diferenças de tradução em abordagens diferentes | Propor uma tradução para os textos com a perspectiva de iniciar um discurso sobre a temática de tradução feminista religiosa |
| Função Textual | Informativo | Informativos | Informativo |
| | FATORES INTRATEXTUAIS | | |
| | Texto Fonte 1 | Texto Fonte 2 | Texto Alvo |
| Assunto | Tradução Bíblica feminista | Tradução Bíblica | Tradução Bíblica Feminista |
| Conteúdo | Discursão sobre a tradução religiosa e como ela afeta as mulheres | Discursão sobre a tradução religiosa com abordagens diferentes | Discursão sobre a tradução religiosa e como ela afeta as mulheres |

| | | | |
|------------------------|--|--|--|
| Estruturação | Artigo Científico, dividido em seis tópicos | Artigo Científico, dividido em quatro tópicos | Artigo Científico, dividido em seis tópicos |
| Léxico | Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo | Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo | Linguagem formal, com conteúdo crítico e explicativo |
| Sintaxe | Elaborada | Elaborada | Elaborada |
| Efeito do Texto | Propor uma reflexão acerca da tradução feminista religiosa | Propor uma reflexão acerca da tradução religiosa | Propor uma reflexão acerca da tradução feminista religiosa |

Fonte: Tradução de artigos científicos: visibilidade à tradução feminista (ANDRADE. 2021, p. 34)

Foi necessário o levantamento dessas informações para guiar o trabalho e a tradução, assim como auxiliar na escolha de tradução (teoria funcionalista, tradução comentada) realizada pela tradutora e também orientar o leitor durante o processo de leitura do texto traduzidos. Portanto, fica claro para o público alvo do texto o motivo da escrita, o efeito que o assunto deste texto causa e qual a influência que ele exerce na sociedade.

4.3. Linguística de Corpus e Terminologia

A linguística de corpus é uma abordagem metodológica usada como ferramenta de apoio para tradução, assim como é um conjunto de dados linguísticos que podem ser orais ou escritos e que podem ser processados por um computador (SARDINHA, 2004).

Segundo Finatto e Evers (2010), a Linguística de Corpus serve para:

- 1) Explorar por meios estatísticos os elementos lexicais;
- 2) Observar as combinações de palavras;
- 3) Trabalhar com um gênero textual específico;
- 4) Identificar as práticas textuais;
- 5) Localizar os termos que são realmente usados;
- 6) Compreender o sentido em que esses termos são usados.

O corpus utilizado como ferramenta para auxiliar a tradução deste trabalho foi o AntConc, que é um software de corpus especializado e gratuito que funciona como instrumento de análise de concordância de textos, desenvolvido pelo professor Laurance Anthony, com a primeira versão lançada em 2014.

Na página inicial, o AntConc contém sete ferramentas que auxiliam no processo de pesquisa, são elas as: *Concordance Tool*, ferramenta que mostra os resultados da pesquisa em

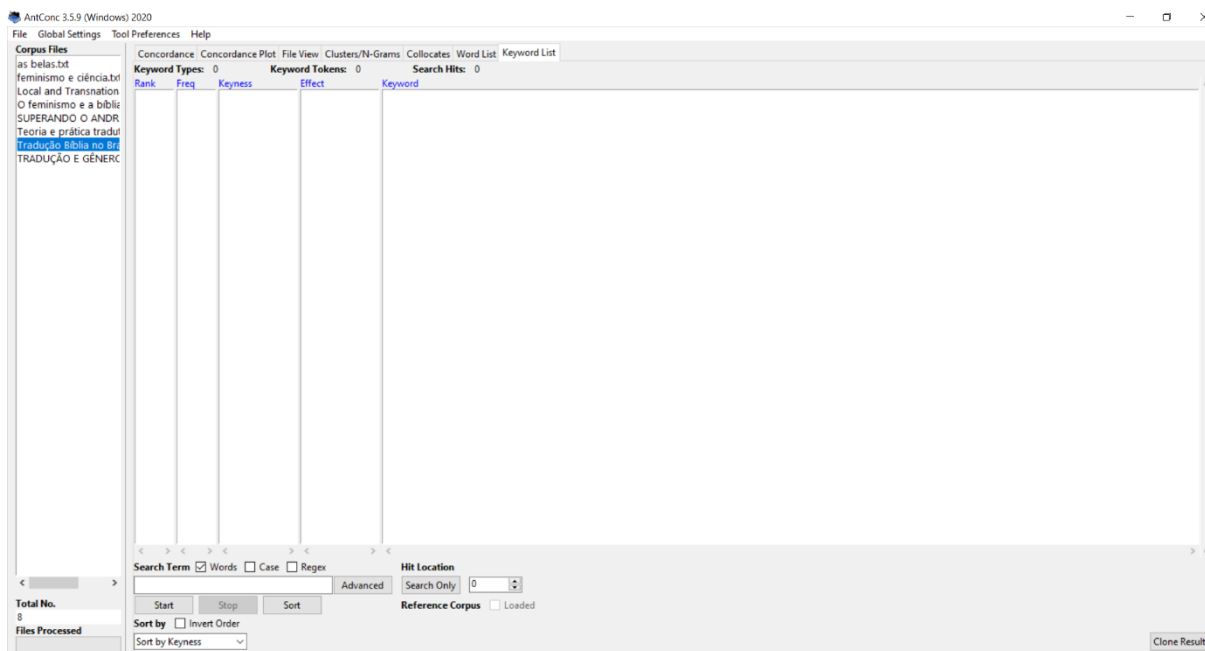
um contexto; *Concordance Plot Tool*, mostra os resultados de determinada pesquisa em um formato de códigos de barra, permitindo saber a posição que a pesquisa aparece no texto; *File View Tool*, mostra o resultado do termo pesquisado no arquivo do texto; *Clusters/N-Grams*, permite localizar expressões comuns dentro do corpus, disponibilizando as combinações de palavras; *Collocats*, permite localizar padrões na linguagem, por meio de um termo que foi pesquisado; *Word List*, apresenta a contagem de palavras dentro do corpus por meio de uma lista ordenada, permitindo saber a frequência de cada termo; e o *Keyword list*, que mostra quais palavras são incomuns em comparação ao corpus de referência. (AntConc, 2014, p.2).

Durante a realização da organização do Corpus, foi realizada a formatação em “somente texto” (.txt), retirando, imagens, links, tabelas e deixando somente o texto escrito. Após esse processo, os textos foram carregados para o software.

Devido a necessidade de um corpus especializado para conseguir realizar a tradução de forma a conseguir transferir os significados interlinguísticos do texto de forma coerente, foram colocados textos específicos sobre a temática e coletados oito textos com a temática sobre feminismo, gênero e religião. Apesar de alguns termos terem uma frequência e ocorrência raras, foi necessário captar uma grande quantidade de palavras sobre a temática.” (SARDINHA, 2000, p. 23).

Abaixo está captura de tela da página inicial da interface do AntConc:

Figura 6: Captura de tela do software AntConc



Fonte: Elaboração da autora

A terminologia é um conjunto de termos específicos ou sistemas de palavras, Sager (1993, p. 22) que divide a terminologia em três perspectivas, sendo elas como uma metodologia ou conjunto de práticas, uma teoria, ou um determinado vocabulário de uma área temática.

Dessa maneira, a terminologia contribui para a competência tradutória ao ajudar na construção de glossários, dicionários e bases de dados, e essas obras terminográficas contribuem para o estudo de termos. A seguir, a tabela 1 destaca as ocorrências de pronomes nos oito textos com autoras feministas em português.

Tabela 1: Ocorrências da frequência pronominal nos textos para pesquisa, com autoras feministas.

| Frequência | Elemento |
|-------------------|-----------------|
| 94 | Ela |
| 39 | Ele |
| 2 | Dela |
| 2 | Dele |

Fonte: Elaboração da autora

Por meio desta tabela, é possível perceber que a prevalência do pronome feminino é maior do que do pronome masculino nos textos escolhidos, textos estes que foram escritos por escritoras e tradutoras feministas.

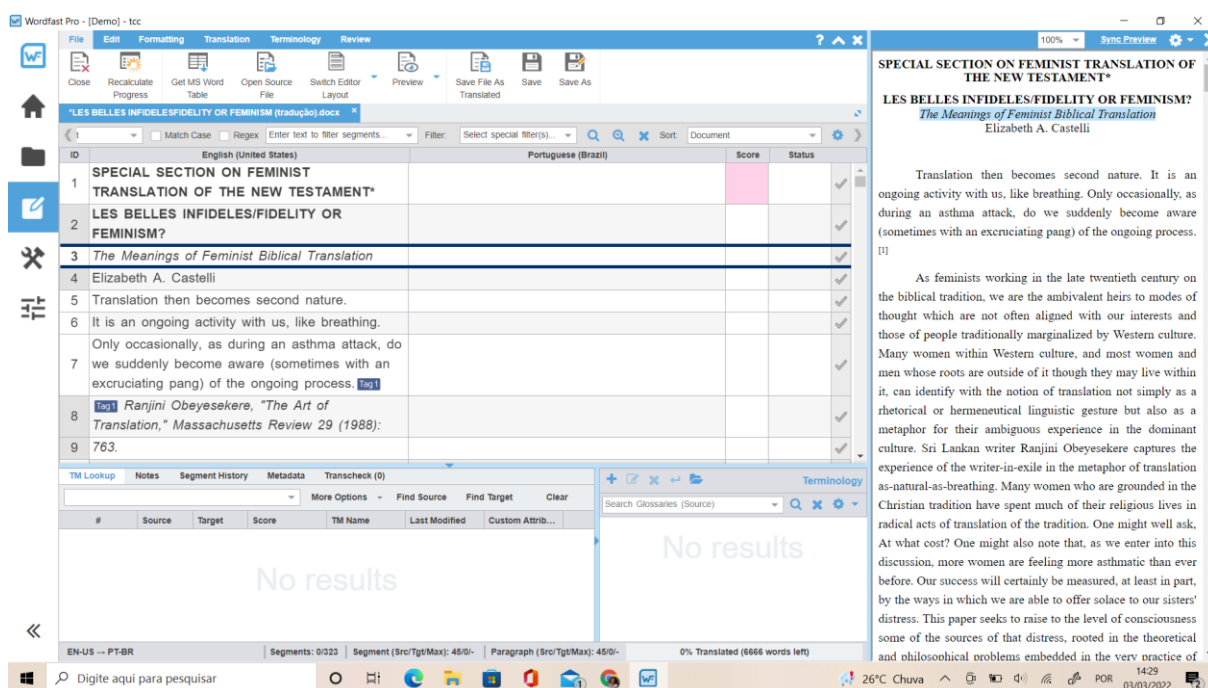
Para a/o tradutora/or é importante o trabalho com base de corpus terminológica para entender a metodologia para pesquisa em terminologia. Tendo isso em vista, o processo a seguir foi utilizado durante a pesquisa para a realização deste trabalho, a ordem do processo foi dividida de acordo com Bevilacqua e Kilian (2017, p, 1710):

- a) Delimitação da área do tema (Feminismo, Gênero e Religião)
- b) Definição da obra (Problemas filosóficos e teóricos na prática da tradução; voltado para estudantes da tradução)
- c) Seleção de textos (Coleta de oito textos de temática específica)

4.4. Cat Tool

A ferramenta de auxílio para a tradução utilizada foi o WORDFAST Pro, um programa gratuito, de fácil utilização. Nele é possível gerenciar terminologia e memórias de tradução, o *software* foi desenvolvido por Yves Champollion²⁴ em 1999.

Figura 7: Captura de tela do software WORDFAST, ambiente para tradução



Fonte: Elaboração da autora

Algumas das funções mais úteis que foram notadas durante o uso desse software são:

- Acesso a TM e Glossário – Permite o armazenamento de textos já traduzidos, oferecendo sugestões baseadas no que está no banco de dados. Possibilidade criar um glossário com termos escolhidos, colocando o termo original, a tradução, a fonte e o significado.
- Garantia de qualidade – Por meio do *Transcheck*, verifica erros ortográficos, segmentos não traduzidos, erros de ortografia e gramaticais, pontuação, números, consistência da terminologia e a correspondência das etiquetas (*tags*) em ambos os segmentos.

²⁴ Yves Champollion, foi o fundador e arquiteto chefe do projeto WordFast, é uma figura muito respeitada na indústria linguística e começou a desenvolver o software em 1980, mas a ferramenta só ficou pronta em 1999. Disponível em: https://www.wordfast.com/about_management. Acesso em: 07 mar 2022.

- c) Gestão de projetos – Permite organizar as traduções e projetos de traduções em vários arquivos com nomes personalizados.
- d) Visualização ao vivo do arquivo traduzido – Uma coluna apenas com o texto de partida, que após realizada a tradução do segmento, acontece a alteração do texto para o que foi traduzido. Permitindo a visualização completa do texto antes mesmo de finalizar a tradução.

Após a tradução do arquivo, as notas de rodapé ficaram em formatos diferentes e fora do padrão, no entanto com o download em formato word, todas voltaram a ficar padronizadas.

Durante a tradução no *software*, foi possível inserir notas de tradução que aparecem no final do documento, assim como a criação de um glossário com as palavras que a/o tradutora/or teve dificuldade ou interesse em pesquisar. Esse glossário fica na parte inferior no aplicativo no setor de terminologia.

4.5. Glossário

Para melhor realizar as traduções realizadas nesse projeto, foi criado um glossário para guiar a tradução de um projeto de tradução feminista da Bíblia.

Para criar o glossário, foram enviados para o software de corpus linguístico (Antconc), três livros que foram usados como base teórica para a realização deste trabalho, sendo eles: *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission* (1996), de Sherry Simon; o segundo *Translation and Gender: Translating in the “era of Feminism”* (1997), de Luise von Flotow; e por último *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* (2017), das autoras Emek Ergun e Olga Castro.

Para preparar os textos, que estavam em formato pdf, foi necessário utilizar uma ferramenta de conversão online, para transformar o texto em pdf para txt. Após a realização desse processo nos três textos, foram apagados algumas imagens, anexos e sumários dos arquivos para possibilitar a utilização da ferramenta de frequência do AntConc para achar os termos mais frequentes e assim poder criar o glossário baseado nesses termos.

Abaixo a figura da página do AntConc, a qual contém alguns termos já pré-selecionados para uso no glossário.

Figura 8: Página inicial do AntConc

| Rank | Freq | Word |
|------|-------|-------|
| 1 | 25081 | the |
| 2 | 17594 | of |
| 3 | 12974 | and |
| 4 | 9949 | in |
| 5 | 9044 | to |
| 6 | 7374 | a |
| 7 | 4549 | is |
| 8 | 4282 | that |
| 9 | 4038 | as |
| 10 | 3563 | s |
| 11 | 3032 | women |
| 12 | 2815 | for |
| 13 | 2303 | by |
| 14 | 2265 | this |
| 15 | 2233 | it |
| 16 | 2135 | on |
| 17 | 1957 | her |
| 18 | 1942 | with |
| 19 | 1897 | not |
| 20 | 1738 | be |
| 21 | 1716 | are |
| 22 | 1663 | an |
| 23 | 1571 | from |

Fonte: Elaboração da autora

Os termos acima da figura 8, estão em ordem aleatória, mas para o uso no glossário foram apenas escolhidos termos que faziam sentido com o que está sendo trabalhado no texto, desconsiderando alguns artigos, pronomes, numerais, preposições, conjunções, interjeições e advérbios.

4.6. Relatório e Estratégias de Tradução

Castelli (1990), exemplifica o processo de tradução em quinze maneiras, apesar de afirmar que esses quinze processos não esclarecem o quão rico é o ato de traduzir. A seguir, está uma lista de tópicos os quais o processo da tradução é descrito:

- 1) Como um processo de interpretação,
- 2) como um processo não interpretativo,
- 3) como um exercício de retórica,
- 4) como um processo de transmissão,
- 5) como um processo de criação,
- 6) como mimesis ou emulação,
- 7) como comunicação,

- 8) como alquimia,
- 9) como narcisismo,
- 10) como uma combinação de culpa e anseio,
- 11) como agressão e violência,
- 12) como representação,
- 13) como acesso ao próprio passado (e, por implicação, como política),
- 14) como crucial para qualquer gesto de reforma,
- 15) como o movimento desesperado de seres caídos em direção ao *logos*, e *Ursprache*, a linguagem de Deus.

Levando em consideração esses quinze tópicos sobre como o processo da tradução é descrito, é possível entender a complexidade desse ofício, por conseguinte, durante a realização da tradução deste trabalho o processo tradutório foi realizado por meio de um CAT Tool WORDFAST, a qual o texto em word foi anexado. Foi utilizada a pesquisa de terminologia e corpus no AntConc, assim como o a criação e pesquisa em um glossário pessoal criado exclusivamente para realização deste trabalho sobre tradução feminista religiosa; bem como a utilização de sites inglês-português para pesquisa de tradução. Também foi realizada a pesquisa no Google para termos específicos os quais eram mais difíceis de trabalhar.

A realização da tradução dos textos não foi um processo excruciante, o vocabulário do texto não era tão difícil, pois, apesar de ser um artigo científico, não continha muitas palavras que fugissem do vocabulário mais conhecido.

Para desempenhar a tradução, foi utilizada a tradução comentada por meio de notas explicativas para auxiliar o leitor na interpretação do texto. Nessas notas contém comentários sobre termos específicos ou até mesmo a justificativa para uma escolha de tradução. Essa ferramenta é utilizada para ajudar a transmitir a mensagem do tradutor para o leitor, de maneira mais eficiente, assim como é explicado por Torres:

[...] fala-se às vezes de tradução de um texto para assinalar um comentário e, ao contrário, algumas traduções são verdadeiros comentários. A tradução ainda tem uma vantagem sobre o comentário, uma vez que transporta com ela, quando bem sucedida, a polissemia do texto “original”, original entre aspas, pois considero a tradução também como um original. (TORRES, 2015, p.2)

Uma das tradutoras descritos no segundo artigo, Hellen Barret Montgomery utilizou algumas estratégias de tradução interessantes e inovadoras para traduções bíblicas realizadas em 1924, que podem ser inspirações para tradutores que utilizam o conceito de tradução comentada, dentre algumas estratégias usadas por Montgomery, estão:

1. Utilização de convenções de pontuação, como os colchetes que serviam para esclarecer referências a pronomes, indicar problemas textuais, interpolações e fornecer informações extras.
2. Para cada orador ela utilizava um parágrafo e os discursos ficavam entre aspas.
3. Em textos os quais ela considerava serem opiniões que divergiam dos argumentos de Paulo, ela traduziu como citação.

Seguindo a tradução comentada como metodologia para realizar a tradução desse trabalho, a seguir estão algumas das estratégias de tradução, em alguns casos também a nota de tradução escritas pela tradutora, as quais foram consideradas predominantes pelo grau de dificuldade durante o ato tradutório do primeiro e do segundo artigo:

1) Estratégia: Neutralização da profissão e uso do plural

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|-------------------|---|--|
| 1 | Deciding that the text is made up of fluid language, changeable and diffuse is a freeing gesture for the translator | Decidir que o texto é feito de linguagem fluida, mutável e difusa é um gesto de libertação para a/o tradutora/or. |
| 2 | The imagery is not always consistent or constant among various writers, though the writer of the original text is usually understood to be its father. | As figuras retóricas nem sempre são consistentes ou constantes entre escritores, embora escritores do texto original seja geralmente entendido como o “pai”. |

No Inglês, as marcas de gênero para profissão não existem, mas no português elas existem. Uma maneira para deixar o texto com caráter neutro e inclusivo é o uso das vogais temáticas (a/o) com a precedência feminina. Também foi utilizado o plural em (es) como forma de incluir todos os gêneros.

De acordo com Araújo e Teixeira (2019), umas das formas de promover a igualdade de gênero é por meio de uso de linguagem neutra e inclusiva, de cunho não sexista, e foi embasado nessa teoria que a tradução e os comentários foram realizados.

- 2) Nota:** “*Les Belles infidèles* é uma expressão com o significado de “as belas infiéis”, e faz referência para a tradução no sentido de que quanto mais infiel é a tradução, mais bonita ela se torna. (BRANDÃO, 2014)

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|--|---|
| 3 | LES BELLES INFIDÉLES/FIDELITY OR FEMINISM | AS BELAS INFIÉIS/FIDELIDADE OU FEMINISMO |

Desta maneira os termos tanto em francês, como em inglês foram traduzidos para o português, uma vez que ambos os termos sejam conceitos já estabelecidos na língua portuguesa.

- 3) **Estratégia:** Ao invés de limitar o pronome, ele foi deixado impessoal, tornando o texto mais formal e mais fluido.

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | Tradução <i>prima facie</i> | TRADUÇÃO |
|------------|---|--|--|
| 4 | <p>One might well ask, At what cost?</p> <p>One might also note that, as we enter into this discussion, more women are feeling more asthmatic than ever before.</p> | <p>Alguém poderia perguntar, a que custo?</p> <p>Alguém pode notar também que, à medida que entramos nesta discussão, mais mulheres estão se sentindo mais asmáticas do que nunca.</p> | <p>Pode-se perguntar, a que custo?</p> <p>Pode-se também notar que, à medida que entramos nesta discussão, mais mulheres estão se sentindo mais asmáticas do que nunca.</p> |
| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 2 | Texto de partida 2 | TRADUÇÕES |
| 5 | <p>She slavishly translated the same Greek or Hebrew root with the same English term, ignoring context and lexical sense variation across languages.</p> | <p>She promoted international ministries as president of the Women's American Baptist Foreign Mission Society and traveled to various countries to visit the work.</p> | <p>- Smith traduziu a mesma raiz grega ou hebraica com o mesmo termo em inglês, ignorando o contexto e a variação do sentido léxico entre as línguas.</p> <p>- Promoveu ministérios internacionais como presidente da <i>Women's American Baptist Foreign Mission Society</i> e viajou para vários países para visitar a obra.</p> |

Estratégia utilizada para deixar o texto mais formal e impessoal, de maneira a preservar a leitura de forma coerente do texto, na segunda estratégia foi retirado o pronome e manteve o nome da autora.

- 4) **Estratégia:** foi optado por uma construção mais formal no início da frase, assim como a adaptação de um termo para a expressão bíblica que se adequava melhor ao texto.

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | Tradução <i>prima facie</i> | TRADUÇÃO |
|------------|--|---|---|
| 6 | In this view , there is a kernel of meaning encased within the chaff of expression, and one may easily dispense with the chaff significant loss. | Nesta visão, há um núcleo de significado encerrado no joio da expressão, e pode-se facilmente dispensar o joio sem perda significativa. | Por meio desta perspectiva, há uma essência de significado envolto ao joio da expressão, e pode-se facilmente dispensar o joio sem perda significativa. |

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|---|--|
| 7 | The purpose here of translating the Bible is to gain new converts for the kingdom, through the pragmatic approach of putting the text into the local language. | O propósito de traduzir a Bíblia nesse contexto é ganhar novos convertidos para o reino, através da abordagem pragmática de transformar o texto em idioma local. |

A primeira estratégia utilizada foi trocar a frase inicial para que ficasse mais formal, adquirindo uma frase mais utilizada na língua a qual foi traduzida.

Uma vez que o texto é de cunho religioso, foi utilizada a tradução de *chaff*, para joio, criando assim uma metáfora com os textos bíblicos que utilizam joio para se referir a algo que tenta corromper o que é bom. (O TEMPO, 2009)²⁵

- 5) **Nota:** Um Lecionário de Língua Inclusiva é um experimento ou tentativa de representar os escritos bíblicos de uma maneira mais inclusiva. Um lecionário é um livro de leituras ou liturgias recomendadas para o discipulado cristão. (Lecionário, 1987)

²⁵ O tempo, 2009. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/super-fe/as-diferencas-entre-o-joio-e-o-trigo-1.205459>. Acesso em: 07 mar 2022.

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|-------------------------------|--------------------------------|
| 8 | Inclusive Language Lectionary | Lecionário de Língua Inclusiva |

Foi realizada a tradução do título do livro, apesar de não haver tradução oficial deste livro ou título. Assim como uma nota de tradução explicando o que seria o Lecionário.

- 6) **Nota:** A tradução de *fidelity* e *faithfulness* foram traduzidas como fidelidade, uma vez que ambos os termos são considerados sinônimos, não havendo distinção entre eles. Desta maneira durante o texto tanto *fidelity*, como *faithfulness* foram traduzidas como fidelidade. (Shuttleworth, Mark & Cowie, Moira. Dictionary of Translation Studies²⁶. Mamchester/UK: St. Jerome, 1997, p.57)

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|---|--|
| 9 | The concern for fidelity , for faithfulness in translation is a dense concern when interacts with feminist practice of translating the Bible, for faithfulness has a sexual as well as a religion connotation. | A preocupação com a fidelidade na tradução é uma preocupação densa quando interage com a prática feminista de traduzir a Bíblia, pois fidelidade tem uma conotação sexual e religiosa. |

Houve uma dificuldade para realização dessa tradução, uma vez que em primeiro momento foi pensado em traduzir os dois termos como duas palavras diferentes, mas após pesquisa foi entendido que tanto *fidelity*, quanto *faithfulness* são fidelidade no português. Também foi utilizado uma nota de tradução para explicar os termos.

- 7) **Estratégia:** Exclusão dos pronomes *We* e do *Our*

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|--|--|
| 10 | Will we , in the process, add to the mythological accretions concerning biblical translation-invoking God's intervention as part of our practice, as has | Durante o processo, será adicionado para os acréscimos mitológicos relacionados a tradução da bíblia - invocando a intervenção de Deus como parte da pratica, como tem |

²⁶ Dictionary of Translation Studies, 1997. Disponível em: http://traduttologiageneralenz.pbworks.com/w/file/attach/138771690/Shuttleworth-Dictionary_of_Translation_Studies.pdf. Acesso em: 07 mar 2022.

| | | |
|--|---|---|
| | been done at other moments of transformative translation? | sido feito em outros momentos de tradução transformadora? |
|--|---|---|

Foi optado por neutralizar o *we* e o *our*, como ferramenta para retirar o sujeito determinante na oração.

8) Estratégia: A não tradução de termos em Latim, Alemão e Italiano.

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|--|--|
| 11 | Nevertheless, since Jerome, the maxim non verbum e verbo, sed sensum exprimere de sensu (not word for word, but rather to express the sense from the sense [the meaning]) has been the order of the day, and has colored many translations. | No entanto, desde Jerônimo, a máxima <i>non verbum</i> e verbo, <i>sed sensum exprimere de sensu</i> (não palavra por palavra, mas para expressar o sentido a partir do sentido [o significado]) tem estado na ordem do dia, e ressalta muitas traduções. |
| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
| 12 | The relevant analysis is that of Heidegger when he focuses our attention on understanding as an act, on the access, inherently appropriative and therefore violent, of Erkenntnis to Dasein ". | A análise relevante é a de Heidegger quando focaliza nossa atenção no entendimento como ato, no acesso inerentemente apropriado, portanto, violento, de <i>Erkenntnis to Dasein</i> . |
| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
| 13 | The Renaissance aphorism- traduttore, traditore - expresses one position in the discussion, that the person who translates also betrays. Ironically, we see the aphorism's "truth" in the practice of its very translation; translating this aphorism is itself an impossibility, as its tight and efficient pun gets lost. | O aforismo Renascentista - <i>traduttore, traditore</i> - expressa uma posição na discussão, que a pessoa que traduz também trai. Ironicamente, vemos a "verdade" do aforismo, na prática de sua própria tradução; traduzir esse aforismo é em si uma impossibilidade, pois seu trocadilho cerrado e eficiente se perde. |

Os termos em alemão e italiano foram mantidos na tradução, mas foi utilizado da nota de comentário para colocar a tradução em português. No latim, a estratégia utilizada foi manter em itálico a frase e traduzir o que estava em parênteses em inglês.

9) **Estratégia:** Exclusão do travessão

| Estratégia | TEXTO DE PARTIDA 1 | TRADUÇÃO |
|------------|--|---|
| 14 | How do we begin to think about this gesture and our place in the history of translation in the West-in general , and in relation to the specific texts we are engaging? | Como começar a pensar sobre esse gesto e sobre nosso local na história da tradução no Ocidente em geral, e em relação aos textos específicos que estamos estudando? |

No português o uso do travessão nessa frase não faria sentido, desse modo foi escolhido o uso da vírgula.

Abaixo estão alguns modelos de nota de rodapé (nota de comentário da tradutora), que foram realizados durante a tradução do texto. Durante termos em língua estrangeira que não foram traduzidos, foi utilizado o formato itálico.

a) **Notas explicativas:**

Texto 1: “As feminists working in the late twentieth century on the biblical tradition, we are the ambivalent heirs to modes of thought which are not often aligned with our interests and those of people traditionally marginalized by Western culture.” (página 25)

Tradução: Como feministas trabalhando no final do século XX na tradição bíblica, somos as herdeiras ambivalentes de modos de pensamento que muitas vezes não estão alinhados com nossos interesses e com os de pessoas tradicionalmente marginalizadas pela cultura Ocidental.

Nota: O conceito de Cultura Ocidental, é considerado como um conjunto de normas sociais, tradições, crenças, sistemas políticos, assim como legados culturais, sociais e tecnológicos originados de forma direta ou indireta da Europa. (PAIM, PROTA, RODRIGUES, p.5)

b) Nota para explicar sobre algum autor:

Texto 1: “One model for thinking these issues through may be found in the work of Elisabeth Schiissler Fiorenza who, in her book *Bread Not Stone*, raises a number of crucial hermeneutical issues.” (página. 27)

Tradução: Um modelo para pensar essas questões pode ser encontrado na obra de Elisabeth Schiissler Fiorenza que, em seu livro *Bread Not Stone*, levanta uma série de questões hermenêuticas cruciais.

Nota: Elisabeth Schiissler Fiorenza, é uma professora de teologia, que fez um trabalho pioneiro em interpretação bíblica e teologia feminista. Disponível em: <https://hds.harvard.edu/people/elisabeth-schussler-fiorenza>. Acesso em: 17 mar 2022

c) Notas para expressões e citações em língua estrangeira:

Texto 1: “As one historian of translation has put it, "considering that the *operis lex* of the Bible was determined by its divine authorship, the commitment of Jewish and early Christian translators was that of servitude-what other authority structure but the positional did God exercise?” (página. 28)

Tradução: Assim como uma historiadora da tradução sugeriu, “Considerando que a *operis lex* da Bíblia foi determinada por sua autoria divina, o compromisso dos tradutores judeus e dos primeiros cristãos era o de servir - que outra estrutura de autoridade, mas a posicional Deus exerceu?”

Nota: Termo em latim que não foi traduzido, mas em sua tradução literal para o português significa “lei de cobertura”

d) Notas para referenciar termos desconhecidos:

Texto 1: “[W]hat is required for a feminist theory of translation is a practice governed by what Derrida calls the double bind Such a theory might rely ... on the double-edged razor of translation as collaboration, where author and translator are seen as working together, both in the cooperative and the subversive sense” (página. 38)

Tradução: [O] que é necessário para uma teoria feminista da tradução é uma prática governada pelo que Derrida chama de *double bind*... Tal teoria pode se apoiar... na navalha de dois gumes da tradução como colaboração, onde autor e tradutor são vistos como trabalhando juntos, tanto no sentido cooperativo quanto no sentido subversivo.

Nota: *Double bind* seria o imperativo categórico que refletiria o paradoxo inerente ao processo de tradução, já que demarcaria, a um só tempo, sua impossibilidade e sua necessidade, assim como um reflexo da tradução recíproca e relevante. (OTTONI, 2000, p. 128).

e) Notas para explicar textos desconhecidos:

Texto 2: “During one Bible study series with an acquaintance, they decided that the King James version had not given the text literally:” (página. 400)

Tradução: Durante uma série de estudos da Bíblia, com um conhecido, eles decidiram que a versão King James não tinha oferecido ao texto literalidade:

Nota: A Bíblia *The King James Version*, é o nome dado a versão da Bíblia em inglês solicitada pelo rei James I da Inglaterra. Essa versão se tornou o padrão cristão em língua inglesa e é considerada uma das versões mais precisas. Foi traduzida por cerca de 54 tradutores em um período de 7 anos. Disponível em: <https://www.kingjamesbibleonline.org/King-James-Version/>. Acesso em: 23 abr 2022.

f) Notas para apresentar a tradução de algum termo ou frase:

Texto 2: “Su admirable ambicion era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes.” (página. 38)

Tradução: “*Su admirable ambicion era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes*”.

Nota: Tradução para o português: “Sua admirável ambição era produzir várias páginas que coincidissem - palavra por palavra e linha por linha - com as de Miguel de Cervantes.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que esse projeto fosse realizado foram escolhidos dois artigos com a temática sobre feminismo, gênero e religião. A partir desse momento e após leitura dos artigos, foi percebido a importância de pesquisar, traduzir e ler materiais voltados para a tradução feminista. Tendo em vista que a maioria dos textos utiliza termos de linguagem masculina, a tradução feminista busca não somente tornar os textos traduzidos em textos inclusivos, mas também os tornarem menos sexistas, menos androcêntricos, menos patriarcais e menos machistas. Consequentemente, a escolha desses determinados artigos se deu pela importância do tema que é abordado, utilizando esse trabalho e essa tradução como forma de dar visibilidade as autoras, ao tema e aos Estudos Feministas da Tradução. Assim como ser fonte de pesquisa, estudos e leitura para falante do português que não tem conhecimento da língua inglesa.

Durante a realização do trabalho foram usadas em sua maioria tradutoras femininas em feministas. Foi utilizada como base teórica a teoria funcionalista de Cristina Nord e a metodologia de notas de tradução comentadas, para assim poder explicar as soluções e escolhas tradutórias escolhidas.

Dessa forma, pude me inserir no texto como tradutora não neutra e com uma determinada opinião, resultando assim em um texto que transferiu por meio do ato tradutório o contexto interlinguístico e cultural a qual o texto “original” estava e está inserido.

Para dinamizar o trabalho, foram realizadas pesquisas de figuras, imagens e referências dos fatos aqui apresentados. O artigo, apesar de conter uma linguagem técnica, não continha muitos termos desafiadores. Entretanto, ainda foi necessária a realização de pesquisa, a preparação do corpus e a elaboração de um glossário para auxiliar no processo tradutório, de modo a servir como fonte para os Estudos da Tradução.

O primeiro artigo contém uma reflexão crítica acerca da tradução feminista, da influência de gênero e da religião. O segundo contém uma reflexão acerca das diferentes abordagens no ato tradutório. Durante a realização deste trabalho foi possível entender e perceber a importância da mulher na tradução, como agente de transformação de práticas sexistas, tornando a mulher, que durante toda uma história foi esquecida, presentes e fundamentais, ao traduzirem, retraduzirem e escreverem textos que resgatam e valorizam o feminino, permitindo uma nova construção social e transmissão de uma cultura igualitária.

Por meio deste trabalho contribuí para os Estudos Feministas da Tradução, com a possibilidade de publicar os artigos aqui traduzidos em uma revista brasileira. Como sugestão para continuação deste trabalho é recomendada a tradução dos outros artigos contidos na

Revista “Journal of Feminist Studies in Religion”, de 1990 e na Revista Open Theology, de 2014, para assim abarcar mais temas que são essenciais para o debate do feminismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Andreia de; LOPES, Elba; CAMILO, Jeam; CHOI, Vania. **Manual APA: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos**. Fecap – Biblioteca Paulo Ernesto Tolle. São Paulo, 2016.

ANDRADE, Maria Paula Melo de. **Tradução de Artigos Científicos: Visibilidade à tradução feminista**. 2021, p. 1-133. Departamento de línguas estrangeiras e tradução – Universidade de Brasília, 2021.

ANTHONY, Laurence. **AntConc: A Learner and Classroom Friendly, Multi-Platform Corpus Analysis Toolkit**. An Interactive Workshop on Language e-Learning, Japão, p. 7-13, 2004. Disponível em: http://www.laurenceanthony.net/research/iwlel_2004_anthony_AntConc.pdf. Acesso em: 25 mar. 2021.

ARAÚJU, Jessica; TEIXEIRA, Elisa. **Inclusividade e empoderamento feminino em materiais institucionais de acolhimento destinados a pessoas refugiadas**. 2019.

BAILEY, April H; LaFRANCE, Marianne; DOVIDIO, John F. **Is the Man the Measure of All Things? A Social Cognitive Account of Andocentrism**. July, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1088868318782848>. Acesso em: 28 fev. 2022.

BAKER, Mona. A tradução como um espaço alternativo para ação política. **Cadernos de Tradução**, v.38, n 2, p. 339-380, mai-ago, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2018v38n2p339/36483>. Acesso em: 18 fev. 2022.

BANDEIRA, Lourdes. **Patriarcado e Violência masculina: crimes de morte como construção pública**. 2006, Anais do 30º. Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, no GT 27: Violência, conflitos e práticas culturais.

BEVILACQUA, Cleice Regina; KILLIAN, Cristiane Krause. **Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor**. Urbelândia, vol.11, n. 5, ISSN 1980-5799. 2017, p. 1707-1726.

BLUME, Rosvitha Friesen. **Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero**. Fragmentos. Florianópolis, n. 39, 2010.

CASTELLI, Elizabeth A. **Women, Gender, Religion: a reader**. New York. Palgrave, 2001.

CASTRO, Olga. **(Re-)Examining Horizons in feminist translation studies: Towards a third wave?** Universidade de Vigo, 2009. Disponível em: <https://www.e-revistas.uji.es/index.php/monti/article/download/1644/1401>/Acesso em: 22 fev. 2022.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. **Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives**. New York. Routledge, 2017.

COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. **Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje**. Estudos linguísticos (são paulo 1978), são paulo, v. 48, n. 3, p. 1227-1247, dez./2019.

CONTI, Cristina. **Hermenêutica feminista**. Alternativas. Nicarágua, 1998. TEOL N. 11-12. Per.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na história**. 1ª edição. São Paulo: Editora Àtica, 1995.

DÉPÊCHE, Marie-France. A Tradução Feminista: Teorias e Práticas Subversivas. Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. **Revista Textos de História**, Vol. 8, n. 1/2. p. 157-188. Universidade de Brasília – Unb. 2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27807/23905>. Acesso em: 18 fev. 2022.

_____. Diretrizes para autores. **Belas Infiéis**. Brasília. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/guidelines>. Acesso em: 29 abr 2022

EJELOV, Emma; LUKE, Timothy J. **Journal of Experimental Social Psychology**. ELSEVIER. Volume 87, 103937, março 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022103119305074?via%3Dihub>. Acesso em: 28 fev. 2022.

EVERS, Aline; FINATTO, Maria José Bocorny. **Linguística de corpus e tradução**. GTLex, v. 1, n. 2, p. 271-295, 2015.

FIORENZA, Elizabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FLOTOW, Luise Von. **Feminist Translation : Contexts, Practices and Theories**. Association Canadienne de Traductologie, 1991. TTR, 4(2), 69–84. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/037094ar>. Acesso em: 22 fev. 2022.

FLOTOW, Luise Von. **Translation and Gender: Translating in the ‘Era of Feminism’**. Manchester. St, Jerome Publishing, 1997.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. 2. ed. rev. São Paulo. Madras Editora Ltda. 2009.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro. Rosa dos tempos, 2018.

INCLUSIVE-LANGUAGE, Lectionary Committee. **An inclusive-Language Lectionary**. Revised Edition. Atlanta, New York e Philadelphia: John Knox Press, The Pilgrim Pres e The Westminster Press, 1987.

KONING SJ, Johan. **Tradução e Traduções da Bíblia no Brasil**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, p. 125- 238, 2001.

MARCONI, M. D. A; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

NASSI-CALÒ, Lilian. Estudo aponta que artigos publicados em inglês atraem mais citações. **SCIELO em Perspectiva**. 04 Nov. 2016. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2016/11/04/estudo-aponta-que-artigos-publicados-em-ingles-atraem-mais-citacoes/#.YjtdJ-fMJPY>. Acesso em: 22 fev. 2022;

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. 1. ed. São Paulo: Coleção Transtextos, 2016. p. 1-438.

NUNES, Jakeline. **Em busca do mais valioso e precioso tesouro, historiografia da tradução da Bíblia de João Ferreira de Almeida**. 2016. Departamento de línguas estrangeiras e tradução – Universidade de Brasília.

_____. **O tempo**, 2009. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/super-fe/as-diferencas-entre-o-joio-e-o-trigo-1.205459>. Acesso em: 07 mar 2022.

POPPI, C. **Século XVII na França: Les Belles Infidèles**, Racine e o modelo dos clássicos antigos. In: Non Plus, [S.l.], n. 3, 2013, p. 29-43. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/49033>. Acesso em: 01 mar. 2022.

RIECHE, Adriana Ceschin. Memória de Tradução: Auxílio ou Empechilho? **Tradução em Revista**, 10.17771, V. 25349. PUC Rio, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25349/25349.PDF>. Acesso em: 28 fev. 2022.

ROCCO, Mr. 1 Tessalonicenses 2:13. **Bíblia JFA Offline**. Disponível em: <https://bibleoffline.com/portuguese/1tessalonicenses/2#!/portuguese/1tessalonicenses/2>. Acesso em: 28 fev. 2022.

RUETHER, Rosemary Radford. **The Future of Feminist Theology in the Academy**. *Journal of the American Academy of Religion*. Volume LIII, December 1985, p. 703-713. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jaarel/LIII.4.703>. Acesso em: 28 fev. 2022.

RUSSELL, Letty M. **Feminist Interpretation of the Bible**. Westminster John Knox Press, London, January, p. 1-168, 1985.

SAGER, J. C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología**. Madrid: Fundación Sánchez Ruipérez, 1993.

SANTANA-DESMANN, Vanete. **As Belles Infidèles e os Românticos Alemães**. *Belas Infieis*, v. 5, n.3, p. 89-105, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/download/11401/10037/20564>. Acesso em: 07 mar 2022.

SANTANA, Camila Martins. Feminismo e Ciência: possíveis avanços a partir de políticas feministas e de gênero na ciência. **Revista Pós**. Número 2, Volume 14, agosto 2019, p. 35-57 Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/26489>. Acesso em: 28 fev. 2022.

SANTOS, Odja Barros; MUSSKOPF, André Sidnei. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. **Interações**, Belo Horizonte, Brasil, v.13, n.24, p.334-354, ago./dez.2018.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP. Editora Manole, 2004.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural and the Politics of Transmission**. New York. Routledge, 1996.

SCHUSTER, ethel; LEVKOWITZ, haim; OLIVEIRA, osvaldo n. Oliveira jr. **Writing scientific paper in english successfully: your complete roadmap**. 2014.

_____. Sociedade Bíblica do Brasil. **História da Tradução da Bíblia**. Disponível em: <https://biblia.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/historia-da-traducao-da-biblia>. Acesso em: 29 abr 2022.

TORRES, Marie-Hélène. **Por Que e Como Pesquisar a Tradução Comentada?** Volume dois. Coleção Transletras. 2015.

TOSTES, Angelica. **Teologia Feminista**. Angelicaquisses, 2017. Disponível em: <https://angeliquisses.wordpress.com/teologia-feminista/>. Acesso em: 29 abr 2022

WILLET, Elizabeth Ann Remington. Feminist Choices of Early Women Bible Translators. *Open Theology*, vol. 2, no. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/opth-2016-0033>. Acesso em: 07 abr 2022.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla; JANCZUR, Chistine. **A tradução comentada em contexto acadêmico**: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 25, n.2, p. 331-352, 2015.

APÊNDICE 1- GLOSSÁRIO SOBRE A TRADUÇÃO FEMINISTA NA RELIGIÃO

Leandra Patrícia Santana de Moura

Brasília, março de 2022

| Termo LF | Freqüência | Termo LA | Definição | Contexto | Tradução | Fonte |
|-------------|------------|-----------|--|--|--|---|
| Women | 3032 | Mulheres | Plural of woman. | But the notion that the parents, husbands, and in-laws of adult women have a legitimate legal claim to control those women's bodies and lives is one that could be expanded even beyond the question of reproductive choice. | Mas a noção de que os pais, maridos e sogros de mulheres adultas têm um direito legal legítimo de controlar os corpos e as vidas dessas mulheres é algo que pode ser expandido até mesmo além da questão da escolha reprodutiva. | https://www.thefreedictionary.com/women |
| Translation | 1525 | Tradução | Na act, a process, or instance of translating: such as a rendering from one language into another. | 3 nonfiction translations to read this spring | 3 traduções de não ficção para ler durante essa primavera | https://www.merriam-webster.com/dictionary/translation |
| Feminist | 991 | Feminista | a person who supports or engages in feminism | The Feminist Collective held a book club last year over lockdown as a way to connect people during COVID-19 and due to high demand, they have decided to bring it back this semester. | O Coletivo Feminista realizou um clube do livro no ano passado durante o lockdown como forma de conectar as pessoas durante o COVID-19 e, devido à alta demanda, eles decidiram trazê-lo de volta neste semestre. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/feminist |

| | | | | | | |
|-----------|-----|-----------|--|--|--|---|
| Gender | 912 | Gênero | a subclass within a grammatical class (such as noun, pronoun, adjective, or verb) of a language that is partly arbitrary but also partly based on distinguishable characteristics (such as shape, social rank, manner of existence, or sex) and that determines agreement with and selection of other words or grammatical forms | One such flaw is gender inequality. | Uma dessas falhas é a desigualdade de gênero. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/gender |
| Woman | 686 | Mulher | an adult female person | From being property to owning one: A Maasai woman's struggle for land | De ser propriedade a possuir uma: a luta de uma mulher Maasai por uma terra | https://www.merriam-webster.com/dictionary/woman |
| Language | 651 | Idioma | the words, their pronunciation, and the methods of combining them used and understood by a community | Over the last century, Indigenous languages have been gradually slipping away. | Ao longo do último século, os idiomas indígenas foram gradualmente desaparecendo. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/language |
| Press | 643 | Imprensa | newspapers, magazines, and radio and television news reports | Accredited journalists wishing to attend the press conference in person can do so | Jornalistas credenciados que desejem participar pessoalmente da coletiva de imprensa podem fazê-lo | https://www.britannica.com/dictionary/press |
| Social | 567 | Social | relating to or involving activities in which people spend time talking to each other or doing enjoyable things with each other | As the covid cases across the country ebb, the Union Health Ministry on Wednesday directed states to follow a risk assessment-based approach on the opening of economic and social activities. | À medida que os casos de covid em todo o país diminuem, o Ministério da Saúde orientou na quarta-feira os estados a seguirem uma abordagem baseada na avaliação de risco na abertura das atividades econômicas e sociais. | https://www.britannica.com/dictionary/social |
| Religious | 539 | Religiosa | of or relating to religion | Therefore, the aim of the present systematic review was to explore the relationship between religion and cancer screening utilization and to determine if there is also a relationship with respect to religious | Portanto, o objetivo da presente revisão sistemática foi explorar a relação entre a religião e a utilização do rastreamento do câncer e determinar se também existe uma relação com a denominação religiosa e a religiosidade. | https://www.britannica.com/dictionary/religious |

| | | | | | | |
|------------|-----|--------------|--|--|---|---|
| | | | | denomination and religiosity. | | |
| Religion | 532 | Religião | the belief in a god or in a group of gods | Organized religion can fulfill that craving for people if they'll give it a chance. | A religião organizada pode satisfazer esse desejo das pessoas se elas derem uma chance. | https://www.britannica.com/dictionary/religion |
| Cultural | 509 | Cultural | of or relating to culture or cultivation | And all of our learners, schools, families and communities benefit from celebrating cultural and linguistic diversity | E todos os nossos alunos, escolas, famílias e comunidades se beneficiam da celebração da diversidade cultural e linguística | https://www.thefreedictionary.com/cultural |
| University | 498 | Universidade | An institution for higher learning with teaching and research facilities typically including a graduate school and professional schools that award master's degrees and doctorates and an undergraduate division that awards bachelor's degrees. | Up to 120 separate pieces of commonwealth and state legislation already exist to regulate potential foreign interference, and a university foreign interference taskforce has been set up to guide universities with the help of governments and agencies. | Até 120 peças separadas de legislação da comunidade e do estado já existem para regular a interferência estrangeira em potencial, e uma força-tarefa de interferência estrangeira da universidade foi criada para orientar as universidades com a ajuda de governos e agências. | https://www.thefreedictionary.com/university |
| Culture | 433 | Cultura | The arts, beliefs, customs, institutions, and other products of human work and thought considered as a unit, especially with regard to a particular time or social group | You must build a culture of innovation | Você deve construir uma cultura de inovação | https://www.thefreedictionary.com/culture |

| | | | | | | |
|------------|-----|-----------|---|--|--|---|
| Female | 433 | Feminino | Próprio ou relativo a mulher, sexo caracterizado pela presença de ovário ou produção de gametas femininos | Research has shown they were critical to the growth of the early church, being more likely to convert to Christianity than men, and most of the early Christian communities were majority female | A pesquisa mostrou que eles eram críticos do crescimento da igreja primitiva, sendo mais propensos a se converter ao cristianismo do que os homens, e a maioria das comunidades cristãs primitivas era majoritariamente feminina | https://bigthink.com/thinking/worlds-largest-religion-is-female/ |
| English | 411 | Inglês | Of, relating to, or characteristic of England or its people or culture | With a tight budget, lawyer Joel Rosa da Rocha, 54, had to postpone his plan to study English | Com orçamento apertado, advogado Joel Rosa da Rocha, 54, teve que adiar plano de estudar inglês | https://www.thefreedictionary.com/english |
| Male | 383 | Masculino | of or relating to the sex that cannot produce young or lay eggs | Researchers at the University of Minnesota created a birth control pill for male mice, which proved 99 percent effective in preventing pregnancy. | Pesquisadores da Universidade de Minnesota criaram uma pílula anticoncepcional para camundongos machos, que se mostrou 99% eficaz na prevenção da gravidez. | https://www.britannica.com/dictionary/male |
| Studies | 372 | Estudos | The effort to acquire knowledge, as by reading, observation, or research | Studies suggest music is beneficial for mental wellbeing | Estudos sugerem que a música é benéfica para o bem-estar mental | https://www.thefreedictionary.com/studies |
| Translator | 348 | Tradutor | to turn into one's own or another language | Ukrainian translator gets emotional during Zelenskyy's EU speech | Tradutor ucraniano se emociona durante discurso de Zelenskyy na UE | https://www.merriam-webster.com/dictionary/translator |
| Sexual | 347 | Sexual | of, relating to, or associated with sex or the sexes | an employee took her employer to court for sexual harassment after a colleague sent her a message commenting on her good looks, followed by a winking emoji. | uma funcionária levou seu empregador ao tribunal por assédio sexual depois que um colega lhe enviou uma mensagem comentando sobre sua boa aparência, seguida de um emoji piscando. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/sexual |
| Political | 343 | Político | of or relating to politics or government | The political agreement reached by the European Parliament and the Council is now subject to formal approval by the two co-legislators. | O acordo político alcançado pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho está agora sujeito à aprovação formal dos dois co-legisladores. | https://www.britannica.com/dictionary/Political |

| | | | | | | |
|-----------|-----|-----------|---|---|---|---|
| Feminism | 324 | Feminismo | Belief in or advocacy of women's social, political, and economic rights, especially with regard to equality of the sexes. | The environment suffers under the same patriarchal and capitalistic society that oppresses women, and modern feminism should prioritize environmental justice as a key tenet of its movement. Justice for women will not be served unless there is also environmental justice | O meio ambiente sofre sob a mesma sociedade patriarcal e capitalista que oprime as mulheres, e o feminismo moderno deve priorizar a justiça ambiental como um princípio fundamental de seu movimento. A justiça para as mulheres não será feita a menos que também haja justiça ambiental | https://www.thefreedictionary.com/feminism |
| History | 294 | História | A chronological record of events, as of the life or development of a people or institution, often including an explanation of or commentary on those events | It also helps us to put our history in a proper perspective, because a lot of times [history is] very male-centric, dominated by male stories | Também nos ajuda a colocar nossa história em uma perspectiva adequada, porque muitas vezes [a história é] muito centrada no homem, dominada por histórias masculinas | https://www.thefreedictionary.com/history |
| Society | 286 | Sociedade | people in general thought of as living together in organized communities with shared laws, traditions, and values | Together they have been looking at ways to support and promote the integration of these groups into society, and to address any negative views linking COVID-19 transmission to asylum seekers entering the country. | Juntos, eles estão procurando maneiras de apoiar e promover a integração desses grupos na sociedade e abordar quaisquer visões negativas que vinculem a transmissão do COVID-19 aos requerentes de asilo que entram no país. | https://www.britannica.com/dictionary/society |
| Power | 272 | Poder | ability to act or produce an effect | Their claim to power is found in familiarity, universal truths, and creating a sense of camaraderie. | Sua reivindicação ao poder é encontrada na familiaridade, nas verdades universais e na criação de um senso de camaradagem. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/power |
| Christian | 224 | Cristão | based on or conforming with Christianity | A group of young Christians wants to give people from the nations a chance to personally participate in the restoration of the Land of Israel, according to biblical prophecy. | Um grupo de jovens cristãos quer dar às pessoas das nações a chance de participar pessoalmente da restauração da Terra de Israel, de acordo com a profecia bíblica. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/Christian |
| Bible | 221 | Bíblia | the book of sacred writings used in the Christian religion | We give people food and medicine and Bibles and gas for their cars to get them moving | Nós damos às pessoas comida e remédios e Bíblias e gasolina para seus carros para que eles se movam | https://www.britannica.com/dictionary/bible |

| | | | | | | |
|-------------|-----|-------------|---|---|--|---|
| Theory | 221 | Teoria | A set of statements or principles devised to explain a group of facts or phenomena, especially one that has been repeatedly tested or is widely accepted and can be used to make predictions about natural phenomena. | an expert in political theory, has parsed all these labels and tells us Putin is in fact a reactionary tyrant. | especialista em teoria política, analisou todos esses rótulos e nos diz que Putin é de fato um reacionário | https://www.thefreedictionary.com/theory |
| Spiritual | 203 | Espiritual | concerned with sacred or religious things; refined; sensitive | Spiritual act of trust | Ato espiritual de confiança | https://www.thefreedictionary.com/spiritual |
| Moral | 161 | Moral | concerning or relating to what is right and wrong in human behavior | Moral philosophy is the branch of philosophy that contemplates what is right and wrong. | A filosofia moral é o ramo da filosofia que contempla o que é certo e errado. | https://www.britannica.com/dictionary/moral |
| Sexuality | 156 | Sexualidade | the quality or state of being sexual | Sexuality is about your sexual feelings, thoughts, attractions and behaviours towards other people. | Sexualidade é sobre seus sentimentos, pensamentos, atrações e comportamentos sexuais em relação a outras pessoas. | https://www.merriam-webster.com/dictionary/sexuality |
| Patriarchal | 136 | Patriarcal | of, relating to, or being a patriarch or patriarchy | Patriarchal and Matriarchal Power in the Book of Genesis | Poder patriarcal e matriarcal no livro de Gênesis | https://www.merriam-webster.com/dictionary/patriarchal |
| Tradition | 134 | Tradição | a way of thinking, behaving, or doing something that has been used by the people in a particular group, family, society, etc., for a long time | When isolated from an environment that fosters these things, in the way an immigrant often is, intimacy can reveal itself through cultural traditions | Quando isolado de um ambiente que promove essas coisas, como um imigrante geralmente é, a intimidade pode se revelar por meio de tradições culturais | https://www.britannica.com/dictionary/tradition |
| Sexism | 29 | Sexismo | Discrimination based on gender, especially discrimination against women. | The researchers suggest that sexism and rudeness are not mutually exclusive | Os pesquisadores sugerem que sexismo e grosseria não são mutuamente exclusivos | https://www.thefreedictionary.com/sexism |

APÊNDICE 2- TEXTO ORIGINAL 1

SPECIAL SECTION ON FEMINIST TRANSLATION OF THE NEW TESTAMENT*

LES BELLES INFIDELES/FIDELITY OR FEMINISM?

The Meanings of Feminist Biblical Translation

Elizabeth A. Castelli

Translation then becomes second nature. It is an ongoing activity with us, like breathing. Only occasionally, as during an asthma attack, do we suddenly become aware (sometimes with an excruciating pain) of the ongoing process.²⁷

As feminists working in the late twentieth century on the biblical tradition, we are the ambivalent heirs to modes of thought which are not often aligned with our interests and those of people traditionally marginalized by Western culture. Many women within Western culture, and most women and men whose roots are outside of it though they may live within it, can identify with the notion of translation not simply as a rhetorical or hermeneutical linguistic gesture but also as a metaphor for their ambiguous experience in the dominant culture. Sri Lankan writer Ranjini Obeyesekere captures the experience of the writer-in-exile in the metaphor of translation as-natural-as-breathing. Many women who are grounded in the Christian tradition have spent much of their religious lives in radical acts of translation of the tradition. One might well ask, At what cost? One might also note that, as we enter into this discussion, more women are feeling more asthmatic than ever before. Our success will certainly be measured, at least in part, by the ways in which we are able to offer solace to our sisters' distress. This paper seeks to raise to the level of consciousness some of the sources of that distress, rooted in the theoretical and philosophical problems embedded in the very practice of translation, and to pose some questions which I believe must be answered as an initial step in a feminist project of biblical translation.

**The papers and responses in this section are revised versions of those presented November 19, 1989 at the Annual Meeting of the Society for Biblical Literature in the section on Women in the Biblical World. The session was entitled, "Rethinking the Woman's Bible: Feminist New Testament Translation," and was part of an ongoing series of sessions on "Rethinking the Woman's Bible."*

²⁷ Ranjini Obeyesekere, "The Art of Translation," *Massachusetts Review* 29 (1988): 763.

1.

The metaphors of linguistic difference emerging from the biblical tradition describe the multiplicity of human languages as the result of God's anger at human arrogance; that we do not speak the mythical original language of Eden is, according to the biblical narrative of Babel, a sign of our fallen status.²⁸ The very need for translation grows out of human sin, and the practice of translation is coded by this fallenness. Translation is often figured as a miraculous event, as with the account of Pentecost and the legends surrounding the creation of the Septuagint; somehow good translation is only made possible through divine intervention. Given this tradition, feminist translators of the Bible rightly pause at the task they set for themselves.²⁹ What does it mean for us to take on the task of translating Scripture for feminist ends? How do we begin to think about this gesture and our place in the history of translation in the West-in general, and in relation to the specific texts we are engaging? Will we, in the process, add to the mythological accretions concerning biblical translation-invoking God's intervention as part of our practice, as has been done at other moments of transformative translation? How does our practice relate to that of others? How do we conceptualize it? How do we interact with the discourse of translation already in place? In beginning to think about a feminist theory of translation, we must ask a series of difficult questions about philosophy of language, how meanings are produced, how they are culturally situated.

We must ask whether it is possible to write a translation of the Bible that is a (sub)version of it?³⁰ We must think through the philosophical problems in the claims about androcentric language and the Word of God: is this a simple recasting of the Romantic idea of

²⁸ 2 George Steiner, *After Babel: Aspects of Language and Translation* (London: Oxford University Press, 1975), 57-63, notes that every civilization has some mythology of the primal dispersion of languages.

²⁹ The literature on the issue of feminist translation is widespread, usually engaged with questions of inclusive language in liturgy. See, as some examples, Phyllis A. Bird, "Translating Sexist Language as a Theological and Cultural Problem," *Union Seminary Quarterly Review* 42:1-2 (1988): 89-95; Madeline Boucher, "Scriptural Readings: God Language and Nonsexist Translation," *Reformed Liturgy and Music* 17 (1983): 156-59; Roger A. Bullard, "Feminine and Feminist Touches in the Centenary New Testament," *Bible Translator* 38 (1987): 118-22; Frederick W. Danker, "Gains and Problems in the New Testament Translation," *Dialog* 24 (1985): 49-50; Richard Franklin, "God and Pro nouns," in *The Force of the Feminine: Women, Men, and the Church*, ed. Margaret Franklin (Sydney: Allen and Unwin, 1986), 113-19; Nancy A. Hardesty, "'Whosoever Surely Meaneth Me': Inclusive Language and the Gospel," *Christian Scholar's Review* 17:3 (1988): 231-40; Hugh T. Kerr, ed., "Symposium: Inclusive Language Lectionary," *Theology Today* 43 (1987): 533-57; Virginia Ramey Mollenkott, "Toward a Unity that Affirms Diversity: An Inclusive Language Lectionary," *Ecumenism* 84 (1986): 14-16; and many others

³⁰ See one feminist translator's encounter with the problem of translation as subversive practice: Suzanne Jill Levine, "Translation as (Sub)Version: On Translating *Infantes Inferno*," *Sub-stance* 42 (1984): 85-94.

progressive movement toward the logos?³¹ Will there necessarily be congruence between what we want "the word of God" to say and what the texts display, as though translation as a constantly progressive journey toward the very language of God will produce liberating meanings as a matter of course? Is our feminist practice of translation guaranteed to produce a text that points ever closer to, attains to, a truth of translation? Or is our work not always already undercut by uninterrogated categories of authority and canonicity? Or, to put the question another way, does a feminist translation of a text always produce a nonsexist text?

While some would want to answer this last question affirmatively, such an answer presupposes that translation is a technical process separable from farther reaching interpretive concerns. A feminist method of translation ought not to adopt gender neutral formulae blindly, as though that strategy might answer the challenge of androcentric texts. One model for thinking these issues through may be found in the work of Elisabeth Schiessler Fiorenza who, in her book *Bread Not Stone*, raises a number of crucial hermeneutical issues.³² In the course of her discussion, Schiessler Fiorenza balances several concerns at once. There is the overarching recognition that biblical texts are written in androcentric language, and that androcentric language embodies shifting nuances at different historical moments. While, for example, androcentric languages might at some other historical moments have been understood to convey generic meanings, this is no longer the case. Therefore, feminist translation must reject the androcentric equivalent in favor of terms that convey inclusivity. Schiessler Fiorenza, however, is quick to point out that translation theory must also take into account historical realities, and not obscure the patriarchal quality of some biblical texts through formulaic use of gender-neutral language. The project is therefore nuanced and delicate, striving not to obscure the nature of the text while at the same time trying not to construct and reify further sexist expectations and assumptions through the use of language that erases, marginalizes, or trivializes women's lives, agency, and contributions.

³¹ See the discussion of this approach in Edward L. Greenstein, "Theories of Modern Bible Translation," *Prooftexts* 3 (1983): 26-27; Steiner, 57-63. These ideas find their expression most fully in the works of Friedrich Schleiermacher, "Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens," in *Das Problem des Übersetzens*, ed. Hans Joachim Stöhrig (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969), 39-70; English translation in *German Romantic Criticism* (ed. A. Leslie Willson; New York: Continuum, 1982), 1-30. Also see, with rather different emphases, Walter Benjamin, "Die Aufgabe des Übersetzers," in Stöhrig, 156-169; English translation: "The Task of the Translator," in *Illuminations: Essays and Reflections*, ed. Hannah Arendt, trans. Harry Zohn (New York: Schocken, 1969), 69-82.

³² Elisabeth Schiessler Fiorenza, *Bread Not Stone: The Challenge of Feminist Biblical Interpretation* (Boston: Beacon, 1984). See especially the discussion on 17-18, where concern over adequate translation interacts with a hermeneutics of suspicion.

One of the difficulties in thinking these questions through is that we are caught up in a hermeneutical tension that renders problematic much work on biblical texts in general; a profound tension between treating the text as a cultural artifact accessible to analysis and interpretation, and viewing the text as somehow deeply different from other texts. Translating the Bible is wound up with this same tension, and has been for centuries. While translation has long been understood by many translators as a kind of creative labor performed on the texts of others, the Bible has been seen as the exception to this rule; where translators might boast of their quick and agile work on secular texts, biblical translators would speak of their "long, careful labor" and "consciously based their renderings on those of their predecessors."³³ As one historian of translation has put it, "considering that the *operis lex* of the Bible was determined by its divine authorship, the commitment of Jewish and early Christian translators was that of servitude-what other authority structure but the positional did God exercise?"³⁴ Here, issues of the relationship of the translator to her predecessors intersect with the overdetermined concerns in biblical writing in general with authorship and authority. To discuss feminist practice of translation is to raise the fundamental question of feminist authorship and authority. Beyond the question of authority lies the very question of the nature of the language of the text itself. Even a critic like Steiner, who sees language as foundationally and perpetually in flux, sees a difference when one is dealing with religious texts, "preserved in a condition of artificial stasis."³⁵ One of the issues we need to resolve as feminists translating the Bible is our position on the question of the status of biblical language; it need not go without saying that the text is a static body of language, beyond the reach of decisions we might make about it. Deciding that the text is made up of fluid language, changeable and diffuse is a freeing gesture for the translator; however, it also means that we set into question as well the very concept of "word of God" as it has been used throughout the tradition.

This is a radical and risky gesture, one which opens up our own agency in relation to the text while situating our work in a particular theological position that demands further theorizing. Finally, in relation to these questions of authority and the nature of the texts, on what grounds will we select the texts subject to a feminist translation of the Bible? Will we limit ourselves to the canon as it has historically (politically, and tendentially) been

³³ Flora Ross Amos, *Early Theories of Translation* (New York: Columbia University Press, 1920), 50; see p. 51 for specific examples in the history of biblical translation.

³⁴ L. G. Kelly, *The True Interpreter: A History of Translation Theory and Practice in the West* (New York: St. Martin's, 1979), 207. Sharon H. Ringe, "Standing Toward the Text," *Theology Today* 43 (1987): 552-57 raises some crucial issues concerning textual authority and feminist practice.

³⁵ Steiner, 18.

constituted? Or will our challenge to authority include a reconsideration of the question of which texts belong in a feminist translation of the Bible? As we work here together, another group of biblical scholars is working to produce a new translation of the New Testament that will include the Gospel of Thomas as a text; once the bounds of canon have been stretched, will we wish to fill this new space with new texts? Perhaps more to the point, will we abandon other, irredeemable texts? How shall we make such decisions?

6.

In "Pierre Menard, autor del Quijote," a story invoked frequently by theorists of translation, Jorge Luis Borges recounts the tale of an early twentieth-century French writer who plans to write the Spanish novel, *Don Quijote*. Pierre Menard does not want to write a version of *Don Quijote*, for that would be too simple; nor does he want to make a mechanical reproduction of Cervantes' majestic epic. No. "Su admirable ambicion era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes."³⁶ ("His admirable ambition was to produce several pages which coincided-word for word and line for line-with those of Miguel de Cervantes.") The paradox of Pierre Menard, who wishes "ser [to be] Miguel de Cervantes," captures for us the untenable and compelling position of the feminist translator of the Bible: she wishes, not to produce a version of the Bible, nor a mechanical reproduction (neither a photocopy nor a machine-assisted translation) of it, but to produce "the Bible" itself. In wishing to perform such a radical act of writing, she cannot help but encounter numerous obstacles, some of which I have sought to uncover here.

Lori Chamberlain embraces the idea of the feminist translator as collaborator.

[W]hat is required for a feminist theory of translation is a practice governed by what Derrida calls the double bind Such a theory might rely ... on the double-edged razor of translation as collaboration, where author and translator are seen as working together, both in the cooperative and the subversive sense.³⁷

The difficulty of taking up the image of feminist-translator-as-collaborator is the here-repressed sense of the term collaboration. Collaboration can signify working together, especially in a joint intellectual effort; however, it can also mean cooperating with an enemy who occupies one's own country. If the observation made earlier about certain points of

³⁶ Jorge Luis Borges, *Narraciones*, ed. Marcos Ricardo Barnatan (Madrid: Catedra, 1986), 86.

³⁷ Chamberlain, 470.

connection between the experience of colonized peoples and the experience of women as colonized subjects in culture has any merit, it would seem that the idea of translation as collaboration is at best an ambivalent one.

At the same time, it occurs to me that, despite certain rather obvious obstacles, feminist translators' work can begin to take on the magical impossibility of Menard's project, and that this magical impossibility embodies both the radical potential of the feminist project as well as its political dangerousness. It is women becoming authors of the text-not collaborating with the original authors, but becoming authors themselves-that makes everyone from local pastors to conservative biblical scholars to Time magazine so nervous.³⁸ Just as Menard's text must hang in the paradox of "same/ not same," so must the Bible written/translated by women. And the feminist translator can hope that what is true for Pierre Menard's *Don Quijote* is equally true for her bible-"El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente identicos, pero el segundo es casi infinitamente mas rico."³⁹ ("The text of Cervantes and that of Menard are verbally identical, but Menard's is so infinitely richer.")

³⁸ For some sense of the perceived threat of feminist translation, consider the titles of articles such as James R. Edward, "Toward a Neutered Bible: Making God S/he," *Christianity Today* 27:4 (1983): 19-21 and "Unmanning the Holy Bible," *Time* (December 8, 1980): 128.

³⁹ *Borges*, 89.

APÊNDICE 3 - TEXTO 1 TRADUZIDO COM NOTAS DE TRADUÇÃO

SEÇÃO ESPECIAL SOBRE TRADUÇÃO FEMINISTA DO NOVO

TESTAMENTO*

AS BELAS INFIÉIS⁴⁰/FIDELIDADE OU FEMINISMO?

LES BELLES INFIDÈLES/FIDELITY OR FEMINISM?

Os Significados da Tradução Bíblica Feminista

Elizabeth A. Castelli

A tradução torna-se então uma segunda natureza. Uma atividade contínua, como a respiração. Apenas ocasionalmente, assim como em um ataque de asma, que de repente nos tornamos conscientes (às vezes com uma dor excruciante) do processo em andamento.

Como feministas trabalhando no final do século XX na tradição bíblica, somos as herdeiras ambivalentes de modos de pensamento que muitas vezes não estão alinhados com nossos interesses e com os de pessoas tradicionalmente marginalizadas pela cultura Ocidental⁴¹. Muitas mulheres que fazem parte da cultura Ocidental, e a maioria das mulheres e homens cujas raízes estão fora dela - embora possam viver dentro dela - podem se identificar com a noção de tradução não apenas como um gesto linguístico retórico ou hermenêutico, mas também como uma metáfora para sua experiência ambígua na cultura dominante. A escritora do Sri Lanka, Ranjini Obeyesekere⁴² captura a experiência do “escritor no exílio” na metáfora da tradução

⁴⁰ *Les Belles infidèles* é uma expressão com o significado de “as belas infiéis”, e faz referência para a tradução no sentido de que quanto mais infiel é a tradução, mais bonita ela se torna. (BRANDÃO, 2014)

⁴¹ O conceito de Cultura Ocidental, é considerado como um conjunto de normas sociais, tradições, crenças, sistemas políticos, assim como legados culturais, sociais e tecnológicos originados de forma direta ou indireta da Europa. (PAIM, PROTA, RODRIGUES, p.5)

⁴² Ranjini Obeyesekere, é uma professora aposentada e acadêmica independente de antropologia na Universidade de Princeton. Disponível em:

“tão natural quanto a respiração”. Muitas mulheres que estão enraizadas dentro da tradição Cristã gastaram muito de suas vidas religiosas em atos radicais de tradução da tradição. Pode-se perguntar, a que custo? Pode-se também notar que, à medida que entramos nessa discussão, mais mulheres estão se sentindo mais asmáticas do que nunca. O sucesso com certeza será medido, pelo menos em parte, pela maneira as quais somos capazes de oferecer consolo à angústia de nossas irmãs. Esse artigo procura elevar ao nível de consciência algumas das fontes de angústia, enraizadas nos problemas teóricos e filosóficos embutidos na própria prática da tradução, e para levantar algumas questões as quais acredito que devam ser respondidas como um passo inicial em um projeto de tradução bíblica feminista.

**Os artigos e respostas nessa seção são versões revisadas daqueles apresentados em 19 de novembro de 1989 na Reunião Anual da Sociedade de Literatura Bíblica⁴³ na seção Mulheres no Mundo Bíblico. A sessão foi intitulada: “Repensando a Bíblia das Mulheres: Tradução Feminista do Novo Testamento,” e foi parte de uma série contínua de sessões sobre “Repensando a Bíblia das Mulheres.”*

1.

As metáforas da diferença linguística que emergem da tradição bíblica descrevem a multiplicidade de línguas humanas como resultado da ira de Deus contra a arrogância humana; a razão de não falarmos a língua mítica original do Éden⁴⁴ é, de acordo com a narrativa bíblica

https://books.google.com.br/books/about/Yasodhara_the_Wife_of_the_Bodhisattva.html?id=CmEnbJZpi7MC&source=kp_author_description&redir_esc=y. Acesso em: 17 mar 2022

⁴³ As reuniões anuais da *Society of Biblical Literature* é o maior encontro mundial de estudiosos interessados nos estudos da religião. Disponível em: <https://eventsinamerica.com/events/2021-sbl-annual-meeting-society-of-biblicalliterature/education/science/learning/ev4f7b6ff606d08#:~:text=The%20Annual%20Meetings%2C%20held%20in,on%20issues%20of%20the%20profession>. Acesso em: 17 mar 2022

⁴⁴ O jardim do Éden é o paraíso conhecido como “jardim de Deus”, e está descrito primeiramente no livro de Gênesis na Bíblia. (LARAIA, 1997, p.150)

de Babel⁴⁵, um sinal da nossa condição de corrompimento. A própria necessidade de tradução, cresce fora do pecado humano, e a prática de tradução está codificada por essa corrupção. A tradução é muitas vezes simbolizada como um evento milagroso, como é feita no relato de Pentecostes e as lendas que cercam a criação da Septuaginta; de alguma forma, uma boa tradução só é possível por meio da intervenção divina.

Levando isso em consideração, tradutoras feministas da Bíblia fazem, com razão, uma pausa na tarefa que propõem a si mesmas. O que significa para nós assumirmos a tarefa de traduzir as Escrituras para fins feministas? Como começar a pensar sobre esse gesto e sobre nosso local na história da tradução no Ocidente em geral, e em relação aos textos específicos que estamos estudando? Durante o processo, serão adicionados para os acréscimos mitológicos relacionados à tradução da Bíblia, invocando a intervenção de Deus como parte da nossa prática, como tem sido feito em outros momentos de tradução transformadora? Como a nossa prática se relacionada com a dos outros? Como a conceituamos? Como interagimos com o discurso da tradução já existente?

Para começar a pensar sobre a teoria feminista da tradução, devemos fazer uma série de perguntas difíceis sobre a filosofia da linguagem⁴⁶, como os significados são produzidos, como eles são situados culturalmente. Devemos perguntar, se é possível escrever uma tradução da Bíblia que seja uma (sub)versão dela? Devemos pensar através dos problemas filosóficos, nas afirmações sobre linguagem androcêntrica e a Palavra de Deus: Será essa uma simples reformulação da ideia Romântica do movimento progressivo em direção ao logos⁴⁷? Terá necessariamente uma congruência entre o que queremos que “a palavra de Deus” diga, com o

⁴⁵ Para a Bíblia, a Torre de Babel foi uma construção de uma população monolíngue que quis construir uma torre até o alcance do céu. Deus então irritado com tamanha prepotência, confunde as línguas e assim ninguém mais se entende, criando então a línguas existentes. (CIQUEIRA, 2003, p.152)

⁴⁶ A filosofia da linguagem é uma ramificação da ciência responsável pelo estudo da essência e a natureza dos fenômenos linguísticos. (GARCÍA-CARPINTEIRO, MARQUES, 2012)

⁴⁷ A palavra logos, define uma das noções da filosofia e significa, razão, substância, causa, explicação e ciência. (ANTISERI, Dario; GIOVANNI, Reale. 2014)

que os textos revelam, como se a tradução fosse uma jornada constantemente progressiva para que a própria linguagem de Deus possa produzir significados libertadores como uma coisa natural? A prática feminista da tradução garante a produção de um texto que se aproxime cada vez mais de uma verdade da tradução? Ou o trabalho nem sempre é prejudicado por categorias não interrogadas de autoridade e canonicidade? Ou, para colocar a questão em uma outra perspectiva, a tradução feminista de um texto, sempre produz um texto não sexista?

Enquanto alguns querem responder essa última questão afirmativamente, tal resposta pressupõe que a tradução é um processo técnico separável de preocupações interpretativas mais abrangentes. Um método feminista de tradução não deve adotar cegamente fórmulas neutras em termos de gênero, como se essa estratégia pudesse responder ao desafio dos textos androcêntricos. Um modelo para pensar essas questões podem ser encontrados na obra de Elisabeth Schiessler Fiorenza⁴⁸ que, em seu livro *Bread Not Stone*, levanta uma série de questões hermenêuticas consideradas cruciais. No decorrer de sua discussão, Schiessler Fiorenza equilibra várias preocupações em simultâneo. Há o reconhecimento abrangente de que os textos bíblicos são escritos em linguagem androcêntrica e essa linguagem androcêntrica encarna nuances mutáveis em diferentes momentos históricos. Embora, por exemplo, as línguas androcêntricas possam, em algum outro momento histórico, terem sido entendidas como portadoras de significados genéricos, esse não é mais o caso. Portanto, a tradução feminista deve rejeitar o equivalente androcêntrico em favor de termos que transmitam inclusão. Schiessler Fiorenza, no entanto, é diligente ao apontar que a teoria da tradução também deve levar em conta as realidades históricas, e não obscurecer a qualidade patriarcal de alguns textos bíblicos através do uso de fórmulas de linguagem neutra em termos de gênero. O projeto é, portanto, suavizado e delicado, procurando não obscurecer a natureza do texto e, ao mesmo

⁴⁸ Elisabeth Schiessler Fiorenza, é uma professora de teologia, que fez um trabalho pioneiro em interpretação bíblica e teologia feminista. Disponível em: <https://hds.harvard.edu/people/elisabeth-schussler-fiorenza>. Acesso em: 17 mar 2022

tempo, tentando não construir e materializar mais expectativas e suposições sexistas por meio do uso de uma linguagem que apaga, marginaliza ou banaliza a vida, a atuação, a ação e as contribuições das mulheres.

Uma das dificuldades em pensar essas questões é que somos pegos em uma tensão hermenêutica que torna problemático muitos trabalhos sobre textos bíblicos, em geral; assim como, uma profunda tensão entre tratar o texto como um artefato cultural acessível à análise e a interpretação, e enxergar o texto de alguma maneira totalmente diferente de outros textos. Traduzir a Bíblia se resumiu a essa mesma tensão, e tem sido assim por séculos. Embora a tradução seja entendida há muito tempo por muitos/as tradutores/as como uma espécie de trabalho criativo realizado nos textos de outros, a Bíblia tem sido vista como uma exceção a essa regra; a qual os/as tradutores/as podem se gabar de seu trabalho rápido e ágil em textos seculares, os/as tradutores/as bíblicos fariam de seu "trabalho longo e cuidadoso" e em como "basearam conscientemente suas traduções nas de seus predecessores". Assim como foi sugerido por uma historiadora da tradução, "Considerando que a *operis lex*⁴⁹ da Bíblia foi determinada por sua autoria divina, o compromisso dos judeus e dos primeiros tradutores cristãos era o de servir - que outra estrutura de autoridade, senão a posicional, Deus exerceu? Questões sobre a relação da tradutora com seus antecessores se cruzam com as preocupações subdeterminadas sobre a autoria e autoridade na escrita bíblica, em geral. Da mesma forma que, discutir as questões práticas da tradução é levantar a questão fundamental sobre autoria e autoridade feministas.

Além da questão de autoridade, está a própria questão da natureza da linguagem do texto em si. Até um crítico como Steiner⁵⁰, o qual enxerga a linguagem como fundamentalmente e

⁴⁹ Termo em latim que não foi traduzido, mas em sua tradução literal para o português significa "lei de cobertura".

⁵⁰ George Steiner, foi um crítico literário, filósofo e romancista que escreveu sobre a língua, literatura e sociedade, também foi autor do livro "Depois de Babel", 1975. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/George-Steiner>. Acesso em: 17 mar 2022.

perpetuamente em fluxo, vê a diferença quando se está lidando a textos religiosos, “preservados em uma condição de estase artificial”. Uma das questões que precisamos resolver como tradutoras feministas da Bíblia é a nossa posição sobre o status da linguagem bíblica; não é necessário dizer que o texto é um corpo estático de linguagem, além do alcance de decisões que possamos tomar sobre ele. Decidir que o texto é feito de linguagem fluida, mutável e difusa é um gesto de libertação para o/a tradutor/a; No entanto, isso também significa que colocamos em questão o próprio conceito de “Palavra de Deus” assim como tem sido usado ao longo da tradição. Esse é um gesto radical e arriscado, o qual abrange a própria atuação em relação ao texto, enquanto situamos nosso trabalho em uma posição teológica particular que demanda uma teorização adicional.

Finalmente, em relação a essas questões de autoridade e natureza dos textos, sobre quais fundamentos selecionaremos os assuntos dos textos para uma tradução feminista da Bíblia? Nos limitaremos ao cânone como historicamente (politicamente, e tendenciosamente) tem sido constituído? Ou nosso desafio à autoridade incluirá uma reconsideração da questão de quais textos pertencem a uma tradução feminista da Bíblia? Enquanto trabalhamos juntas aqui, outro grupo de estudiosas da Bíblia estão trabalhando para produzir uma tradução do Novo Testamento que incluirá o Evangelho de Tomé como um texto; uma vez que os limites do cânone tenham sido estendidos, desejaremos preencher esse novo espaço com novos textos? Talvez, mais direto ao ponto, iremos abandonar outros textos irredimíveis? Como devemos tomar tais decisões?

Em "Pierre Menard, autor Do Quixote", uma história frequentemente invocada pelos teóricos da tradução, Jorge Luis Borges⁵¹ narra a história de um escritor francês do início do século XX que planeja escrever o romance espanhol Dom Quixote. Pierre Menard não quer escrever uma versão de Dom Quixote, pois isso seria muito simples; nem quer fazer uma reprodução mecânica da majestosa epopeia de Cervantes. Não. "*Su admirable ambicion era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes.*"⁵²O paradoxo de Pierre Menard, que deseja "ser [em ser] Miguel de Cervantes", captura para nós a posição insustentável e atraente da tradutora feminista da Bíblia: a tradutora deseja, não produzir uma versão da Bíblia, nem uma reprodução mecânica (nem uma fotocópia, nem uma tradução assistida por máquina), mas produzir "a Bíblia" em si. Ao desejar realizar um ato de escrita tão radical, não se pode deixar de encontrar inúmeros obstáculos, alguns dos quais procurei desvendar aqui.

Lori Chamberlain abraça a ideia de tradutora feminina como orador colaborativo.

[O] que é necessário para uma teoria feminista da tradução é uma prática governada pelo que Derrida⁵³ chama de *double bind*⁵⁴... Tal teoria pode se apoiar... na espada de dois gumes da tradução como colaboração, a qual, o autor e tradutor trabalham juntos, tanto no sentido cooperativo quanto no sentido subversivo.

⁵¹ Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo, foi um escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino. Autor do livro "Pierre Menard, Author of the Quixote", 1939. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/noticias/jorge-luis-borges/>. Acesso em: 17 mar 2022.

⁵² Tradução para o português: "Sua admirável ambição era produzir várias páginas que coincidissem - palavra por palavra e linha por linha - com as de Miguel de Cervantes."

⁵³ Jacques Derrida, foi um dos filósofos mais importantes do século XX, conhecido pelo desenvolvimento da análise semiótica. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/derrida/>. Acesso em: 17 mar 2022.

⁵⁴ Double bind seria o imperativo categórico que refletiria o paradoxo inerente ao processo de tradução, já que demarcaria, a um só tempo, sua impossibilidade e sua necessidade, assim como um reflexo da tradução recíproca e relevante. (OTTONI, 2000, p. 128)

A dificuldade de assumir a imagem de feminista-tradutora-colaboradora é o sentido aqui reprimido do termo colaboração. Colaboração pode significar trabalhar em conjunto, especialmente em um esforço intelectual conjunto; no entanto, também pode significar cooperar com um inimigo que ocupa o próprio país. Se a observação feita anteriormente sobre certos pontos de conexão entre a experiência dos povos colonizados e a experiência das mulheres como sujeitos colonizados na cultura tem algum mérito, parece que a ideia de tradução como colaboração é, na melhor das hipóteses, ambivalente.

Ao mesmo tempo, me ocorre que, apesar de alguns obstáculos bastante óbvios, o trabalho das tradutoras feministas pode começar a assumir a impossibilidade mágica do projeto de Menard, e que essa impossibilidade mágica incorpora tanto o potencial radical do projeto feminista quanto sua periculosidade política. São as mulheres tornando-se autoras do texto – não colaborando com os autores originais, mas tornando elas mesmas em autoras – que deixavam todos, desde pastores locais a estudiosos bíblicos conservadores e a revista Time, muito nervosos. Assim como o texto de Menard deve cair no paradoxo de "igual/não igual", assim deve ser a Bíblia escrita/traduzida por mulheres. E a tradutora feminista pode esperar que o que é verdade para Don Quijote de Pierre Menard seja igualmente verdade para sua bíblia - "*El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente idénticos, pero el segundo es casi infinitamente mas rico.*"⁵⁵

⁵⁵ Tradução para o português: O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o de Menard é infinitamente mais rico.

REFERÊNCIAS DAS NOTAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia* (vol. I). 12. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

BRANDÃO, Jacyntho. **As belas infiéis**: Luciano no salão de M. D’Ablancourt. Belo Horizonte. Junho. 2014. v.x n.1. p. 51-102.

CIQUEIRA, Sara. A Nova Torre de Babel – Que futuro para a tradução automática? Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ra/v40n1/3243.pdf>. Acesso em: 15 mar 2022

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte 1. Editora Vozes. 2015, p. 27-309.

GARCÍA-CARPINTEIRO, Manuel; MARQUES, Teresa. Filosofia da linguagem. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/MARFDL-2>. Acesso em 15 mar 2022.

_____. **Jacques Derrida**. Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2006. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/derrida/>. Acesso em: 15 mar 2022.

LARAIA, Roque de Barros, Jardim do Éden Revisitado. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ra/v40n1/3243.pdf>. Acesso em: 15 mar 2022.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/FranciscoMarshall2/publication/264849099_EPISTEMOLOGIAS_HISTORICAS_DO_COLECIONISMO/links/542ad07f0cf29bbc126a7565/EPISTEMOLOGIAS-HISTORICAS-DO-COLECIONISMO.pdf. Acesso em: 17 mar 2022.

OTTONI, Paulo. Tradução manifesta e double bind: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49517/53594>. Acesso em: 17 mar 2022.

PAIM, Antonio; PROTA, Leonardo; RODRIGUES, Ricardo Vélez. **A Cultura Ocidental**. Disponível em: http://www.institutodehumanidades.com.br/curso_humanidades/cinema_a_%20servico_da_cultura.pdf. Acesso em: 15 mar 2022

SALAMOTO, Mamiko. Equivalência dinâmica de Nida e a tentativa de tradução da Bíblia no Japão no século XVI-XVII. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/download/21589/12193/43844>. Acesso em: 17 mar 2022.

SILVA, Roberta Alexandrina. O problema do 1 Coríntios 11, 1-6 e a questão de gênero na igreja de Corinto. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/download/6250/4562/13922>. Acesso em: 17 mar 2022.

APÊNDICE 4 - TEXTO 1 TRADUZIDO COM AS NOTAS ORIGINAIS
SEÇÃO ESPECIAL SOBRE TRADUÇÃO FEMINISTA DO NOVO TESTAMENTO*

AS BELAS INFIÉIS/FIDELIDADE OU FEMINISMO?

Os Significados da Tradução Bíblica Feminista

Elizabeth A. Castelli

A tradução torna-se então uma segunda natureza. Uma atividade contínua, como a respiração. Apenas ocasionalmente, assim como em um ataque de asma, que de repente nos tornamos conscientes (as vezes com uma dor excruciante) do processo em andamento⁵⁶.

Como feministas trabalhando no final do século XX na tradição bíblica, somos as herdeiras ambivalentes de modos de pensamento que muitas vezes não estão alinhados com nossos interesses e com os de pessoas tradicionalmente marginalizadas pela cultura Ocidental. Muitas mulheres que fazem parte da cultura Ocidental, e a maioria das mulheres e homens cujas raízes estão fora dela, embora possam viver dentro dela, podem se identificar com a noção de tradução não apenas como um gesto linguístico retórico ou hermenêutico, mas também como uma metáfora para sua experiência ambígua na cultura dominante. O escritor do Sri Lanka, Ranjini Obeyesekere captura a experiência do “escritor no exílio” na metáfora da tradução “tão natural quanto a respiração”. Muitas mulheres que estão enraizadas dentro da tradição Cristã gastaram muito de suas vidas religiosas em atos radicais de tradução da tradição. Pode-se perguntar, a que custo? Pode-se também notar que, à medida que entramos nessa discussão, mais mulheres estão se sentindo mais asmáticas do que nunca. O sucesso com certeza será medido, pelo menos em parte, pelas maneiras as quais somos capazes de oferecer consolo à angústia de nossas irmãs. Esse artigo procura elevar ao nível de consciência algumas das fontes de angustia, enraizadas nos problemas teóricos e filosóficos embutidos na própria prática da tradução, e para levantar algumas questões as quais acredito que devam ser respondidas como um passo inicial em um projeto de tradução bíblica feminista.

**Os artigos e respostas nessa seção são versões revisadas daqueles apresentados em 19 de novembro de 1989 na Reunião Anual da Sociedade de Literatura Bíblica na seção Mulheres no Mundo Bíblico. A sessão foi intitulada: “Repensando a Bíblia das Mulheres:*

⁵⁶ Ranjini Obeyesekere, "A Arte da Tradução," *Massachusetts Review* 29 (1988): 763.

Tradução Feminista do Novo Testamento,” e foi parte de uma série contínua de sessões sobre “Repensando a Bíblia das Mulheres.”

1.

As metáforas da diferença linguística que emergem da tradição bíblica descrevem a multiplicidade de línguas humanas como resultado da ira de Deus contra a arrogância humana; a razão de não falarmos a língua mítica original do Éden é, de acordo com a narrativa bíblica de Babel, um sinal da nossa condição de corrupção⁵⁷. A própria necessidade de tradução, cresce fora do pecado humano, e a prática de tradução está codificada por essa corrupção. A tradução é muitas vezes simbolizada como um evento milagroso, como é feita no relato de Pentecostes e as lendas que cercam a criação da Septuaginta; de alguma forma, uma boa tradução só é possível por meio da intervenção divina. Levando isso em consideração, tradutoras feministas da Bíblia fazem, com razão, uma pausa na tarefa que propõem a si mesmas⁵⁸. O que significa para nós assumir a tarefa de traduzir as Escrituras para fins feministas? Como começar a pensar sobre esse gesto e sobre nosso local na história da tradução no Ocidente - em geral, e em relação aos textos específicos que estamos estudando? e durante o processo, serão adicionados para os acréscimos mitológicos relacionados a tradução da Bíblia - invocando a intervenção de Deus como parte da nossa prática, como tem sido feito em outros momentos de tradução transformadora? Como a nossa prática se relaciona com a dos outros? Como a conceituamos? Como interagimos com o discurso da tradução já existente? Para começar a pensar sobre a teoria feminista da tradução, devemos fazer uma série de perguntas difíceis sobre a filosofia da linguagem, como os significados são produzidos, como eles são situados culturalmente.

⁵⁷ George Steiner, *Depois de Babel: Aspectos da Linguagem e da Tradução* (London: Oxford University Press, 1975), 57-63, observa que toda civilização tem alguma mitologia da dispersão primordial das línguas.

⁵⁸ A literatura sobre a questão da tradução feminista é ampla, geralmente engajada em questões de linguagem inclusiva na liturgia. Veja, alguns exemplos como em, Phyllis A. Bird, "Translating Sexist Language as a Theological and Cultural Problem", *Union Seminary Quarterly Review* 42:1-2 (1988): 89-95; Madeline Boucher, "Scriptural Reading: God-Language and Nonsexist Translation", *Liturgia e Música Reformada* 17 (1983): 156-59; Roger A. Bullard, "Feminine and Feminist Touches in the Centenary New Testament", *Bible Translator* 38 (1987): 118-22; Frederick W. Danker, "Gains and Problems in the New Testament Translation", *Diálogo* 24 (1985): 49-50; Richard Franklin, "God and Pronouns", em *The Force of the Feminine: Women, Men, and the Church*, ed. Margaret Franklin (Sydney: Allen e Unwin, 1986), 113-19; Nancy A. Hardesty, "Whosoever Surely Meaneth Me: Inclusive Language and the Gospel," *Christian Scholar's Review* 17:3 (1988): 231-40; Hugh T. Kerr, ed., "Symposium: Inclusive Language Lectionary", *Theology Today* 43 (1987): 533-57; Virginia Ramey Mollenkott, "Toward a Unity that Affirms Diversity: An Inclusive Language Lectionary", *Ecumenism* 84 (1986): 14-16; e muitos outros.

Devemos perguntar, se é possível escrever uma tradução da Bíblia que seja uma (sub)versão dela?⁵⁹ Devemos pensar através dos problemas filosóficos, nas afirmações sobre linguagem androcêntrica e a Palavra de Deus: Será essa uma simples reformulação da ideia Romântica do movimento progressivo em direção ao logos?⁶⁰ Terá necessariamente uma congruência entre o que queremos que “a palavra de Deus” diga, com o que os textos revelam, como se a tradução fosse uma jornada constantemente progressiva para que à própria linguagem de Deus produzisse significados libertadores como uma coisa natural? A prática feminista da tradução garante a produção de um texto que se aproxime cada vez mais de uma verdade da tradução? Ou o trabalho nem sempre é prejudicado por categorias não interrogadas de autoridade e canonicidade? Ou, para colocar a questão em uma outra perspectiva, a tradução feminista de um texto, sempre produz um texto não sexista?

Enquanto alguns querem responder essa última questão afirmativamente, tal resposta pressupõe que a tradução é um processo técnico separável de preocupações interpretativas mais abrangentes. Um método feminista de tradução não deve adotar cegamente fórmulas neutras em termos de gênero, como se essa estratégia pudesse responder ao desafio dos textos androcêntricos. Um modelo para pensar essas questões pode ser encontrado na obra de Elisabeth Schiessler Fiorenza que, em seu livro *Bread Not Stone*, levanta uma série de questões hermenêuticas consideradas cruciais⁶¹. No decorrer de sua discussão, Schiessler Fiorenza equilibra várias preocupações ao mesmo tempo. Há o reconhecimento abrangente de que os textos bíblicos são escritos em linguagem androcêntrica e essa linguagem androcêntrica encarna nuances mutáveis em diferentes momentos históricos. Embora, por exemplo, as línguas androcêntricas possam, em algum outro momento histórico, terem sido entendidas como portadoras de significados genéricos, esse não é mais o caso. Portanto, a tradução feminista deve rejeitar o equivalente androcêntrico em favor de termos que transmitam inclusão. Schiessler Fiorenza, no entanto, é diligente ao apontar que a teoria da tradução

⁵⁹ Veja o encontro de uma tradutora feminista com o problema da tradução como prática subversiva: Suzanne Jill Levine, "Translation as (Sub)Version: On Translating Infantes Inferno," *Sub-stance* 42 (1984): 85-94.

⁶⁰ Veja a discussão dessa abordagem em Edward L. Greenstein, "Theories of Modern Bible Translation", *Prooftexts* 3 (1983): 26-27; Steiner, 57-63. Essas ideias encontram sua expressão mais completa nas obras de Friedrich Schleiermacher, "Über die verschiedenen Methoden des Ubersetzens", em *Das Problem des Ubersetzens*, ed. Hans Joachim Störig (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1969), 39-70; Tradução inglesa em *German Romantic Criticism* (ed. A. Leslie Willson; New York: Continuum, 1982), 1-30. Ver também, com ênfases bastante diferentes, Walter Benjamin, "Die Aufgabe des Ubersetzers", em Störig, 156-169; Tradução inglesa: "The Task of the Translator", em *Illuminations: Essays and Reflections*, ed. Hannah Arendt, trad. Harry Zohn (Nova York: Schocken, 1969), 69-82.

⁶¹ Elisabeth Schiessler Fiorenza, *Bread Not Stone: The Challenge of Feminist Biblical Interpretation* (Boston: Beacon, 1984). Ver especialmente a discussão de 17-18, onde a preocupação com a tradução adequada interage com uma hermenêutica da suspeita.

também deve levar em conta as realidades históricas, e não obscurecer a qualidade patriarcal de alguns textos bíblicos através do uso de fórmulas de linguagem neutra em termos de gênero. O projeto é, portanto, suavizado e delicado, procurando não obscurecer a natureza do texto e, ao mesmo tempo, tentando não construir e materializar mais expectativas e suposições sexistas por meio do uso de uma linguagem que apaga, marginaliza ou banaliza a vida, a atuação, a ação e as contribuições das mulheres.

Uma das dificuldades em pensar essas questões é que somos pegos em uma tensão hermenêutica que torna problemático muitos trabalhos sobre textos bíblicos em geral; assim como, uma profunda tensão entre tratar o texto como um artefato cultural acessível a análise e a interpretação, e enxergar o texto de alguma maneira totalmente diferente de outros textos. Traduzir a Bíblia se resumiu a essa mesma tensão, e tem sido assim por séculos. Embora a tradução seja entendida há muito tempo por muitos tradutores como uma espécie de trabalho criativo realizado nos textos de outros, a Bíblia tem sido vista como uma exceção a essa regra; a qual os tradutores podem se gabar de seu trabalho rápido e ágil em textos seculares, os tradutores bíblicos fariam de seu "trabalho longo e cuidadoso" e em como "basearam conscientemente suas traduções nas de seus predecessores"⁶². Assim como foi sugerido por uma historiada da tradução, "Considerando que a *operis lex* da Bíblia foi determinada por sua autoria divina, o compromisso dos tradutores judeus e dos primeiros cristãos era o de servir - que outra estrutura de autoridade, senão a posicional, Deus exerceu?"⁶³ Questões sobre a relação da tradutora com seus antecessores se cruzam com as preocupações superdeterminadas sobre a autoria e autoridade na escrita bíblica em geral. Da mesma forma que, discutir as questões práticas da tradução é levantar a questão fundamental sobre autoria e autoridade feministas. Além da questão de autoridade, está a própria questão da natureza da linguagem do texto em si. Até um crítico como Steiner, o qual enxerga a linguagem como fundamentalmente e perpetuamente em fluxo, vê a diferença quando uma está lidando a textos religiosos, "preservar é uma condição da estase artificial"⁶⁴. Uma das questões que precisamos resolver como tradutoras feministas da Bíblia é a nossa posição sobre o status da linguagem bíblica; não é necessário dizer que o texto é um corpo estático de linguagem, além do alcance de decisões que possamos tomar sobre ele. Decidir que o texto é feito de linguagem fluida, mutável e difusa

⁶² Flora Ross Amos, *Early Theories of Translation* (New York: Columbia University Press, 1920), 50; ver p. 51 para exemplos específicos sobre a história da tradução bíblica.

⁶³ L. G. Kelly, *The True Interpreter: A History of Translation Theory and Practice in the West* (Nova York: St. Martin's, 1979), 207. Sharon H. Ringe, "Standing Toward the Text," *Theology Today* 43 (1987): 552-57 levanta algumas questões cruciais sobre autoridade textual e prática feminista.

⁶⁴ Steiner, 18.

é um gesto de libertação para o tradutor; No entanto, isso também significa que colocamos em questão o próprio conceito de “Palavra de Deus” assim como tem sido usado ao longo da tradição.

Esse é um gesto radical e arriscado, o qual abrange a própria atuação em relação ao texto, enquanto situamos nosso trabalho em uma posição teológica particular que demanda uma teorização adicional. Finalmente, em relação a essas questões de autoridade e natureza dos textos, sobre quais fundamentos selecionaremos os assuntos dos textos para uma tradução feminista da Bíblia? Nos limitaremos ao cânone como historicamente (politicamente, e tendenciosamente) tem sido constituído? Ou nosso desafio à autoridade incluirá uma reconsideração da questão de quais textos pertencem a uma tradução feminista da Bíblia? Enquanto trabalhamos juntas aqui, outro grupo de estudantes da bíblia estão trabalhando para produzir uma tradução do Novo Testamento que incluirá o Evangelho de Tomé como um texto; uma vez que os limites do cânone tenham sido estendidos, desejaremos preencher esse novo espaço com novos textos? Talvez, mais direto ao ponto, iremos abandonar outros textos irredimíveis? Como devemos tomar tais decisões?

6.

Em "Pierre Menard, autor del Quijote", uma história frequentemente invocada pelos teóricos da tradução, Jorge Luis Borges narra a história de um escritor francês do início do século XX que planeja escrever o romance espanhol Don Quijote. Pierre Menard não quer escrever uma versão de Dom Quijote, pois isso seria muito simples; nem quer fazer uma reprodução mecânica da majestosa epopeia de Cervantes. Não. "*Su admirable ambicion era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes.*"⁶⁵ ("Sua admirável ambição era produzir várias páginas que coincidissem - palavra por palavra e linha por linha - com as de Miguel de Cervantes.") O paradoxo de Pierre Menard, que deseja "ser [em ser] Miguel de Cervantes", captura para nós a posição insustentável e convincente da tradutora feminista da Bíblia: ela deseja, não produzir uma versão da Bíblia, nem uma reprodução mecânica (nem uma fotocópia, nem uma tradução assistida por máquina), mas produzir "a Bíblia" em si. Ao desejar realizar um ato de escrita tão radical, ela não pode deixar de encontrar inúmeros obstáculos, alguns dos quais procurei desvendar aqui.

⁶⁵ Jorge Luis Borges, *Narraciones*, ed. Marcos Ricardo Barnatán (Madrid: Cátedra, 1986), 88.

Lori Chamberlain abraça a ideia de tradutora feminina como orador colaborativo.

[O] que é necessário para uma teoria feminista da tradução é uma prática governada pelo que Derrida chama de *double bind*... Tal teoria pode se apoiar... na espada de dois gumes da tradução como colaboração, a qual, o autor e tradutor trabalham juntos, tanto no sentido cooperativo quanto no sentido subversivo.⁶⁶

A dificuldade de assumir a imagem de feminista-tradutora-colaboradora é o sentido aqui reprimido do termo colaboração. Colaboração pode significar trabalhar em conjunto, especialmente em um esforço intelectual conjunto; no entanto, também pode significar cooperar com um inimigo que ocupa o próprio país. Se a observação feita anteriormente sobre certos pontos de conexão entre a experiência dos povos colonizados e a experiência das mulheres como sujeitos colonizados na cultura tem algum mérito, parece que a ideia de tradução como colaboração é, na melhor das hipóteses, ambivalente.

Ao mesmo tempo, me ocorre que, apesar de alguns obstáculos bastante óbvios, o trabalho das tradutoras feministas pode começar a assumir a impossibilidade mágica do projeto de Menard, e que essa impossibilidade mágica incorpora tanto o potencial radical do projeto feminista quanto sua periculosidade política. São as mulheres tornando-se autoras do texto – não colaborando com os autores originais, mas tornando elas mesmas em autoras – que deixavam todos, desde pastores locais a estudiosos bíblicos conservadores e a revista Time, muito nervosos.⁶⁷ Assim como o texto de Menard deve cair no paradoxo de "igual/não igual", assim deve ser a Bíblia escrita/traduzida por mulheres. E a tradutora feminista pode esperar que o que é verdade para Don Quijote de Pierre Menard seja igualmente verdade para sua bíblia - "*El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente idénticos, pero el segundo es casi infinitamente mas rico.*"⁶⁸ (" O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o de Menard é infinitamente mais rico.")

⁶⁶ Chamberlain, 470.

⁶⁷ Para dar algum sentido a ameaça percebida perante a tradução feminista, considere os títulos de artigos como James R. Edward, "Toward a Neutered Bible: Making God S/he", *Christianity Today* 27:4 (1983): 1921 e "Unmanning the Holy Bible", *Tempo* (dezembro8, 1980): 128.

⁶⁸ Borges, 89.

APÊNDICE 5 - TRADUÇÃO 1 ESPELHADA AO ORIGINAL

| SPECIAL SECTION ON FEMINIST TRANSLATION OF THE NEW TESTAMENT* | SEÇÃO ESPECIAL SOBRE TRADUÇÃO FEMINISTA DO NOVO TESTAMENTO* |
|--|---|
| LES BELLES INFIDELES/FIDELITY OR FEMINISM? | AS BELAS INFIÉIS/FIDELIDADE OU FEMINISMO? |
| <i>The Meanings of Feminist Biblical Translation</i> | <i>Os Significados da Tradução Bíblica Feminista</i> |
| Elizabeth A. Castelli | Elizabeth A. Castelli |
| <p>Translation then becomes second nature. It is an ongoing activity with us, like breathing. Only occasionally, as during an asthma attack, do we suddenly become aware (sometimes with an excruciating pang) of the ongoing process.</p> | <p>A tradução torna-se então uma segunda natureza. Uma atividade contínua, como a respiração. Apenas ocasionalmente, assim como em um ataque de asma, que de repente nos tornamos conscientes (às vezes com uma dor excruciante) do processo em andamento.</p> |
| <p>As feminists working in the late twentieth century on the biblical tradition, we are the ambivalent heirs to modes of thought which are not often aligned with our interests and those of people traditionally marginalized by Western culture.</p> | <p>Como feministas trabalhando no final do século XX na tradição bíblica, somos as herdeiras ambivalentes de modos de pensamento que muitas vezes não estão alinhados com nossos interesses e com os de pessoas tradicionalmente marginalizadas pela cultura Ocidental.</p> |
| <p>Many women within Western culture, and most women and men whose roots are outside of it though they may live within it, can identify with the notion of translation not simply as a rhetorical or hermeneutical linguistic gesture but also as a metaphor for their ambiguous experience in the dominant culture.</p> | <p>Muitas mulheres que fazem parte da cultura Ocidental, e a maioria das mulheres e homens cujas raízes estão fora dela, embora possam viver dentro dela, podem se identificar com a noção de tradução não apenas como um gesto linguístico retórico ou hermenêutico, mas também como uma metáfora para sua experiência ambígua na cultura dominante.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>Sri Lankan writer Ranjini Obeyesekere captures the experience of the writer-in-exile in the metaphor of translation as-natural-as-breathing.</p> | <p>A escritora do Sri Lanka, Ranjini Obeyesekere captura a experiência do “escritor no exílio” na metáfora da tradução “tão natural quanto a respiração”.</p> |
| <p>Many women who are grounded in the Christian tradition have spent much of their religious lives in radical acts of translation of the tradition.</p> | <p>Muitas mulheres que estão enraizadas dentro da tradição Cristã gastaram muito de suas vidas religiosas em atos radicais de tradução da tradição.</p> |
| <p>One might well ask, At what cost?</p> | <p>Pode-se perguntar, a que custo?</p> |
| <p>One might also note that, as we enter into this discussion, more women are feeling more asthmatic than ever before.</p> | <p>Pode-se também notar que, à medida que entramos nessa discussão, mais mulheres estão se sentindo mais asmáticas do que nunca.</p> |
| <p>Our success will certainly be measured, at least in part, by the ways in which we are able to offer solace to our sisters' distress.</p> | <p>O sucesso com certeza será medido, pelo menos em parte, pelas maneiras as quais somos capazes de oferecer consolo à angústia de nossas irmãs.</p> |
| <p>This paper seeks to raise to the level of consciousness some of the sources of that distress, rooted in the theoretical and philosophical problems embedded in the very practice of translation, and to pose some questions which I believe must be answered as an initial step in a feminist project of biblical translation.</p> | <p>Esse artigo procura elevar ao nível de consciência algumas das fontes de angústia, enraizadas nos problemas teóricos e filosóficos embutidos na própria prática da tradução, e para levantar algumas questões as quais acredito que devam ser respondidas como um passo inicial em um projeto de tradução bíblica feminista.</p> |
| <p><i>*The papers and responses in this section are revised versions of those presented November 19, 1989 at the Annual Meeting of the Society for Biblical Literature in the section on Women in the Biblical World. The session was entitled, "Rethinking The Woman's Bible: Feminist New Testament</i></p> | <p><i>*Os artigos e respostas nesta seção são versões revisadas daqueles apresentados em 19 de novembro de 1989 na Reunião Anual da Sociedade de Literatura Bíblica na seção Mulheres no Mundo Bíblico. A sessão foi intitulada: “Repensando a Bíblia das Mulheres: Tradução Feminista do Novo</i></p> |

| | |
|---|---|
| <p><i>Translation," and was part of an ongoing series of sessions on "Rethinking The Woman's Bible."</i></p> | <p><i>Testamento," e foi parte de uma série contínua de sessões sobre "Repensando a Bíblia das Mulheres."</i></p> |
| <p>1.</p> | <p>1.</p> |
| <p>The metaphors of linguistic difference emerging from the biblical tradition describe the multiplicity of human languages as the result of God's anger at human arrogance; that we do not speak the mythical original language of Eden is, according to the biblical narrative of Babel, a sign of our fallen status.</p> | <p>As metáforas da diferença linguística que emergem da tradição bíblica descrevem a multiplicidade de línguas humanas como resultado da ira de Deus contra a arrogância humana; a razão de não falarmos a língua mítica original do Éden é, de acordo com a narrativa bíblica de Babel, um sinal da nossa condição de corrupção.</p> |
| <p>The very need for translation grows out of human sin, and the practice of translation is coded by this fallenness.</p> | <p>A própria necessidade de tradução, cresce fora do pecado humano, e a prática de tradução está codificada por essa corrupção.</p> |
| <p>Translation is often figured as a miraculous event, as with the account of Pentecost and the legends surrounding the creation of the Septuagint; somehow good translation is only made possible through divine intervention.</p> | <p>A tradução é muitas vezes simbolizada como um evento milagroso, como é feita no relato de Pentecostes e as lendas que cercam a criação da Septuaginta; de alguma forma, uma boa tradução só é possível por meio da intervenção divina.</p> |
| <p>Given this tradition, feminist translators of the Bible rightly pause at the task they set for themselves.</p> | <p>Levando isto em consideração, tradutoras feministas da Bíblia fazem, com razão, uma pausa na tarefa que propõem a si mesmas.</p> |
| <p>What does it mean for us to take on the task of translating Scripture for feminist ends?</p> | <p>O que significa para nós assumirmos a tarefa de traduzir as Escrituras para fins feministas?</p> |
| <p>How do we begin to think about this gesture and our place in the history of</p> | <p>Como começar a pensar sobre esse gesto e sobre nosso local na história da tradução no Ocidente em geral, e em relação</p> |

| | |
|---|---|
| translation in the West-in general, and in relation to the specific texts we are engaging? | aos textos específicos que estamos estudando? |
| Will we, in the process, add to the mythological accretions concerning biblical translation-invoking God's intervention as part of our practice, as has been done at other moments of transformative translation? | e durante o processo, serão adicionados para os acréscimos mitológicos relacionados a tradução da Bíblia, invocando a intervenção de Deus como parte da nossa prática, como tem sido feito em outros momentos de tradução transformadora? |
| How does our practice relate to that of others? | Como a nossa prática se relacionada com a dos outros? |
| How do we conceptualize it? | Como a conceituamos? |
| How do we interact with the discourse of translation already in place? | Como interagimos com o discurso da tradução já existente? |
| In beginning to think about a feminist theory of translation, we must ask a series of difficult questions about philosophy of language, how meanings are produced, how they are culturally situated. | Para começar a pensar sobre a teoria feminista da tradução, devemos fazer uma série de perguntas difíceis sobre filosofia da linguagem, como os significados são produzidos, como eles são culturalmente situados. |
| We must ask whether it is possible to write a translation of the Bible that is a (sub)version of it? | Devemos perguntar, se é possível escrever uma tradução da Bíblia que seja uma (sub)versão dela? |
| We must think through the philosophical problems in the claims about androcentric language and the Word of God: is this a simple recasting of the Romantic idea of progressive movement toward the logos? | Devemos pensar através dos problemas filosóficos, nas afirmações sobre linguagem androcêntrica e a Palavra de Deus: Será essa uma simples reformulação da ideia Romântica do movimento progressivo em direção ao logos? |
| Will there necessarily be congruence between what we want "the word of God" to say and what the texts display, as though translation as a constantly progressive | Terá necessariamente uma congruência entre o que queremos que "a palavra de Deus" diga, com o que os textos revelam, como se a tradução fosse uma |

| | |
|--|---|
| <p>journey toward the very language of God will produce liberating meanings as a matter of course?</p> | <p>jornada constantemente progressiva para que à própria linguagem de Deus produzisse significados libertadores como uma coisa natural?</p> |
| <p>Is our feminist practice of translation guaranteed to produce a text that points ever closer to, attains to, a truth of translation?</p> | <p>A prática feminista da tradução garante a produção de um texto que se aproxime cada vez mais de uma verdade da tradução?</p> |
| <p>Or is our work not always already undercut by uninterrogated categories of authority and canonicity?</p> | <p>Ou o trabalho nem sempre é prejudicado por categorias não interrogadas de autoridade e canonicidade?</p> |
| <p>Or, to put the question another way, does a feminist translation of a text always produce a nonsexist text?</p> | <p>Ou, para colocar a questão em uma outra perspectiva, a tradução feminista de um texto, sempre produz um texto não sexista?</p> |
| <p>While some would want to answer this last question affirmatively, such an answer presupposes that translation is a technical process separable from farther reaching interpretive concerns.</p> | <p>Enquanto alguns querem responder essa última questão afirmativamente, tal resposta pressupõe que a tradução é um processo técnico separável de preocupações interpretativas mais abrangentes.</p> |
| <p>A feminist method of translation ought not to adopt gender neutral formulae blindly, as though that strategy might answer the challenge of androcentric texts.</p> | <p>Um método feminista de tradução não deve adotar cegamente fórmulas neutras em termos de gênero, como se essa estratégia pudesse responder ao desafio dos textos androcêntricos.</p> |
| <p>One model for thinking these issues through may be found in the work of Elisabeth Schiessler Fiorenza who, in her book <i>Bread Not Stone</i>, raises a number of crucial hermeneutical issues.</p> | <p>Um modelo para pensar essas questões pode ser encontrado na obra de Elisabeth Schiessler Fiorenza que, em seu livro <i>Bread Not Stone</i>, levanta uma série de questões hermenêuticas consideradas cruciais.</p> |
| <p>In the course of her discussion, Schiessler Fiorenza balances several concerns at once.</p> | <p>No decorrer de sua discussão, Schiessler Fiorenza equilibra várias preocupações ao mesmo tempo.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>There is the overarching recognition that biblical texts are written in androcentric language, and that androcentric language embodies shifting nuances at different historical moments.</p> | <p>Há o reconhecimento abrangente de que os textos bíblicos são escritos em linguagem androcêntrica e essa linguagem androcêntrica encarna nuances mutáveis em diferentes momentos históricos.</p> |
| <p>While, for example, androcentric languages might at some other historical moments have been understood to convey generic meanings, this is no longer the case.</p> | <p>Embora, por exemplo, as línguas androcêntricas possam, em algum outro momento histórico, terem sido entendidas como portadoras de significados genéricos, esse não é mais o caso.</p> |
| <p>Therefore, feminist translation must reject the androcentric equivalent in favor of terms that convey inclusivity.</p> | <p>Portanto, a tradução feminista deve rejeitar o equivalente androcêntrico em favor de termos que transmitam inclusão.</p> |
| <p>Schiessler Fiorenza, however, is quick to point out that translation theory must also take into account historical realities, and not obscure the patriarchal quality of some biblical texts through formulaic use of gender-neutral language.</p> | <p>Schiessler Fiorenza, no entanto, é diligente ao apontar que a teoria da tradução também deve levar em conta as realidades históricas, e não obscurecer a qualidade patriarcal de alguns textos bíblicos através do uso de fórmulas de linguagem neutra em termos de gênero.</p> |
| <p>The project is therefore nuanced and delicate, striving not to obscure the nature of the text while at the same time trying not to construct and reify further sexist expectations and assumptions through the use of language that erases, marginalizes, or trivializes women's lives, agency, and contributions.</p> | <p>O projeto é, portanto, suavizado e delicado, procurando não obscurecer a natureza do texto e, ao mesmo tempo, tentando não construir e materializar mais expectativas e suposições sexistas por meio do uso de uma linguagem que apaga, marginaliza ou banaliza a vida, a atuação, a ação e as contribuições das mulheres.</p> |
| <p>One of the difficulties in thinking these questions through is that we are caught up in a hermeneutical tension that renders problematic much work on biblical texts in general; a profound tension between treating</p> | <p>Uma das dificuldades em pensar essas questões é que somos pegos em uma tensão hermenêutica que torna problemático muitos trabalhos sobre textos bíblicos em geral; assim como, uma profunda tensão entre tratar</p> |

| | |
|---|---|
| <p>the text as a cultural artifact accessible to analysis and interpretation, and viewing the text as somehow deeply different from other texts.</p> | <p>o texto como um artefato cultural acessível a análise e a interpretação, e enxergar o texto de alguma maneira totalmente diferente de outros textos.</p> |
| <p>Translating the Bible is wound up with this same tension, and has been for centuries.</p> | <p>Traduzir a Bíblia se resumiu a essa mesma tensão, e tem sido assim por séculos.</p> |
| <p>While translation has long been understood by many translators as a kind of creative labor performed on the texts of others, the Bible has been seen as the exception to this rule; where translators might boast of their quick and agile work on secular texts, biblical translators would speak of their "long, careful labor" and "consciously based their renderings on those of their predecessors."</p> | <p>Embora a tradução seja entendida há muito tempo por muitos tradutores como uma espécie de trabalho criativo realizado nos textos de outros, a Bíblia tem sido vista como uma exceção a essa regra; a qual as/os tradutoras/es podem se gabar de seu trabalho rápido e ágil em textos seculares, as/os tradutoras/es bíblicos fariam de seu "trabalho longo e cuidadoso" e em como "basearam conscientemente suas traduções nas de seus predecessores".</p> |
| <p>As one historian of translation has put it, "considering that the <i>operis lex</i> of the Bible was determined by its divine authorship, the commitment of Jewish and early Christian translators was that of servitude-what other authority structure but the positional did God exercise?"</p> | <p>Assim como uma historiadora da tradução sugeriu, "Considerando que a <i>operis lex</i> da Bíblia foi determinada por sua autoria divina, o compromisso dos tradutores judeus e dos primeiros cristãos era o de servir, que outra estrutura de autoridade, senão a posicional, Deus exerceu?"</p> |
| <p>Here, issues of the relationship of the translator to her predecessors intersect with the overdetermined concerns in biblical writing in general with authorship and authority.</p> | <p>Questões sobre a relação da tradutora com seus antecessores se cruzam com as preocupações subdeterminadas sobre autoria e autoridade na escrita bíblica em geral.</p> |
| <p>To discuss feminist practice of translation is to raise the fundamental question of feminist authorship and authority.</p> | <p>Da mesma forma que, discutir as questões práticas da tradução é levantar a</p> |

| | |
|---|--|
| | questão fundamental sobre autoria e autoridade feministas. |
| Beyond the question of authority lies the very question of the nature of the language of the text itself. | Além da questão de autoridade, está a própria questão da natureza da linguagem do texto em si. |
| Even a critic like Steiner, who sees language as foundationally and perpetually in flux, sees a difference when one is dealing with religious texts, "preserved in a condition of artificial stasis." | Até um crítico como Steiner, o qual enxerga a linguagem como fundamentalmente e perpetuamente em fluxo, vê a diferença quando uma está lidando a textos religiosos, "preservar é uma condição da estase artificial". |
| One of the issues we need to resolve as feminists translating the Bible is our position on the question of the status of biblical language; it need not go without saying that the text is a static body of language, beyond the reach of decisions we might make about it. | Uma das questões que precisamos resolver como tradutoras feministas da Bíblia é a nossa posição sobre a questão do status da linguagem bíblica; não é necessário dizer que o texto é um corpo estático de linguagem, além do alcance de decisões que possamos tomar sobre ele. |
| Deciding that the text is made up of fluid language, changeable and diffuse is a freeing gesture for the translator; however, it also means that we set into question as well the very concept of "word of God" as it has been used throughout the tradition. | Decidir que o texto é feito de linguagem fluida, mutável e difusa é um gesto de libertação para o tradutor; No entanto, isso também significa que colocamos em questão o próprio conceito de "Palavra de Deus" como tem sido usado ao longo da tradição. |
| This is a radical and risky gesture, one which opens up our own agency in relation to the text while situating our work in a particular theological position that demands further theorizing. | Esse é um gesto radical e arriscado, o qual abrange a própria atuação em relação ao texto, enquanto situamos nosso trabalho em uma posição teológica particular que demanda uma teorização adicional. |
| Finally, in relation to these questions of authority and the nature of the texts, on | Finalmente, em relação a essas questões de autoridade e natureza dos textos, sobre quais fundamentos selecionaremos os |

| | |
|---|---|
| what grounds will we select the texts subject to a feminist translation of the Bible? | assuntos dos textos para uma tradução feminista da Bíblia? |
| Will we limit ourselves to the canon as it has historically (politically, and tendentiously) been constituted? | Nos limitaremos ao cânone como historicamente (politicamente, e tendenciosamente) tem sido constituído? |
| Or will our challenge to authority include a reconsideration of the question of which texts belong in a feminist translation of the Bible? | Ou nosso desafio à autoridade incluirá uma reconsideração da questão de quais textos pertencem a uma tradução feminista da Bíblia? |
| As we work here together, another group of biblical scholars is working to produce a new translation of the New Testament that will include the Gospel of Thomas as a text; once the bounds of canon have been stretched, will we wish to fill this new space with new texts? | Enquanto trabalhamos juntas aqui, outro grupo de estudantes da bíblia estão trabalhando para produzir uma tradução do Novo Testamento que incluirá o Evangelho de Tomé como um texto; uma vez que os limites do cânone tenham sido estendidos, desejaremos preencher esse novo espaço com novos textos? |
| Perhaps more to the point, will we abandon other, irredeemable texts? | Talvez, mais direto ao ponto, iremos abandonar outros textos irredimíveis? |
| How shall we make such decisions? | Como devemos tomar tais decisões? |
| 6. | 6. |
| In "Pierre Menard, autor del Quijote," a story invoked frequently by theorists of translation, Jorge Luis Borges recounts the tale of an early twentieth-century French writer who plans to write the Spanish novel, Don Quijote. | Em "Pierre Menard, autor Do Quixote", uma história frequentemente invocada pelos teóricos da tradução, Jorge Luis Borges narra a história de um escritor francês do início do século XX que planeja escrever o romance espanhol Don Quijote. |
| Pierre Menard does not want to write a version of Don Quijote, for that would be too simple; nor does he want to make a mechanical reproduction of Cervantes' majestic epic. | Pierre Menard não quer escrever uma versão de Dom Quijote, pois isso seria muito simples; nem quer fazer uma reprodução mecânica da majestosa epopeia de Cervantes. |

| | |
|---|--|
| <p>No. "Su admirable ambición era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes."</p> | <p>Não. "<i>Su admirable ambicion era producir unas paginas que coincidieran-palabra por palabra y linea por linea-con las de Miguel de Cervantes.</i>"</p> |
| <p>The paradox of Pierre Menard, who wishes "ser [to be] Miguel de Cervantes," captures for us the untenable and compelling position of the feminist translator of the Bible: she wishes, not to produce a version of the Bible, nor a mechanical reproduction (neither a photocopy nor a machine-assisted translation) of it, but to produce "the Bible" itself.</p> | <p>O paradoxo de Pierre Menard, que deseja "ser [em ser] Miguel de Cervantes", captura para nós a posição insustentável e convincente da tradutora feminista da Bíblia: a tradutora deseja, não produzir uma versão da Bíblia, nem uma reprodução mecânica (nem uma fotocópia, nem uma tradução assistida por máquina), mas produzir "a Bíblia" em si.</p> |
| <p>In wishing to perform such a radical act of writing, she cannot help but encounter numerous obstacles, some of which I have sought to uncover here.</p> | <p>Ao desejar realizar um ato de escrita tão radical, não se pode deixar de encontrar inúmeros obstáculos, alguns dos quais procurei desvendar aqui.</p> |
| <p>Lori Chamberlain embraces the idea of the feminist translator as collaborator.</p> | <p>Lori Chamberlain abraça a ideia de tradutora feminina como orador colaborativo.</p> |
| <p>[W]hat is required for a feminist theory of translation is a practice governed by what Derrida calls the double bind Such a theory might rely ... on the double-edged razor of translation as collaboration, where author and translator are seen as working together, both in the cooperative and the subversive sense.</p> | <p>[O] que é necessário para uma teoria feminista da tradução é uma prática governada pelo que Derrida chama de <i>double bind</i>... Tal teoria pode se apoiar... na espada de dois gumes da tradução como colaboração, a qual, autor e tradutor trabalham juntos, tanto no sentido cooperativo quanto no sentido subversivo.</p> |
| <p>The difficulty of taking up the image of feminist-translator-as-collaborator is the here-repressed sense of the term collaboration.</p> | <p>A dificuldade de assumir a imagem de feminista-tradutora-colaboradora é o sentido aqui reprimido do termo colaboração.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Collaboration can signify working together, especially in a joint intellectual effort; however, it can also mean cooperating with an enemy who occupies one's own country.</p> | <p>Colaboração pode significar trabalhar em conjunto, especialmente em um esforço intelectual conjunto; no entanto, também pode significar cooperar com um inimigo que ocupa o próprio país.</p> |
| <p>If the observation made earlier about certain points of connection between the experience of colonized peoples and the experience of women as colonized subjects in culture has any merit, it would seem that the idea of translation as collaboration is at best an ambivalent one.</p> | <p>Se a observação feita anteriormente sobre certos pontos de conexão entre a experiência dos povos colonizados e a experiência das mulheres como sujeitos colonizados na cultura tem algum mérito, parece que a ideia de tradução como colaboração é, na melhor das hipóteses, ambivalente.</p> |
| <p>At the same time, it occurs to me that, despite certain rather obvious obstacles, feminist translators' work can begin to take on the magical impossibility of Menard's project, and that this magical impossibility embodies both the radical potential of the feminist project as well as its political dangerousness.</p> | <p>Ao mesmo tempo, me ocorre que, apesar de alguns obstáculos bastante óbvios, o trabalho das tradutoras feministas pode começar a assumir a impossibilidade mágica do projeto de Menard, e que essa impossibilidade mágica incorpora tanto o potencial radical do projeto feminista quanto sua periculosidade política.</p> |
| <p>It is women becoming authors of the text-not collaborating with the original authors, but becoming authors themselves-that makes everyone from local pastors to conservative biblical scholars to Time magazine so nervous.</p> | <p>São as mulheres tornando-se autoras do texto – não colaborando com os autores originais, mas tornando elas mesmas em autoras – que deixavam todos, desde pastores locais a estudiosos bíblicos conservadores e a revista Time, muito nervosos.</p> |
| <p>Just as Menard's text must hang in the paradox of "same/ not same," so must the Bible written/translated by women. And the feminist translator can hope that what is true for Pierre Menard's Don Quijote is equally true for her bible-"El texto de Cervantes y el</p> | <p>Assim como o texto de Menard deve cair no paradoxo de "igual/não igual", assim deve ser a Bíblia escrita/traduzida por mulheres. E a tradutora feminista pode esperar que o que é verdade para Don Quijote de Pierre Menard seja igualmente verdade</p> |

| | |
|---|---|
| <p>de Menard son verbalmente identicos, pero el segundo es casi infinitamente mas rico." ("The text of Cervantes and that of Menard are verbally identical, but Menard's is so infinitely richer.")</p> | <p>para sua bíblia - "<i>El texto de Cervantes y el de Menard son verbalmente identicos, pero el segundo es casi infinitamente mas rico.</i>"</p> |
|---|---|

APÊNDICE 6 – TEXTO ORIGINAL 2

Feminist Choices of Early Women Bible Translators

Abstract: Translations by two early women Bible translators, Julia E. Smith (1792-1886) and Helen Barrett Montgomery (1861-1934), reflect their difference in purpose in attempting the translations as well as their level of knowledge of translation theory and linguistics. Smith translated merely for personal use in her own small society; her major concern was faithfulness to what she termed “the literal meaning.” Montgomery, on the other hand, wrote in consideration of her audience; she wanted to communicate clearly and naturally in idiomatic terms. Smith was inward-focused, whereas Montgomery was outward-focused.

Keywords: Bible translation; women translators; feminist approaches; translation theory

This paper compares and contrasts the work of two early women Bible translators, Julia E. Smith (1792- 1886) and Helen Barrett Montgomery (1861-1934), both Americans, and also contrasts them with men’s translations. Both women were feminists in the sense that they believed women were equally gifted and as able as men to decipher ancient languages and translate sacred Scripture for their own generation. Neither was interested in producing a stately, literary masterpiece suitable for liturgical use.

Julia E. Smith

Julia E. Smith produced a literal, interlinear gloss of the Bible from Hebrew and Greek into English to use in the “spirit-led” home-based Bible studies and worship groups she and her family favored over institutional churches and clergy. During one Bible study series with an acquaintance, they decided that the King James version had not given the text literally:

Over twenty years ago, when I had four sisters, a friend met with us weekly, to search the Scriptures, we being desirous to learn the exact meaning of every Greek and Hebrew word, from which King James’s forty-seven translators had taken their version of the Bible. We saw by the margin that the text had not been given literally, and it was the literal meaning we were seeking. I had studied Latin and Greek at school, and began by translating the Greek New Testament.⁶⁹

But, just as she felt no need for the organized church, she felt no need to consult commentaries

⁶⁹ Smith, “Preface to The Holy Bible”, par. 2.

or to ask scholars to review her “translation.” As a result, it was often nonsensical and unintelligible. She slavishly translated the same Greek or Hebrew root with the same English term, ignoring context and lexical sense variation across languages. She writes:

I soon gave my attention to the Hebrew, and studied it thoroughly, and wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavoring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James’s translators have wholly differed from this rule; but it appeared to us to give a much clearer understanding of the text.⁷⁰

In addition, she ignored discourse uses of grammatical tense/aspect as well as idioms. For example, she always translated *waw* consecutives with future tense, so that Genesis 1:3, rather than the Authorized Version’s “And God said, ‘Let there be light,’ and there was light,” reads: “And God will say there shall be light, and there shall be light.” In her preface she revealed her lack of understanding of Hebrew linguistics:

It seems that the original Hebrew had no regard to time, and that the Bible speaks for all ages. If I did not follow the tenses as they are, I myself should be the judge, and man must not be trusted with regard to the Word of God. I think the promiscuous use of the tenses shows that there must be something hidden, that we must search out, and not hold to the outward, for the “letter kills, but the Spirit gives life.”⁷¹

Helen Barrett Montgomery

Helen Barrett Montgomery translated the New Testament from Greek, and the American Baptist Publication Society published it in 1924 as *The Centenary Version* in celebration of its 100th anniversary.⁷²

Montgomery had studied Greek at Wellesley College and graduated in 1884. She was a Rochester, New York suffragist, founding the Women’s Educational and Industrial Union along with Susan B. Anthony to serve poor women and children in the city in what eventually became public health centers. Montgomery introduced educational reforms like kindergartens, vocational training, and health education after she was elected to the Rochester School Board in 1899, the first woman ever elected to public office in the City.

She promoted international ministries as president of the Women’s American Baptist Foreign

⁷⁰ Ibid., par. 2.

⁷¹ Ibid., par. 4.

⁷² It had originally been published in two parts, the Gospels in February, 1924, and Acts through Revelation in December, 1924.

Mission Society and traveled to various countries to visit the work. She helped found the World Wide Guild, an international missions education and recruitment organization, and published eight books on missions. She led the Northern Baptist Convention as president from 1921-22 in the height of the fundamentalist controversy, the first woman to hold that position. Montgomery taught a women's Bible study at Lake Avenue Baptist Church for 44 years, and the church licensed her to preach in 1892.

Her motivation for translating the New Testament was "to consider young people, busy Sunday- School teachers, and foreigners, and to try to make it plain."⁷³ While teaching underprivileged boys in a Bible class, the "stately and old expressions which had such a charm for the literary-minded, were a bar and a hindrance to the less educated."⁷⁴ A few of Montgomery's translations repeated their street idioms; for example, in 1 Cor 4:13, Paul complains that he and his associates "have been made, as it were, scum- o'-the-earth, the very refuse of the world, to this very hour."⁷⁵ In Mark, Jesus' statement about paying taxes refers to a "dollar."

Selected Passages of Interest to Feminists: Comparison of Julia Smith and Helen Barrett Montgomery (MNT) with the Revised Standard Version (RSV)

Rom 16:7

Julia Smith:

Embrace Andronicus and Junia, my kinsmen, and my fellowprisoners, who are distinguished among the sent, who also have been in Christ before me.

MNT:

and Andronicus and Junia, my kinsfolk and fellow prisoners, who are notable among the apostles, and who became Christians before I did.

RSV: Greet Androni'cus and Ju'nias, my kinsmen and my fellow prisoners; they are men of note among the apostles, and they were in Christ before me.

1 Cor 11:10

Julia Smith:

Therefore the woman ought to have power upon the head for the angels.

MNT:

⁷³ Montgomery, "Translating", 651

⁷⁴ Ibid., 651.

⁷⁵ Verse quotations are from The New Testament in Modern English.

For this reason the woman ought to have authority over her head, because of her guardian angels.

RSV:

That is why a woman ought to have a veil on her head, because of the angels.

References

Bullard, Roger A. "Feminine and Feminist Touches in the Centenary New Testament." *The Bible Translator*, 38:1 (1987), 118–122. Bushnell, Katharine C. *God's Word to Women: One Hundred Bible Studies on Woman's Place in the Divine Economy*. St. Paul, MN: Christians for Biblical Equality, 2003. Also available at https://godstowomen.files.wordpress.com/2010/10/gods_word_to_women1.pdf.

Dowd, Sharyn. "Helen Barrett Montgomery's 'Centenary Translation of the New Testament', Characteristics and Influences." *Perspectives in Religious Studies* 19:2 (1992), 133–150.

God's Word to Women. <http://www.godstowomen.org/Dowd.htm>. Accessed 14 July 2011.

Housley, Kathleen L. "The Letter Kills but the Spirit Gives Life: Julia Smith's Translation of the Bible." *The New England Quarterly*, 61:4 (1988), 555–568.

Julia Smith's Version of the Bible. <http://bible-researcher.com/julia-smith.html>

Montgomery, Helen Barrett. *The Centenary Translation*. Republished as *The New Testament in Modern English*. Valley Forge, PA: Judson, 1954, and as *The Montgomery New Testament*. Nashville: Holman, 1988.

Montgomery, Helen Barrett. "Translating the New Testament." *The Baptist*, 6 (1925-26), 651-652.

Shaw, Susan J. *A Religious History of Julia Evelina Smith's 1876 Translation of the Holy Bible: Doing More Than Any Man Has Ever Done*. San Francisco: Mellen Research University Press, 1993.

Smith, Julia E. *The Holy Bible: Containing the Old and New Testaments: Translated Literally from the Original Tongues*. Hartford, CT: American, 1876.

Stanton, Elizabeth Cady, et al. *The Woman's Bible*. Mineola, NY: Dover, 2003.

Stern, Madeline B. "The First Feminist Bible: The 'Alderney' Edition, 1876." *Quarterly Journal of the Library of Congress*, 34:1 (1977), 23-31.

Vedder, H. C. "Mrs. Montgomery's New Testament." *The Baptist*, 6 (1925-26), 312.

APÊNDICE 7 - TRADUÇÃO ESPELHADA AO ORIGINAL 2

| Feminist Choices of Early Women Bible Translators | Escolhas feministas das primeiras tradutoras da Bíblia |
|--|---|
| <p>Abstract: Translations by two early women Bible translators, Julia E. Smith (1792-1886) and Helen Barrett Montgomery (1861-1934), reflect their difference in purpose in attempting the translations as well as their level of knowledge of translation theory and linguistics. Smith translated merely for personal use in her own small society; her major concern was faithfulness to what she termed “the literal meaning.” Montgomery, on the other hand, wrote in consideration of her audience; she wanted to communicate clearly and naturally in idiomatic terms. Smith was inward-focused, whereas Montgomery was outward-focused.</p> | <p>Resumo: Traduções realizadas por duas das primeiras tradutoras da Bíblia, Julia E. Smith (1792-1886) e Helen Barrett Montgomery (1861-1934), refletem a diferença de propósito na tentativa das traduções, bem como o nível de conhecimento da teoria da tradução e da linguística. Smith traduziu apenas para seu uso pessoal e de sua pequena comunidade; sua maior preocupação era a fidelidade ao que ela chamava "significado literal". Montgomery, por outro lado, escreveu em consideração ao seu público; quis comunicar-se clara e naturalmente em termos idiomáticos. Smith estava focado no interior, enquanto Montgomery estava focado no exterior.</p> |
| <p>This paper compares and contrasts the work of two early women Bible translators, Julia E. Smith (1792- 1886) and Helen Barrett Montgomery (1861-1934), both Americans, and also contrasts them with men’s translations. Both women were feminists in the sense that they believed women were equally gifted and as able as men to decipher ancient languages and translate sacred Scripture for their own generation. Neither was interested in producing a stately, literary masterpiece suitable for liturgical use.</p> | <p>Este artigo compara e contrasta o trabalho de duas primeiras tradutoras da Bíblia, Julia E. Smith (1792 - 1886) e Helen Barrett Montgomery (1861-1934), ambas americanas, e também os contrasta com as traduções dos homens. Tanto Smith, quanto Montgomery eram mulheres feministas no sentido de que acreditavam que as mulheres eram igualmente dotadas e capazes como os homens de decifrar línguas antigas e traduzir escrituras sagradas para sua própria geração. Nenhuma delas estavam interessadas em</p> |

| | |
|---|--|
| | produzir uma obra-prima literária imponente e adequada para uso litúrgico. |
| Julia E. Smith | Julia E. Smith |
| Julia E. Smith produced a literal, interlinear gloss of the Bible from Hebrew and Greek into English to use in the “spirit-led” home-based Bible studies and worship groups she and her family favored over institutional churches and clergy. During one Bible study series with an acquaintance, they decided that the King James version had not given the text literally: | Julia E. Smith produziu um glossário literal e interlinear da Bíblia do hebraico e do grego para o inglês, com a intenção de usá-lo nos estudos bíblicos domiciliares "guiados pelo espírito" e nos grupos de adoração que ela e sua família preferia, ao invés das igrejas institucionais e ao clero. Durante uma série de estudos da Bíblia, com um conhecido, eles decidiram que a versão King James não tinha oferecido ao texto literalidade: |
| Over twenty years ago, when I had four sisters, a friend met with us weekly, to search the Scriptures, we being desirous to learn the exact meaning of every Greek and Hebrew word, from which King James’s forty-seven translators had taken their version of the Bible. We saw by the margin that the text had not been given literally, and it was the literal meaning we were seeking. I had studied Latin and Greek at school, and began by translating the Greek New Testament. | Cerca de vinte anos atrás, quando eu tinha quatro irmãs, um amigo se reunia conosco semanalmente, para pesquisar as Escrituras, desejando aprender o significado exato de cada palavra grega e hebraica, da qual os quarenta e sete tradutores da King James haviam realizado sua versão da Bíblia. Observamos pela conjuntura que o texto não havia sido realizado literalmente, e era o sentido literal que procurávamos. Eu tinha estudado Latim e o Grego na escola, e comecei traduzindo o Novo Testamento grego. |
| But, just as she felt no need for the organized church, she felt no need to consult commentaries or to ask scholars to review her “translation.” As a result it was often nonsensical and unintelligible. She slavishly translated the same Greek or Hebrew root with the same English term, ignoring context and lexical sense variation across languages. She writes: | Mas, assim como ela não sentia necessidade da igreja organizada, ela não sentiu necessidade de consultar comentários ou pedir aos estudiosos que revisassem sua "tradução". Como resultado, sua tradução era muitas vezes absurda e ininteligível. Smith traduziu a mesma raiz grega ou hebraica com |

| | |
|--|--|
| | o mesmo termo em inglês, ignorando o contexto e a variação do sentido léxico entre as línguas. Ela escreveu: |
| I soon gave my attention to the Hebrew, and studied it thoroughly, and wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavoring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James's translators have wholly differed from this rule; but it appeared to us to give a much clearer understanding of the text. | Logo dei minha atenção ao hebraico, estudei-o minuciosamente, e escrevi palavra por palavra, sem colocar ideias próprias, mas tentando colocar a mesma palavra em inglês para a mesma palavra hebraica ou grega, em todos os termos, enquanto as/os tradutoras/es da King James divergiam totalmente desta regra; mas pareceu nos dar uma compreensão muito mais clara do texto. |
| In addition, she ignored discourse uses of grammatical tense/aspect as well as idioms. For example, she always translated <i>waw</i> consecutives with future tense, so that Genesis 1:3, rather than the Authorized Version's "And God said, 'Let there be light,' and there was light," reads: "And God will say there shall be light, and there shall be light." In her preface she revealed her lack of understanding of Hebrew linguistics: | Além disso, ela ignorou os usos do discurso de tempo/aspecto gramatical, bem como as expressões idiomáticas. Por exemplo, ela traduziu consecutivos <i>waw</i> com o tempo futuro, de modo que Gênesis 1:3, em vez da Versão Autorizada que dizia "E Deus disse: 'Haja luz', e houve luz", diz: "E Deus dirá que haverá luz, e haverá luz." Em seu prefácio revelou, a falta da compreensão da linguística Hebraica: |
| It seems that the original Hebrew had no regard to time, and that the Bible speaks for all ages. If I did not follow the tenses as they are, I myself should be the judge, and man must not be trusted with regard to the Word of God. I think the promiscuous use of the tenses shows that there must be something hidden, that we must search out, and not hold to the outward, for the "letter kills, but the Spirit gives life." | Parece que o hebraico original não tinha respeito ao tempo, de modo que a Bíblia fala para todas as épocas. Se eu não seguir os tempos como eles são, eu mesma deveria ser a juíza e o homem não deveria ser confiável em relação à Palavra de Deus. Penso que o uso promiscuo dos tempos mostra que deve haver algo escondido, que devemos procurar, e não se apegar ao exterior, pois a "letra mata, mas o Espírito vivifica". |
| Helen Barrett Montgomery | Helen Barrett Montgomery |

| | |
|--|---|
| <p>Helen Barrett Montgomery translated the New Testament from Greek, and the American Baptist Publication Society published it in 1924 as <i>The Centenary Version</i> in celebration of its 100th anniversary.</p> | <p>Helen Barrett Montgomery traduziu o Novo Testamento do Grego, e a <i>American Baptist Publication Society</i> o publicou em 1924 como A Versão Centenária em celebração do seu 100º aniversário.</p> |
| <p>Montgomery had studied Greek at Wellesley College and graduated in 1884. She was a Rochester, New York suffragist, founding the Women's Educational and Industrial Union along with Susan B. Anthony to serve poor women and children in the city in what eventually became public health centers. Montgomery introduced educational reforms like kindergartens, vocational training, and health education after she was elected to the Rochester School Board in 1899, the first woman ever elected to public office in the City.</p> | <p>Montgomery tinha estudado o grego na faculdade de Wellesley e tinha-se graduado em 1884. Ela era uma sufragista de Rochester, Nova York, que fundou a União Educacional e Industrial das Mulheres juntamente com Susan B. Anthony para servir a mulheres e as crianças pobres na cidade em que se transformou eventualmente em centros de saúde pública. Montgomery introduziu reformas educacionais como creches, formação profissional e educação em saúde depois que ela foi eleita para o Conselho Escolar de Rochester em 1899, se tornando a primeira mulher eleita para um cargo público na cidade.</p> |
| <p>She promoted international ministries as president of the Women's American Baptist Foreign Mission Society and traveled to various countries to visit the work. She helped found the World Wide Guild, an international missions education and recruitment organization, and published eight books on missions. She led the Northern Baptist Convention as president from 1921-22 in the height of the fundamentalist controversy, the first woman to hold that position. Montgomery taught a women's Bible study at Lake Avenue Baptist Church</p> | <p>Promoveu ministérios internacionais como presidente da <i>Women's American Baptist Foreign Mission Society</i> e viajou para vários países para visitar a obra. Ela ajudou a fundar a <i>World Wide Guild</i>, uma organização internacional de educação e recrutamento para missões, e publicou oito livros sobre missões. Ela liderou a Convenção Batista do Norte como presidente, no período de 1921 a 1922, no auge da controvérsia fundamentalista, se tornou a primeira mulher a ocupar esse cargo. Montgomery ministrou um estudo bíblico para mulheres na Igreja</p> |

| | |
|---|---|
| for 44 years, and the church licensed her to preach in 1892. | Batista da Lake Avenue por 44 anos, e a igreja a licenciou para pregar em 1892. |
| Her motivation for translating the New Testament was “to consider young people, busy Sunday- School teachers, and foreigners, and to try to make it plain.” While teaching underprivileged boys in a Bible class, the “stately and old expressions which had such a charm for the literary-minded, were a bar and a hindrance to the less educated.” A few of Montgomery’s translations repeated their street idioms; for example, in 1 Cor 4:13, Paul complains that he and his associates “have been made, as it were, scum- o’-the-earth, the very refuse of the world, to this very hour.” In Mark, Jesus’ statement about paying taxes refers to a “dollar.” | Sua motivação para traduzir o Novo Testamento foi "levar em consideração os jovens, professores ocupados da Escola Dominical e estrangeiros, e tentar torná-lo simples". Enquanto ensinava meninos desprivilegiados em uma aula sobre a Bíblia, as "expressões majestosas e antigas que tinham tanto charme para as mentes literárias eram uma barreira e um obstáculo para os menos instruídos". Algumas das traduções de Montgomery repetiram suas expressões idiomáticas; por exemplo, em 1 Coríntios 4:13, Paulo reclama que ele e seus associados "foram feitos, por assim dizer, escória da terra, o próprio refugio do mundo, até esta hora." Em Marcos, a declaração de Jesus sobre o pagamento de impostos refere-se a um "dólar". |
| Selected Passages of Interest to Feminists: Comparison of Julia Smith and Helen Barrett Montgomery (MNT) with the Revised Standard Version (RSV) | Passagens selecionadas de interesse para feministas: Comparação de Julia Smith e Helen Barrett Montgomery (MNT) com a Versão Padrão Revisada (RSV) |
| Rom 16:7 | ROM 16:7 |
| Julia Smith: | Julia Smith: |
| Embrace Andronicus and Junia, my kinsmen, and my fellowprisoners, who are distinguished among the sent, who also have been in Christ before me. | Abrace Andrônico e Júnia, meus parentes e meus companheiros de prisão, que são distintos entre os enviados, que também estiveram em Cristo antes de mim. |
| MNT: | MNT : |
| and Andronicus and Junia, my kinsfolk and fellow prisoners, who are notable among the apostles, and who became Christians before I | E Andrônico e Júnia, minha parentela e companheiros de prisão, que são notáveis |

| | |
|--|--|
| did. | entre os apóstolos, e que se tornaram cristãos antes de mim. |
| RSV: | RSV: |
| Greet Androni'cus and Ju'nias, my kinsmen and my fellow prisoners; they are men of note among the apostles, and they were in Christ before me. | Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão; eles são homens notáveis entre os apóstolos, e eles estavam em Cristo antes de mim. |
| 1 Cor 11:10 | 1 Cor 11:10 |
| Julia Smith: | Julia Smith: |
| Therefore the woman ought to have power upon the head for the angels. | Portanto, a mulher deve ter poder sobre a cabeça para os anjos. |
| MNT: | MNT: |
| For this reason the woman ought to have authority over her head, because of her guardian angels. | Para esta razão a mulher deve ter a autoridade sobre sua cabeça, por causa de seus anjos da guarda. |
| RSV: | RSV: |
| That is why a woman ought to have a veil on her head, because of the angels. | É por isso que uma mulher deve ter um véu em sua cabeça, por causa dos anjos. |

APÊNDICE 8 - TEXTO 2 TRADUZIDO
ESCOLHAS FEMINISTAS DAS PRIMEIRAS TRADUTORAS DA BÍBLIA
FEMINIST CHOICES OF EARLY WOMEN BIBLE TRANSLATORS

Elizabeth Ann Remington Willet

Resumo: Traduções realizadas por duas das primeiras tradutoras da Bíblia, Julia E. Smith⁷⁶ (1792-1886) e Helen Barrett Montgomery⁷⁷ (1861-1934), refletem a diferença de propósito na tentativa das traduções, bem como o nível de conhecimento da teoria da tradução e da linguística. Smith traduziu apenas para seu uso pessoal e de sua pequena comunidade; sua maior preocupação era a fidelidade ao que ela chamava "significado literal". Montgomery, por outro lado, escreveu em consideração ao seu público; quis comunicar-se clara e naturalmente em termos idiomáticos. Smith estava focado no interior, enquanto Montgomery estava focado no exterior.

Palavras-chave: Tradução da Bíblia; mulheres tradutoras; abordagens feministas; teoria da tradução

Esse artigo compara e contrasta o trabalho das duas primeiras tradutoras da Bíblia, Julia E. Smith (1792 - 1886) e Helen Barrett Montgomery (1861-1934), ambas americanas, e também os contrasta com as traduções dos homens. Tanto Smith, quanto Montgomery eram mulheres feministas no sentido de que acreditavam que as mulheres eram igualmente dotadas

⁷⁶ Julia E. Smith (1792-1886), foi uma ativista do sufrágio feminino americano e a primeira mulher a traduzir a Bíblia em seus idiomas originais para o inglês. Smith tinha um conhecimento prático de latim, grego e hebraico e começou a realizar a tradução estritamente literal da Bíblia, traduzindo palavra por palavra do grego e hebraico para o inglês. Ela foi considerada a primeira mulher a realizar a tradução completa da Bíblia para o inglês. Disponível em: https://librivox.org/author/11378?primary_key=11378&search_category=author&search_page=1&search_form=get_results. Acesso em: 23 abr 2022.

⁷⁷ Helen Barret Montgomery (18621-1934), era uma ativista de missões femininas e no exterior, foi a primeira mulher a publicar uma tradução em inglês do Centenário do Novo Testamento (1924) do grego original. Disponível em: <https://www.bu.edu/missiology/missionary-biography/l-m/montgomery-helen-barrett-1861-1934/>. Acesso em: 23 abr 2022.

e capazes como os homens de decifrar línguas antigas e traduzir escrituras sagradas para sua própria geração. Nenhuma delas estavam interessadas em produzir uma obra-prima literária imponente e adequada para uso litúrgico.

Julia E. Smith

Julia E. Smith produziu um glossário literal e interlinear da Bíblia do hebraico e do grego para o inglês, com a intenção de usá-lo nos estudos bíblicos domiciliares "guiados pelo espírito" e nos grupos de adoração que ela e sua família preferia ao invés das igrejas institucionais e ao clero. Durante uma série de estudos da Bíblia, com um conhecido, eles decidiram que a versão King James⁷⁸ não tinha oferecido ao texto literalidade:

Cerca de vinte anos atrás, quando eu tinha quatro irmãs, alguém do nosso círculo de amizade se reunia conosco semanalmente, para pesquisar as Escrituras, desejando aprender o significado exato de cada palavra grega e hebraica, da qual os quarenta e sete tradutores da King James haviam realizado sua versão da Bíblia. Observamos pela conjuntura que o texto não havia sido realizado literalmente, e era o sentido literal que procurávamos. Eu tinha estudado Latim e o Grego na escola, e comecei traduzindo o Novo Testamento grego.

Mas, assim como ela não sentia necessidade da igreja organizada, ela não sentiu necessidade de consultar comentários ou pedir aos estudiosos que revisassem sua "tradução". Como resultado, sua tradução era muitas vezes absurda e inteligível. Smith traduziu a mesma

⁷⁸ A Bíblia *The King James Version*, é o nome dado a versão da Bíblia em inglês solicitada pelo rei James I da Inglaterra. Essa versão se tornou o padrão cristão em língua inglesa e é considerada uma das versões mais precisas. Foi traduzida por cerca de 54 tradutores em um período de 7 anos. Disponível em: <https://www.kingjamesbibleonline.org/King-James-Version/>. Acesso em: 23 abr 2022.

raiz grega ou hebraica com o mesmo termo em inglês, ignorando o contexto e a variação do sentido léxico entre as línguas. Ela escreveu:

Logo dei minha atenção ao hebraico, estudei-o minuciosamente, e escrevi palavra por palavra, sem colocar ideias próprias, mas tentando colocar a mesma palavra em inglês para a mesma palavra hebraica ou grega, em todos os termos, enquanto as/os tradutora/or da King James divergiam totalmente dessa regra; mas pareceu nos dar uma compreensão muito mais clara do texto.

Além disso, ela ignorou os usos do discurso de tempo/aspecto gramatical, bem como as expressões idiomáticas. Por exemplo, ela traduziu consecutivos *waw* com o tempo futuro, de modo que Gênesis 1:3, em vez da Versão Autorizada que dizia "E Deus disse: 'Haja luz', e houve luz", diz: "E Deus dirá que haverá luz, e haverá luz." Em seu prefácio revelou, a falta da compreensão da linguística Hebraica:

Parece que o hebraico original não tinha respeito ao tempo, de modo que a Bíblia fala para todas as épocas. Se eu não seguir os tempos como eles são, eu mesma deveria ser a juíza e o homem não deveria ser confiável em relação à Palavra de Deus. Penso que o uso promiscuo dos tempos mostra que deve haver algo escondido, que devemos procurar, e não se apegar ao exterior, pois a "letra mata, mas o Espírito vivifica".

Helen Barrett Montgomery

Helen Barrett Montgomery traduziu o Novo Testamento do Grego, e a *American Baptist Publication Society* o publicou em 1924 como *A Versão Centenária* em celebração do seu 100º aniversário.

Montgomery estudou o grego na faculdade de Wellesley e graduou-se em 1884. Ela era uma sufragista de Rochester, Nova York, fundando a União Educacional e Industrial das

Mulheres juntamente com Susan B. Anthony para servir a mulheres e as crianças pobres na cidade, os quais eventualmente se tornaram centros de saúde pública. Montgomery introduziu reformas educacionais como creches, formação profissional e educação em saúde depois que ela foi eleita para o Conselho Escolar de Rochester em 1899, se tornando a primeira mulher eleita para um cargo público na cidade.

Promoveu ministérios internacionais como presidente da *Women's American Baptist Foreign Mission Society* e viajou para vários países para visitar a obra. Ela ajudou a fundar a *World Wide Guild*, uma organização internacional de educação e recrutamento para missões, e publicou oito livros sobre missões. Ela liderou a Convenção Batista do Norte como presidente, no período de 1921 a 1922, no auge da controvérsia fundamentalista, sendo a primeira mulher a ocupar esse cargo. Montgomery ministrou um estudo bíblico para mulheres na Igreja Batista da Lake Avenue por 44 anos, e a igreja a licenciou para pregar em 1892.

Sua motivação para traduzir o Novo Testamento foi "levar em consideração os jovens, professores ocupados da Escola Dominical e estrangeiros, e tentar torná-lo simples". Enquanto ensinava meninos desprivilegiados em uma aula sobre a Bíblia, as "expressões majestosas e antigas que tinham tanto charme para as mentes literárias eram uma barreira e um obstáculo para os menos instruídos". Algumas das traduções de Montgomery repetiram suas expressões idiomáticas; por exemplo, em 1 Coríntios 4:13, Paulo reclama que ele e seus associados "foram feitos, por assim dizer, escória da terra, o próprio refugio do mundo, até esta hora." Em Marcos, a declaração de Jesus sobre o pagamento de impostos refere-se a um "dólar".

Passagens selecionadas de interesse para feministas: Comparação de Julia Smith e Helen Barrett Montgomery (MNT) com a Versão Padrão Revisada (RSV)

ROM 16:7

Julia Smith:

Abrace Andrônico e Júnia, meus parentes e meus companheiros de prisão, que são distintos entre os enviados, que também estiveram em Cristo antes de mim.

MNT:

E Andrônico e Júnia, minha parentela e companheiros de prisão, que são notáveis entre os apóstolos, e que se tornaram cristãos antes de mim.

RSV:

Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão; eles são homens notáveis entre os apóstolos, e eles estavam em Cristo antes de mim.

1 Cor 11:10**Julia Smith:**

Portanto, a mulher deve ter poder sobre a cabeça para os anjos.

MNT:

Por essa razão a mulher deve ter a autoridade sobre sua cabeça, por causa de seus anjos da guarda.

RSV:

É por isso que uma mulher deve ter um véu em sua cabeça, por causa dos anjos.